



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de São José do Rio Preto

Renato Sergio Ferreira Pereira

E se mudássemos o passado? Resgate histórico e a cultura das Terras Altas na Escócia do Século XVIII, nas obras *Outlander* (1991) e *Dragonfly in Amber* (1992), de Diana Gabaldon

São José do Rio Preto
2023

Renato Sergio Ferreira Pereira

E se mudássemos o passado? Resgate histórico e a cultura das Terras Altas na Escócia do Século XVIII, nas obras *Outlander* (1991) e *Dragonfly in Amber* (1992), de Diana Gabaldon

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Giséle Manganelli Fernandes

São José do Rio Preto
2023

P436s	<p>Pereira, Renato Sergio Ferreira</p> <p>E se mudássemos o passado? Resgate histórico e a cultura das Terras Altas na Escócia dos século XVIII, nas obras Outlander e Dragonfly in Amber, de Diana Gabaldon / Renato Sergio Ferreira Pereira. -- São José do Rio Preto, 2023</p> <p>142 p. : tabs., fotos</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto</p> <p>Orientadora: Gisèle Manganelli Fernandes</p> <p>1. Outlander. 2. Dragonfly in Amber. 3. Diana Gabaldon. 4. Cultura highlander. 5. Metaficção historiográfica. I. Título.</p>
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Renato Sergio Ferreira Pereira

**E se mudássemos o passado? Resgate histórico e a cultura das Terras Altas
na Escócia do século XVIII, nas obras Outlander (1991) e Dragonfly in
Amber (1992)**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Comissão Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Giséle Manganelli Fernandes
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientador

Prof. Dr. Daniel Puglia
USP – Câmpus de São Paulo

Prof^ª. Dr^ª. Norma Wimmer
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
14 de abril de 2023

AGRADECIMENTOS

Às grandes mulheres da minha vida. Minha mãe, Irene; minha avó, Neusa (*in memoriam*); minha tia, Maria das Graças (Nena); e minha irmã, Bianca. Ser o primeiro da família a entrar no ensino superior é algo extremamente significativo e isso só foi possível graças àquelas que me antecederam e me acompanharam na minha jornada.

Ao Reginaldo pelo afeto, pelo carinho e pelo apoio no meu dia a dia. Obrigado por me incentivar sempre e ser meu porto e calmaria nos dias difíceis. Ter alguém para dividir as alegrias e as tristezas, faz a vida mais leve.

Ao meu amigo Jaime por sempre ser um bom ouvinte; pelas palavras de conforto nos momentos de desespero; por compartilhar suas experiências e sanar dúvidas acadêmicas.

À minha amiga Patrícia por todo apoio e incentivo nessa nossa caminhada juntos, por acreditar em mim, mesmo quando eu mesmo duvidei. Apesar dos quilômetros de distância, te carrego comigo.

À Beatriz por toda ajuda nas dúvidas burocráticas e por dizer uma frase que carreguei comigo quando me sentia deslocado: “A universidade também é para você”.

Ao Rodolfo por maratonar *Outlander* comigo. Ficamos maravilhados e intrigados com todo aquele universo: viagem no tempo; tentativa de mudar o passado; mistura de história e ficção. A partir da série televisiva descobri a saga de livros e esse universo se ampliou mais ainda.

À minha psicóloga Ananda por todas as conversas durante minha pesquisa. Sem nossos encontros não teria conseguido chegar até aqui.

À professora Gisèle por sempre ser gentil e incentivadora e, principalmente, por adotar a ideia dessa dissertação e entrar nessa empreitada comigo como minha orientadora.

Ao professor Daniel Puglia pela participação na minha qualificação e pelos gentis e valiosos apontamentos e direcionamentos do meu trabalho.

À professora Norma Wimmer por concordar em participar da minha banca de qualificação e pelas importantes correções sobre meu trabalho.

Aos professores do PPGLetras pelos ensinamentos e aos funcionários da Seção de Pós-graduação por todo auxílio.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço o apoio financeiro, importantíssimo para dedicação e desenvolvimento da pesquisa.

“A história se faz com documentos e fontes,
com ideias e imaginação.”
Vavy Pacheco Borges (1993, p. 46)

RESUMO: Esta pesquisa analisa os romances *Outlander* (1991) e *Dragonfly in Amber* (1992), da autora estadunidense Diana Gabaldon. O enredo retrata as tentativas de Claire Beauchamp, uma enfermeira do século XX, cuja viagem no tempo ocorre acidentalmente através de um círculo de pedras, e James Fraser, um escocês do século XVIII, de impedirem o último levante Jacobita (1745), na Escócia. Por meio de Claire, eles têm consciência de que o conflito entre a Inglaterra e a Escócia culminará na Batalha de Culloden, onde os ingleses massacram o povo escocês das Terras Altas. A batalha foi um momento decisivo para a sociedade escocesa do século XVIII tendo, como consequência, sua cultura suprimida durante 100 anos. Além das milhares de vidas perdidas no campo de batalha, o sistema de clãs, que perdurou por muitos séculos, foi abolido, e o uso da tartã, famoso tecido xadrez, foi proibido. Os romances resgatam esse importante e crucial momento na história da Escócia. Desde a Revolução Gloriosa, o povo das Terras Altas sonhava com a independência do jugo inglês e com um rei escocês e católico novamente no trono; sonho dizimado em Culloden. Para análise das obras, utilizaremos o conceito de “metaficção historiográfica” cunhado por Hutcheon (1991). Pela “metaficção historiográfica” discute-se que a história, assim como a literatura, são discursos, desse modo, construtos linguísticos, carregando em si ideologias, crenças, visões de mundo dos historiadores. Retomar o movimento jacobita e suas consequências de forma crítica pela visão da protagonista Claire impede que a história se encerre como uma única verdade, possibilitando a apresentação de novas perspectivas. Os romances trazem o lado dos que perderam a guerra e foram subjugados, apresentando-nos seus anseios, desejos e sua rica cultura suprimida. Portanto, a história pode ser reconstruída a partir de novos olhares e questionamentos lançados sobre o passado.

PALAVRAS-CHAVE: Metaficção historiográfica. Cultura escocesa das *Highlands*. Diana Gabaldon. *Outlander*. *Dragonfly in Amber*.

**WHAT IF WE COULD CHANGE THE PAST? RESCUING HISTORY AND
HIGHLANDER CULTURE IN 18th CENTURY SCOTLAND IN THE NOVELS
OUTLANDER (1991) AND *DRAGONFLY IN AMBER* (1992), BY DIANA GABALDON**

ABSTRACT: This study analyzes the novels *Outlander* (1991) and *Dragonfly in Amber* (1992), by the American author Diana Gabaldon. The plots depict the attempts of Claire Beauchamp, a 20th-century nurse, whose time travel accidentally occurs through a stone circle, and James Fraser, a 18th-century Scotsman, to stop the last Jacobite uprising (1745) in Scotland. Through Claire, they become aware that the conflict between England and Scotland will culminate in the Battle of Culloden, where the English army massacres the Scottish people of the Highlands. The battle was a turning point for 18th century Scottish society and, as a result, their culture was suppressed for 100 years. In addition to the thousands of lives lost on the battlefield, the clan system, which lasted for many centuries, was abolished, and the use of tartan, the famous fabric, was prohibited. The novels approach this important and crucial moment in the history of Scotland. Ever since the Glorious Revolution, the people of the Highlands had dreamed of independence from the English government and of a Scottish king on the throne. However, this dream was wiped out at Culloden. To analyze the texts, the concept of “historiographic metafiction”, coined by Hutcheon (1991), was used. Through “historiographic metafiction”, it is argued that history, as well as literature, are discourses, thus, linguistic constructs, carrying within themselves ideologies, beliefs, the worldviews of historians. Bringing the Jacobite movement and its consequences in a critical way through the vision of the protagonist Claire prevents the story from ending up as the only possible historical truth, allowing the presentation of multiple perspectives. The novels bring the side of those who lost the war and were subjugated, providing us with their feelings, desires and their rich suppressed culture. Therefore, history can be reconstructed from new angles and questions about the past.

KEY WORDS: Historiographic Metafiction. Highlander Scottish Culture. Diana Gabaldon. *Outlander*. *Dragonfly in Amber*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Árvore genealógica - Casa Stuart	26
Figura 2 – Culloden <i>Battlefield</i>	65
Figura 3 – Estrutura dos clãs escoceses no tempo e espaço	69
Figura 4 – Clava Cairns	79
Figura 5 – Alternância de vozes narrativas	109
Figura 6 – Túmulo coletivo, Batalha de Culloden	112
Quadro 1 – Personagens de <i>Outlander</i> e <i>Dragonfly in Amber</i>	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. A HISTÓRIA OFICIAL: OS STUARTS, O PARLAMENTO E O MOVIMENTO JACOBITA	17
1.1 Um rei para dois reinos: Parlamento contra Coroa	17
1.2 Revolução Gloriosa	25
1.3 Movimento Jacobita	29
1.4 União das Coroas	32
1.5 O rei além-mar: Casa Hanover e a Revolta Jacobita de 1715	35
1.6 Revolta de 1745: O caminho para a Batalha de Culloden	40
1.7 Pós-1745: fim do sistema de clãs e diáspora	45
2. AUTORA E OBRAS	47
2.1 Quem é Diana Gabaldon?	47
2.1.1 Vida profissional.....	48
2.2 Início das narrativas	54
2.3 Estrutura, tempo e espaço nas narrativas	62
3. HISTÓRIA INTERROMPIDA: CULTURA <i>HIGHLANDER</i>	67
3.1 Cultura <i>highlander</i>	67
3.2 A forasteira	81
3.3 Escócia x Inglaterra	87
4. O OUTRO LADO DA HISTÓRIA: <i>METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA</i>	89
4.1 Papel do historiador no fazer histórico	89
4.2 História e Literatura	93
4.2.1 Há de fato uma delimitação?.....	93
4.3 Literatura e História	95

4.3.1 Romance histórico clássico: antecedentes.....	95
4.3.2 <i>Waverley</i> , de Sir Walter Scott.....	98
4.4 Metaficção historiográfica em <i>Outlander</i> e <i>Dragonfly in Amber</i>	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	139

Introdução

As Terras Altas que foram habitadas pelas tribos celtas e posteriormente pelos clãs descendentes trazem um ar de mistério, misturada a crenças e tradições. Com amor à sua terra, os *highlanders* viviam entre as montanhas, lagos e vales em uma rica cultura composta por homens e mulheres trabalhadores do campo. Guiados por um líder, tinham um forte senso de comunidade, todos eram considerados da mesma família. Honra e coragem foram dois adjetivos dos *highlanders* que a história preservou para a contemporaneidade. Honra para manter suas palavras e coragem para guerrear e lutar contra os inimigos pelo o que acreditavam ser o certo. Círculos de pedras são apenas uma das heranças dos povos antigos, havia também a crença na existência das fadas, criaturas subterrâneas que sequestravam pessoas para seus mundos ou até mesmo a necessidade de fazer um sacrifício de fundação para proteger uma nova casa construída contra os espíritos da terra. O meio de vida da cultura *highlander* persistiu e resistiu por muitos séculos, mesmo tendo uma história conturbada com sua vizinha Inglaterra. Uma nação poderosa que ditará o futuro da Escócia e pressionará seu próprio meio de vida para os ditos “selvagens” escoceses.

Os livros de história nem sempre foram justos com seus personagens. Por muito tempo, a história foi dominada e retratada por determinados grupos enquanto outros eram relegados a visões estereotipadas ou simplesmente apagados como se suas participações nos eventos não tivessem qualquer importância. Perdia-se, assim, outras visões de mundo. Devido a esse apagamento, dificilmente encontraremos uma história escrita e narrada por um antigo *highlander*, apenas a visão de quem os retratou por fora daquela sociedade. Nessa discussão, entra a importância da literatura, principalmente, a pós-moderna, em permitir que a história oficial não se encerre como uma única verdade absoluta. Por meio da literatura, podemos compreender e criticar a forma como a história foi construída e resgatar outros pontos de vista de um mesmo período histórico.

Os livros *Outlander* e *Dragonfly in Amber*, escritos pela estadunidense Diana Gabaldon, publicados em 1991 e 1992, respectivamente, trazem a história para o centro da narrativa. Somos inseridos na cultura *highlander*, não por meio de personagens históricos, mas pelas pessoas comuns, construídas e imaginadas pela autora. Pessoas que representam essa cultura, as quais até poderiam ter existido, porém foram apagadas em um momento histórico decisivo para a Escócia, o último levante jacobita de 1745.

A narrativa de *Outlander* tem como protagonista Claire Elizabeth Beauchamp, uma mulher inglesa do século XX. Ela trabalhou como enfermeira na Segunda Guerra Mundial,

separada de Frank, seu marido, um historiador jacobita. A paisagem das Terras Altas, em Inverness, foi o local escolhido para o casal se reconectar, como uma segunda lua de mel. Sozinha, em uma visita a um círculo de pedras, como em *Stonehenge*, na área rural da cidade, Claire depara-se com algo inexplicável, as pedras gritam, atraindo a personagem para sua direção. Atordoada, ela atravessa a fenda da pedra mais alta e retorna para o passado, encontrando uma sociedade patriarcal, no século XVIII, em um sistema de clãs. Os leitores, assim como Claire, tornam-se estrangeiros tendo um primeiro contato com um tipo de sociedade não mais existente, à beira de uma convulsão, uma guerra que se aproxima entre os clãs das Terras Altas e o governo inglês.

A desconfiança sobre Claire é grande, pois uma inglesa com um passado misterioso pode ser uma espiã do governo, enquanto Jonathan, antepassado de Frank, membro do exército inglês, acredita que ela seja uma jacobita auxiliando os clãs. Para se proteger, Claire é forçada a se casar com James Fraser. A amizade entre os dois torna-se uma paixão ao ponto de ela decidir viver no passado, mesmo com todos os perigos. O mais iminente é o último levante. Os clãs partidários do rei exilado, James, irão tentar derrubar o Governo. Claire sabe o que os aguarda: massacre, carnificina, exílio e proibição da cultura, ou seja, fim do sistema de clãs. Agora ela era uma escocesa por casamento, não poderia deixar as pessoas a quem se afeiçãoou e a cultura que aprendeu a amar morrerem. A única alternativa seria tentar mudar o passado, impedir o conflito. Em *Dragonfly in Amber* temos a ida de Claire e James para França, infiltrando-se na alta sociedade a fim de descobrir os planos jacobitas e impedir que fundos sejam angariados para a causa.

As narrativas trazem uma junção de literatura, história e cultura. O objetivo central deste trabalho é analisar de que modo é construído o resgate histórico por Gabaldon, pois a narrativa traz uma outra perspectiva para os acontecimentos históricos. Dessa vez, não pela visão oficial, mas pela visão daqueles que perderam a última insurreição e sofreram as consequências, como milhares de morte e fim da cultura, assim como mencionamos anteriormente. Desse modo, o trabalho foi dividido em quatro capítulos.

No primeiro capítulo intitulado “A história oficial: os Stuarts, o Parlamento e o Movimento Jacobita”, analisamos os antecedentes históricos da narrativa e os eventos que a compõem como pano de fundo para compreender a dimensão do Movimento Jacobita no qual os protagonistas estão envolvidos. Nos antecedentes, trazemos o início da união da Inglaterra e da Escócia. Sem herdeiros, Elizabeth, a última Tudor, deixa o trono para o primo escocês, James, neto de Margaret Tudor. Essa nova dinastia travará conflitos com os ingleses. James e seus descendentes acreditavam no direito divino de governança e não esperavam encontrar

uma instituição forte como o Parlamento inglês. Essa instituição prezava que o rei não governava o país sozinho e tampouco estava acima das leis. Outro conflito dizia respeito à religião. O país não era mais subordinado ao governo de Roma, a igreja era independente, pois havia sido reformada por Henry VIII. Seria inaceitável um governante católico em um país protestante, pondo em risco a reforma.

Desse modo, na Revolução Gloriosa, o rei James II é deposto e sua filha protetante, Mary, assume seu lugar. Nascia assim o Jacobitismo, movimento que apoiava a restituição do trono para James. Por ser de maioria católica, James recebeu forte apoio dos clãs das Terras Altas. Foram cinco levantes perpetrados, nenhum deles com sucesso. A narrativa inicia-se antes do último levante começar, em que o neto de James II, Charles, cruzaria o mar para invadir a Escócia. A insurreição de 1745 foi a mais drástica e suas consequências mudaram completamente a vida dos *highlanders*. O sistema de clãs foi banido, expressões culturais proibidas, milhares de mortes na última batalha em Culloden e a evasão dos *highlanders* para as colônias para fugir da fome. Para esse capítulo, utilizamos como aparato bibliográfico, tanto historiadores ingleses como escoceses, dentre eles Mason (2005); Levine (1962); Russel (1971); Sgroi (c2020); Wormald (2005); Hume (1983; 2014); Maurois (1959); Trevelyan (1942; 2013); Maclean (2019); Houston (2008); Szechi (2019); Mclynn (2020); Pittock (2016).

No capítulo 2 intitulado “Autora e obras”, apresentamos a autora Diana Gabaldon, sua vida pessoal e profissional. Gabaldon é natural dos Estados Unidos, doutora em Biologia. Ela nunca havia experimentado a escrita literária antes de lançar o primeiro livro. Sua intenção não era publicar, apenas praticar a escrita. *Outlander* foi sua primeira e acertada tentativa. A escolha de um romance de cunho histórico foi por acreditar que esse gênero seria mais fácil de ser escrito devido a sua familiaridade em fazer pesquisas na Academia. O sucesso foi tamanho ao ponto dos livros e da saga subsequente venderem milhões de cópias e uma série de televisão ter sido encomendada, a qual está no ar há mais de seis anos, com grande audiência.

Na segunda parte do capítulo, trazemos um resumo do início da narrativa e seus principais eventos. Cenas importantes para compreendermos a análise: a lua de mel de Claire, a ida ao passado, as personagens que ela conhece, a trama jacobita em curso, as ameaças do vilão e a decisão de tentar mudar o passado. Na terceira parte, analisamos algumas estruturas utilizadas por Gabaldon, como a escolha dos títulos das obras; a divisão da narrativa em partes e a implicação disso para o entendimento do leitor. Serão também abordadas as duas

linhas do tempo que se cruzam na personagem Claire e as localizações geográficas reais da história e as ficcionais criadas para o enredo.

Dedicamos o terceiro capítulo “História interrompida: cultura *highlander*” para dar voz a essa singular cultura que teve um fim após o final do levante jacobita. Cultura é um dos elementos importantes da narrativa para o resgate de um lado da história relegado ao esquecimento. Desse modo, trataremos sobre o que é o sistema de clãs e sua origem, sistema no qual os membros consideram-se pertencentes a uma mesma família tendo um ancestral em comum. Analisamos também se o clãs podem ser considerados um sistema feudal ou tribal ou se é uma combinação dos dois. Além disso, abordamos como eram os casamentos nessa cultura, o direito de sucessão, suas vestimentas, suas moradias, a forma como enxergavam seus líderes e como se relacionavam com a terra de seus antepassados e suas crenças com o folclore local, vivo, mesmo após o trabalho de cristianização da Igreja Católica nas Terras Altas.

Na segunda parte do capítulo, tratamos dos círculos de pedras espalhados pela Europa, as explicações da antropologia para os locais escolhidos pelos povos antigos para construí-los em relação ao círculo ficcional da narrativa, Craigh na Dun. Ademais, trabalhamos o contato de Claire, uma forasteira, dentro dessa cultura perdida no tempo. A relação conturbada de uma mulher com a mentalidade do século XX, em uma sociedade patriarcal do século XVIII. Por fim, trazemos a relação de dois personagens, James Fraser e Jonathan Randall, um escocês e um inglês, ambos construídos para representar a relação conturbada entre os dois países. Como aparato teórico, utilizamos De Barros Laraia (1986); Ommer (1986); Keltie (2019); Macpherson (1966); Moffat (2013); Martlew e Ruggles (1996); Arponen e Ribeiro (2019) e Bauman (2012).

No último capítulo dessa dissertação intitulado “O outro lado da história: metaficção historiográfica” buscamos abordar o papel da história nas sociedades e o papel do historiador em construir a história. Mesmo com a visão positivista de que a história deveria ser neutra, constatamos ser impossível algo do construto humano não apresentar nenhuma ideologia e, assim, com a história e a literatura não seria diferente. Um acontecimento ser elencado para o status de um fato histórico é uma escolha ideológica juntamente à maneira em que a história é escrita, ou seja, suas escolhas de palavras, sua narrativa e focalização. Questionamos se há de fato uma delimitação entre a literatura e a história quando afirmamos que a história escreve o real e, a literatura, somente o ficcional.

Abordamos também nesse capítulo, o surgimento do romance histórico, trazendo a obra de Walter Scott. Nesse gênero, acontecimentos históricos vão para o centro das

narrativas. Isso só foi possível após as revoluções das massas, como a Revolução Francesa, quando houve um despertar da consciência de que somos seres historicamente situados. Por fim, trazemos o conceito de “metaficção historiográfica” no Pós-modernismo, postulado por HUTCHEON (1991), para uma leitura crítica dos romances. Esse movimento, traz uma autorreflexão sobre o fazer histórico, não permitindo que a história oficial seja encerrada como uma única verdade, pois ela foi construída por grupos dominantes. Claire é o elemento pós-moderno da narrativa. Vinda do futuro, ela faz uma revisão crítica do passado, do papel do historiador e dos artistas em ignorar erros e em transformar homens tolos em heróis ou até mesmo focar apenas em uma perspectiva. Desse modo, ela tenta fazer tudo ao seu alcance para alterar o passado.

Por fim, nas considerações finais, refletimos sobre a revitalização da cultura *highlander* suprimida pelo governo inglês. A arte teve seu importante papel. James Macpherson resgatou histórias dos bardos *highlanders*. Nesses poemas, expressavam-se um povo corajoso e honrado, diferente do esteriótipo de selvagens e rebeldes. *Waverley*, de Walter Scott, também contribuiu em sua publicação para mudar a visão das pessoas sobre os jacobitas. A partir desse livro, pudemos refletir sobre as motivações desse partido. Por outro lado, a abertura para o turismo veio somente com a visita de George IV na Escócia e de sua sobrinha Rainha Vitória, posteriormente. Por ser uma grande entusiasta da cultura escocesa, ela incentivou a revitalização dos símbolos nacionais, como tartã, jogos escoceses, sociedade de clãs, entre outros. Nas considerações finais, analisamos também a influência do passado no momento presente. A Escócia lutou por séculos por sua independência e não seria diferente esse sentimento ter sido herdado pelos contemporâneos. Foi conquistado um Parlamento independente em 1998, um grande avanço de representação. Atualmente, há uma crescente discussão de uma emancipação total. Perguntamo-nos se a Escócia conquistará finalmente a independência de governança tão almejada por seus antepassados?

Capítulo 1. A história oficial: Os Stuarts, o Parlamento e o Movimento Jacobita

1.1 Um rei para dois reinos: Parlamento contra Coroa

Após a morte de Mary Stuart da Escócia, a rainha Elizabeth temia que James, filho de Mary, em retaliação, se aliasse com países católicos. James não reclamou a morte da mãe e casou-se com uma jovem protestante, Anne, demonstrando não representar uma ameaça à Inglaterra. De qualquer modo, Elizabeth recusava-se a declarar quem seria seu sucessor (MASON, 2005), se apoiaria ou não James. Ela não se casou em vida e não teve herdeiros; assim, a dificultosa tarefa de escolha do novo soberano recairia sobre o Parlamento.

Elizabeth era a última Tudor e, portanto, seria o fim dessa dinastia. Por direito, aqueles nascidos primeiro deveriam herdar o trono; desse modo, a sucessão iria para os herdeiros da irmã mais velha de Henry VIII, os escoceses Stuarts. Entretanto, devido ao conflito com a regente católica da Escócia, Henry decretara que a sucessão continuaria na linhagem de Suffolk, herdeiros da irmã mais nova. Cecil, secretário da rainha, desde de há muito tempo desejava de uma união anglo-escocesa, trocou correspondência com James apoiando sua sucessão ao trono inglês. A própria rainha, em seu leito de morte, finalmente declarou apoio ao primo (RUSSELL, 1971). O apoio não ocorreu anteriormente, pois Elizabeth temia que ditar sua preferência a um sucessor acarretaria mais intrigas como já vinha acontecendo com Mary Stuart e os países católicos, como a Espanha (SGROI, c2020). Por ter sido criado no protestantismo, James conseguiu apoio do Parlamento, permitindo a sucessão em seu favor (RUSSELL, 1971).

A união de 1603 não formava o Reino Unido, como viria a acontecer no século seguinte, mas tratava-se da divisão do rei para governar dois reinos que permaneciam independentes, com dois parlamentos. A união poderia ser vista pelos escoceses como perda da independência tanto almejada pelos antepassados; entretanto, eles se orgulharam de ter um rei escocês governando os ingleses (HUME, 1983). Wormald (2005) complementa que os escoceses poderiam ficar preocupados com a partida do rei para o reino vizinho sendo governados a partir de Londres; contudo, já estavam acostumados a ter reis ausentes e ser governados por regentes. Isso aconteceu com o próprio James VI até sua maioridade. Do outro lado, os ingleses, mesmo concordando com a sucessão, recebiam a pouca experiência de James como governante (WORMALD, 2005).

James VI da Escócia e I da Inglaterra autodeclarou-se rei da Grã-Bretanha expressando claramente o desejo de unir as Coroas em um único Parlamento, governo e

religião (HUME, 1983). Do ponto de vista financeiro, os escoceses beneficiariam-se de uma união, mais oportunidades de negócios seriam abertas, como a possibilidade de fazer dinheiro com as colônias. Porém, união de leis não seria viável (WORMALD, 2005), por tratarem-se de países com necessidades legislativas completamente diferentes. A Igreja da Escócia também era contrária a esta união, pois, diferentemente da Igreja Anglicana, suas reformas foram mais radicais. Proclamando-se líder da Kirk, assim como era na Igreja inglesa, James tentou igualar os dogmas de ambas as igrejas por meio dos Cinco artigos de Perth. Dentre as exigências dos artigos estava a restauração da pregação nos dias santos como a Páscoa e o Natal, abolidos pela Kirk, por serem considerados idolatria a imagens em festas pagãs, além de solicitar que os fiéis se ajoelhassem nos cultos (WORMALD, 2005). Com esses artigos, o rei mostrava sua força perante uma Igreja declarada independente da Coroa e também desafiadora da sua autoridade.

A questão religiosa não se restringia somente à Escócia. Na Inglaterra, James teria de lidar com os católicos e os puritanos. Os católicos estavam esperançosos de que a sucessão do filho da católica Mary Stuart traria uma Contra-Reforma, ainda mais por James ser um rei tolerante. De fato, houve a proposta de as multas para os católicos serem abolidas, com a condição de que eles jurassem lealdade ao rei em detrimento ao Papa. Como consequência, os jesuítas tramam a Conspiração da Pólvora, a qual pretendia não somente matar o rei, mas também eliminar os parlamentares das duas Casas Legislativas, colocando barris de pólvora debaixo do Parlamento (MAUROIS, 1959). A conspiração, por fim, aumentou a aversão dos ingleses ao poder de Roma. Os puritanos, por sua vez, reivindicam uma maior reforma da Igreja Anglicana. Para os descontentes, ao perceberem que a Igreja não passaria por uma purificação dos dogmas católicos, foi lhes dada a opção de professar sua fé nas colônias na América.

James acreditava que ser rei era um direito divino, portanto, não deveria ser submetido às leis dos homens, pois o rei é a lei (MAUROIS, 1959). Porém, ele não esperava encontrar forte resistência no Parlamento, instituição muito diferente da qual ele estava acostumado na Escócia. Ele não poderia reinar livremente, não seria considerado acima de qualquer lei e, portanto, determinados assuntos precisariam passar por discussões nas Casas:

O Parlamento escocês era mais uma corte passiva, de modo que Jaime não conseguia aperceber-se da posição muitíssimo mais elevada do órgão que ostentava o mesmo nome em Inglaterra [...]. Quem seriam esses *squires* e legistas da Câmara dos comuns, que se referiam sempre a “privilégios” e “precedentes” e às “leis fundamentais do reino”, quando o impediam de cobrar impostos aos súditos, exceto se isso fosse feito sob as suas condições, e que não perdiam oportunidade de lhe dizer como conduzir os

mais altos assuntos de política eclesiástica ou internacional? (TREVELYAN, 1942, p. 17-18).

A união, tão pretendida por James, era veemente rejeitada pelo Parlamento. Os Comuns temiam que um poder centralizado significasse perda de representações locais, pois o rei criticava o direito conquistado de livre debate das Casas parlamentares. Além disso, os gastos de James eram exorbitantes, ele gastava em um período de paz uma quantia mais alta ao se comparar com os gastos de Elizabeth em períodos de guerra. Aumentar impostos não seria aceito sem o consentimento do Parlamento. A única alternativa encontrada pelo rei foi fazer um contrato pelo qual abria mão de seus direitos feudais em troca de uma quantia dispendiosa paga anualmente (TREVELYAN, 2013). Apesar de ser vantajoso não ter a intromissão do rei declarando-se acima de tudo e de todos, o Parlamento rejeita a proposta. Segundo Russell (1971), uma das possíveis causas para recusa tenha sido a impossibilidade de o rei convocar o Parlamento, visto que, naquela época o Parlamento somente se reunia de acordo com a vontade do rei ou em prerrogativas com necessidade de voto parlamentar, como em momentos de guerra. Outra possível causa, de acordo com Trevelyan (2013) pode ter sido a dispensa de trezentos pastores puritanos, os quais se recusaram a seguir as imposições de James na Igreja Anglicana. Contrariado, o monarca dissolveu o Parlamento por dez anos.

Entretanto, a política externa o obrigou a convocar as Casas parlamentares novamente. A guerra religiosa seguia a todo vapor na Europa. Nesse momento, havia uma retomada do poder católico pela Áustria, com ajuda dos espanhóis que dominavam os Países Baixos, na Boêmia e no Palatinado do Reno, regiões protestantes do Sacro Império Romano-Germânico. O príncipe governante Frederick V, casado com a filha de James, Elizabeth Stuart, pediu ajuda ao sogro (TREVELYAN, 1942). A frota espanhola poderia ter sido detida no Canal da Mancha, não fosse a perda do poderio naval conquistado pelos elisabetanos por negligência de James. Mesmo com apoio puritano, a Coroa não tinha recursos, devido ao conflito com o Parlamento. A opção encontrada pelo rei foi casar seu filho Charles com a princesa espanhola, com a condição de serem devolvidos os reinos para o genro protestante. Alternativa também rechaçada pelo Parlamento, pois os herdeiros seriam espanhóis e esse fato colocaria em risco tudo aquilo que fora conquistado por Elizabeth (TREVELYAN, 1942). James reagiu de forma radical e alegou não caber a eles discutirem questões políticas da Coroa e mandou prender sete membros do Parlamento (MAUROIS, 1959). O casamento com a princesa espanhola não foi concretizado, entretanto, Charles casou-se com Henrietta Maria, princesa da França, igualmente católica.

A ascensão de Charles I, após a morte de James, não melhorou a relação da Coroa com o Parlamento. Pelo contrário, piorou ao ponto de desencadear uma guerra civil e a execução do rei. De acordo com Maurois (1959), os parlamentares do tempo de Charles I, assim como seus antecessores que serviram no tempo de James I, eram conhecedores da lei comum e reforçavam a ideia de a lei estar acima do rei. Assim como todos, o rei devia segui-la e respeitá-la, não haveria privilégios. Apesar de respeitarem o rei, o Parlamento é a última palavra. Além dessa constatação, outro pensamento havia se instaurado nas Casas parlamentares: ao rei não era permitido cometer erros, caso se “enganasse”, a culpa seria estritamente do ministro do rei, Buckingham. Mesmo o ministro seguindo ordens reais, não seria isento de culpa, pois o seu papel é aconselhar o monarca a não cometer equívocos, sendo passível de sofrer *impeachment*. O rei não admitia que os seus servidores fossem atacados pelo Parlamento por causa da falida política bélica contra os católicos. (TREVELYAN, 1942). O assassinato do ministro põe fim aos conflitos no exterior, mas aumenta os conflitos internos, pois a morte dele foi motivo de comemoração (MAUROIS, 1959).

Assim como o bispo de Londres, Laud, o rei era adepto ao arminianismo, doutrina que acredita no livre arbítrio. Tal visão de mundo iria em consonância com o desejo do rei de governar livremente. Em resposta, o Parlamento aprova três resoluções contra o rei:

1º que todo aquele que tentasse introduzir na Inglaterra papismo ou arminianismo seria considerado inimigo público; 2º que todo aquele que aconselhasse a percepção de impostos não autorizados pelo Parlamento seria inimigo público; 3º que todo mercador ou toda pessoa que pagasse tais impostos, não votados pelo Parlamento, seria um traidor e inimigo público. (MAUROIS, 1959, p. 255-256).

Disposto a governar sozinho, Charles assume de vez a figura do déspota dissolvendo o Parlamento pelos próximos onze anos, seguindo seu pai, e manda prender nove membros (MAUROIS, 1959). O erro de Charles I foi permanecer tanto tempo sem convocar o Parlamento, dessa forma, perdeu apoio entre os súditos. Convocar a instituição demonstra que o rei está ouvindo seus súditos em questões importantes do reino. Como poderia controlar as mais remotas regiões da Inglaterra sem apoio dos senhores que eram respeitados nesses locais? Como questiona Maurois (1959), como saberia a opinião pública a respeito de sua governança se não estava disposto a ouvir?

O despotismo de Charles, no período sem Parlamento, foi endossado por duas pessoas, de um lado Wentworth, ex-parlamentar incubido de governar a Irlanda a fim de pacificá-la, e, do outro, o cardeal Laud, arcebispo responsável pelas questões eclesiásticas (MAUROIS, 1959). A política desses dois homens, principalmente de Laud, levará à guerra

civil. Na Irlanda, Wentworth fora responsável por uma política tirana, perseguiu simpatizantes do puritanismo e a fim de continuar com o projeto colonizador, pretendia expulsar nativos de suas terras (TREVELYAN, 1942). Do outro lado do canal de São Jorge, na Inglaterra, Laud também perseguia os puritanos proibindo-lhes culto privado. Em contrapartida, os católicos eram protegidos pela figura da rainha católica, enquanto protestantes eram perseguidos em um país protestante. Os puritanos dessa geração viram-se obrigados a emigrar para a América.

Como não poderia criar impostos por lei sem autorização do Parlamento, o rei viu-se obrigado a ressuscitar impostos já extintos. O mais controverso deles foi o *ship money*. O dinheiro arrecadado com esse imposto seria destinado a restaurar a frota inglesa, perdida no governo do pai de Charles. Os ingleses não se negariam a pagar o imposto, pois era para uma causa justificável, mas recusaram-se propositalmente, pois tinham consciência de suas liberdades, não cederiam dinheiro para um imposto não aprovado pelas Casas (MAUROIS, 1959).

A questão de se sentir acima das leis adentrou em outra prerrogativa, a de estar acima de qualquer crítica. Causou comoção e revolta nos ingleses a barbárie cometida contra o puritano William Pryme que ousara criticar a rainha e Laud, sendo condenado a pagar uma multa e ter as orelhas arrancadas por um carrasco (MAUROIS, 1959). Entretanto, o maior erro de Laud, assim como tentara James, foi impor o ritual anglicano na Igreja escocesa. A Kirk tinha muita força na Escócia, sendo motivo de orgulho. Contrários a essa intromissão, diversos setores como a nobreza, os burgueses e os camponeses pactuam um documento assinado mantendo-se fiéis à Kirk da forma como ela foi reformada, comprometendo-se a proteger a Igreja. Charles decide atacar a liga religiosa. Todavia, ele não esperava que vinte e dois mil escoceses se levantariam contra ele. Foi obrigado a convocar o Parlamento inglês nesse momento de desespero a fim de solicitar auxílio para a negociação com os escoceses, pois não dispunha de um exército suficiente para manter a ordem. O Parlamento não havia se esquecido dos males causados a seus membros e exigiu reparação real (MAUROIS, 1959).

Charles via-se encurralado de todos os lados, pelos escoceses que ocuparam o norte da fronteira e pelos parlamentares em Londres, do Longo Parlamento, em sua maioria, puritanos, os quais exigiam a cabeça de Wentworth, quem, em nome do rei, ameaçava as liberdades do povo inglês e dispunha de um exército católico da Irlanda. Além disso, o ministro era o único capaz de dar prosseguimento na instauração de um regime absolutista na Inglaterra (MAUROIS, 1959) e igualmente odiado pelos escoceses devido à perseguição dos presbiterianos nas terras irlandesas (HUME, 2014). Sem alternativa para aplacar a ira da

multidão nas ruas de Londres, Charles assinou a execução de seu servidor, votada pela maioria parlamentar, mesmo tendo prometido protegê-lo. A destituição de Laud sendo acusado de alta traição foi o próximo passo tomado pelos parlamentares (HUME, 2014).

Não bastava eliminar quem se opunha ao poder parlamentar. Era necessário tirar poderes do rei. A partir desse ponto, o rei seria obrigado a convocar o Parlamento a cada três anos, não mais como bem entendesse, com duração mínima de cinquenta dias. O monarca não mais governaria sozinho por períodos longos sem convocar o Parlamento:

Nos últimos quarenta anos, os Paramentos já não admitiam que o seu trabalho fosse preparado a priori pelos conselheiros privados, sendo os assuntos em debate escolhidos pela própria Câmara e entregues as várias comissões; por outras palavras o Parlamento iniciou a preparação dos seus próprios projetos de lei e estabeleceu suas próprias linhas políticas (TREVELYAN, 1942, p. 34).

Sem escolha, o rei concordava com as imposições, enquanto tramava contra os parlamentares ao tentar se aliar aos escoceses prometendo que a Igreja Anglicana se tornaria presbiteriana. Charles tentou prender os líderes dos Comuns invadindo o Parlamento, mas a proteção do povo às Casas o obrigou a deixar Londres: “A guerra civil era inevitável, porque não se interpondo um ministério responsável entre o Rei e o Parlamento, esses dois poderes se chocam” (MAUROIS, 1959, p. 267).

De fato a guerra foi inevitável e dividiu o povo inglês entre puritanos e anglicanos, parlamentares e realistas. Como avalia Trevelyan (1942, p.13), “o conflito entre o Parlamento e a Coroa baseou-se desde o princípio numa luta entre a independência local e o poder central, ou, por outra, numa rebelião dos senhores contra a corte e o Conselho Privado” conflito acrescido de um combustível, a religião. Apesar do sucesso para o lado real na guerra, o rei não tinha dinheiro suficiente para manter a situação. Os mercadores, os marinheiros, estavam do lado do Parlamento, o que permitia a esse partido angariar dinheiro para a guerra. Apesar disso, a aliança com a Escócia, com a mesma promessa feita por Charles de que a Igreja passaria por uma maior reforma, permitiu ao Parlamento vencer o rei em Marston Moor, destacando pela vitória o soldado puritano Oliver Cromwell, tornando-se comandante supremo do Exército.

Após o fim da primeira guerra civil, Cromwell tenta negociar com o rei, pedindo tolerância religiosa, principalmente aos soldados independentes, como “a utilização do Livro de Orações na Igreja por todos os que assim o desejassem, o fim do poder coercivo dos bispos e a cessação do sequestro das propriedades dos Cavaleiros” (TREVELYAN, 1942, p. 40), porém, notavam que o rei não iria concordar com tais prerrogativas, muito menos o

Parlamento seria tolerante à liberdade religiosa pregada. O Parlamento precisou de Cromwell e de suas tropas para vencer finalmente o rei e, via-se, agora, encurralado com a força que o Exército adquirira. Essa força iria voltar-se contra eles também devido a discordância de seus ideais de liberdade de culto a todos, beirando a uma democracia religiosa:

Cromwell, simultaneamente parlamentar e soldado, mais soldado, porém, que parlamentar, estava seriamente inquieto com o ódio contra o exército, o qual ele via crescer em Westminster. Não compreendia como o Parlamento pudesse recusar o direito de serem cristãos a seu modo a vencedores que tinham combatido simplesmente para obter esse direito (MAUROIS, 1959, p. 274).

Preocupados com a ameaça crescente do Exército, os parlamentares também tentaram negociar com o rei em busca da paz, mas Charles não concordou em perder poder tentando buscar apoio com a França e novamente com a Escócia, além de fazer jogo duplo com os independentes e os presbiterianos. Desesperado, apelava para todos os lados, demonstrando que ninguém poderia confiar nele e saber suas reais intenções. Cientes da pretensão do Parlamento de atacar o Exército e devolver o trono para o rei, Cromwell marcha para a cidade de Londres com vinte mil homens para subjugar o novo inimigo. Entrementes, o pensamento republicano começa tomar forma entre os militares na figura de John Lilburne: “O único poder natural vinha do povo; monarquia e Câmara dos Lordes eram excrescências inúteis; o governo devia consistir simplesmente numa Câmara, eleita pelo sufrágio universal” (MAUROIS, 1959, p. 276).

Aproveitando-se das divergências entre Parlamento e Exército, o rei tenta contra-atacar na Segunda Guerra Civil, dessa vez, com apoio dos presbiterianos escoceses. Essa empreitada foi igualmente destroçada pela união das duas instituições. Apesar de nem todos serem favoráveis à execução do rei, Cromwell acreditava que a única maneira de ter paz na Inglaterra seria com a morte do rei (MAUROIS, 1959). Charles foi acusado por traição por travar guerra contra o Parlamento e condenado à morte, vindo, como resultado, um período completamente diferente na Inglaterra, a “república” de Cromwell. República, na teoria, entretanto, uma ditadura na prática (TREVELYAN, 1942, p. 33).

Apesar de serem os primeiros a se oporem a Charles no começo da guerra civil, os escoceses ficaram furiosos com a execução. Tratou-se de um sentimento incongruente, como tiveram após a execução de Mary Stuart pelos ingleses, expulsa da Escócia por eles próprios. Cromwell estava propenso a abrir mão da união. A Inglaterra tornaria-se uma república e a Escócia estaria livre para ser uma monarquia governada por Charles II, filho do rei executado. Entretanto, os escoceses, junto ao novo monarca, queriam estender seu poder para os outros

reinos. O novo rei foge quando Cromwell invade a Escócia com seu exército e derrota as tropas escocesas. O regime que se seguiu foi repressivo para esse povo, o Parlamento escocês foi suprimido, o comércio foi interrompido e altos impostos passaram a ser cobrados (WORMALD, 2005). A união estava refeita pela espada e pelas mesmas leis, pois, na Inglaterra, Cromwell temendo que eleições pudessem trazer os Stuarts novamente ao governo, torna-se Lorde Protetor. Uma constituição foi redigida pelo Exército, em que o Lorde Protetor seria a autoridade máxima governando em conjunto com um conselho e Parlamento (MAUROIS, 1959).

Com a morte de Cromwell, seu filho Richard não conseguiu sustentar o regime. O exército estava dividido em duas facções, de um lado, republicanos, e do outro, monarquistas. O povo ansiava por uma restauração depois do regime, e esse desejo unia cavaleiros e presbiterianos; porém, era necessário que houvesse um Parlamento, pois somente essa instituição poderia convocar o rei. Monck, comandante do exército na Escócia, que mantinha o segredo de ser realista, reuniu Lordes para formar a Câmara Alta e, para formar a Câmara Baixa, eleitores foram convidados. Charles II foi restaurado rei e a decisão das câmaras não seria contestada, pois o trono lhe era de direito (MAUROIS, 1959).

Charles II foi bem recebido na Inglaterra e a restauração não teve conflitos. Pelo contrário, com atitude conciliadora, o rei perdoou inimigos e dava esperança de conceder favores, como se quisesse trazer para seu lado divergentes partidos, mas os regicidas foram julgados e executados (HUME, 2014). Diferentemente de seu pai, Charles II comprometeu-se a governar, de acordo com as leis. Consciente de tudo o que havia acontecido, ele não queria o Parlamento como inimigo (MAUROIS, 1959). A supremacia da Igreja Anglicana foi restabelecida, como uma resposta aos anos de repressão puritana do governo de Cromwell.

O rei tinha admiração pela França e desejava restaurar o catolicismo. Tentou aliar-se com os franceses contra a Holanda protestante, mas o Parlamento recusou-se a financiar esse conflito, obrigando-o a negociar com a Holanda. Frustrado na política externa, tentou, na Inglaterra, conquistar tolerância para os católicos, mais uma vez sendo recusado pelo Parlamento. Uma lei rígida foi aprovada em que só poderia trabalhar em cargos públicos quem jurasse fidelidade ao rei e à Igreja Anglicana. Com essa lei, o irmão do rei, James, viu-se forçado a confessar que era católico.

Nessa mesma época, formaram-se dois partidos. Os conservadores tomaram o partido realista (MAUROIS, 1959) e ficaram conhecidos como *Tories*, que vem da palavra irlandesa *tory* para bandido, apelidados pelos adversários políticos. Eles representavam a “propriedade territorial e a Igreja Anglicana” (MAUROIS, 1959, p. 296). O outro partido recebeu a alcunha

de rebeldes *Whigs*, palavra que designava “camponeses puritanos do Oeste da Escócia” (MAUROIS, 1959, p. 296), era formado pelos liberais representantes dos dissidentes, aqueles não conformistas à religião Anglicana, e os mercadores londrinos. Nas eleições parlamentares de 1679, os *Whigs* foram vencedores, compondo o Conselho Privado do Rei. Os *Whigs* desejavam excluir James, irmão de Charles, da sucessão ao trono por sua inclinação católica, enquanto os *Tories* defendiam apenas limitar os poderes reais. Charles preferindo que seu irmão assumisse em vez de seu filho bastardo, dissolveu o último Parlamento, já não mais precisava deles, pois recebia dinheiro de Luís XIV, traindo seu país, a fim de que a França conquistasse Flandres e Reno. Antes de morrer, recebeu a extrema unção católica, sua verdadeira religião da qual não precisava mais disfarçar e proferiu o futuro que aguardava o irmão: “Quando eu morrer e deixar a cena, não sei o que fará meu irmão. Receio muito que, quando ele for Rei, seja obrigado a viajar de novo...” (MAUROIS, 1959, p. 297), referindo-se ao exílio que ele sofreu após a execução do pai.

1.2 Revolução Gloriosa

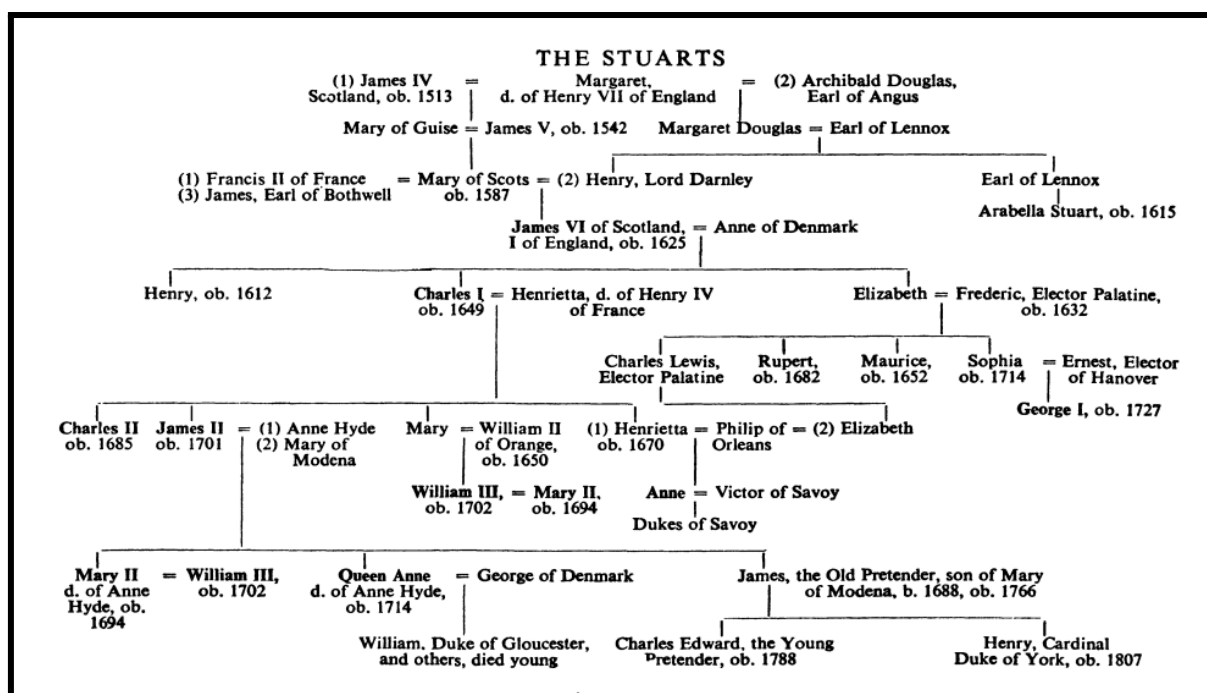
Por não ter tido filhos legítimos, o trono de Charles II foi redirecionado para o seu irmão católico, o qual se tornou James II da Inglaterra e VII da Escócia. Assim como seus antecessores, James irá desafiar o Parlamento. Podemos inferir que seja um mal dos Stuarts não aceitarem seguir as leis e não gostarem de ser contrariados, baseando-se em um direito divino para governar como desejassem. Filho de Charles I, decapitado como consequência das guerras civis, era de se esperar que James compreendesse a força da instituição parlamentar, conquistada em séculos de história e participação política. Entretanto, James entrou em conflito com o Parlamento e as consequências mudaram completamente a forma como a política era feita na Inglaterra e alteraram a sucessão dinástica. James e seus descendentes católicos não tiveram mais direito ao trono, sendo o começo da queda dos Stuarts.

Como vimos na seção anterior, os *Whigs* haviam vencido as eleições parlamentares contra os conservadores *Tories* devido ao receio do catolicismo dominante na Inglaterra e compuseram o Conselho Privado real que intermediou os assuntos políticos entre o rei e o Parlamento. Esse partido trouxe importantes mudanças enquanto esteve no governo. Entretanto, não se sustentou por muito tempo no poder, pois os *Tories* ganharam as eleições seguintes e perseguiram seus inimigos políticos *Whigs*. Como aponta o historiador Maurois (1959, p. 297), “os ingleses ainda não tinham aprendido esse jogo parlamentar cujas regras, aceitas por todos, proporcionam a adversários políticos alternarem-se no poder, sem que o

primeiro efeito da vitória seja a trucidação dos vencidos”, ou seja, ainda não tinham aprendido a aceitar uma opinião e governança contrária sem que isso levasse à perseguição e julgamentos por traição e morte de seus opositores.

Apesar da postura contrária a James por ele ser declaradamente católico, os *Whigs* não tinham entrado em comum acordo sobre a sucessão (MAUROIS, 1959). De um lado, havia aqueles que apoiavam o protestante William de Orange, neto de Charles I, fruto do casamento da filha do meio de Charles, Mary Henrietta, com William II, príncipe de Orange. Esse casamento foi resultado dos negócios tratados entre Inglaterra e Holanda, assim como exigido pelo Parlamento a Charles I. Mantendo as relações com os Países Baixos, Mary, filha de James II, casa-se com o primo William de Orange. Do outro, havia aqueles que apoiavam o filho bastardo de Charles II, James Scott, Duque de Monmouth. Para melhor compreendermos os casamentos e linhas de sucessão, segue abaixo, a árvore genealógica da Casa Stuart e começo da Casa Hanover:

Figura 1 - ÁRVORE GENEALÓGICA - CASA STUART



FONTE: Trevelyan, 2013, p. 499

Com os *Tories* no poder e com a prerrogativa de “não-resistência ao Rei” (MAUROIS, 1959, p. 297), James tinha tudo a seu favor. Entretanto, o cenário favorável mudou devido à sua persistência em converter a Inglaterra para o catolicismo. O bastardo James Scott tentou reivindicar o trono para si com apoio dos dissidentes puritanos que não detinham mais a força

da época de Cromwell, sendo representados, assim, não pelas classes altas, mas pela plebe camponesa (TREVELYAN, 1942). James II sufocou a insurreição e mandou matar o sobrinho. Porém, a ira do rei não se aplacou com a morte do líder da rebelião; ele mandou matar centenas de camponeses em retaliação, lembrando o tempo de Mary, a sanguinária: “Por toda parte a forca, o açoite, a masmorra” (MAUROIS, 1959, p. 298). Até mesmo os Conservadores que apoiavam o rei no Parlamento ficaram alarmados com tamanha crueldade. Era perigoso demais um rei católico ter um exército à sua disposição.

As intenções de tornar a Igreja novamente subordinada à Roma, com apoio da França e dos jesuítas, ficaram claras quando James distribuiu cargos públicos e militares aos pares católicos, em detrimento da lei que proibia esses atos (MAUROIS, 1959), além de trazer irlandeses católicos para compor o exército. (TREVELYAN, 1942). Com a morte de Monmouth, os liberais *Whigs*, que estavam divididos, tinham agora suas esperanças, contra a ameaça crescente representada por James, depositadas em William de Orange, pois sua esposa Mary, a filha protestante de James II, era a próxima na linha de sucessão.

Nessa época, os protestantes huguenotes voltaram a ser perseguidos na França por Luís XIV, sendo obrigados a fugir para países em que podiam praticar livremente sua religião. Se o apoiador de James do outro lado do canal da Mancha era capaz de perseguir uma religião contrária a sua, o que impediria o rei católico de fazer o mesmo nas terras inglesas? Muitos católicos, cientes da impossibilidade de a religião católica voltar a ser suprema na Inglaterra, discordavam do rei, pois temiam uma nova guerra civil com consequências drásticas, a exemplo da última. Junto ao Papa Inocêncio XI, inimigo da França, não pregavam a conversão da Inglaterra, mas apenas tolerância religiosa aos católicos. Dessa forma, apoiavam também William de Orange e sua promessa de governar com a desejada tolerância (TREVELYAN, 1942).

O estopim para a revolta contra James II foi o nascimento de seu filho de mesmo nome, James III, conhecido no futuro como Velho Pretendente. O nascimento de um herdeiro, criado como católico, colocava-o como primeiro na linha de sucessão, frustrando as esperanças dos ingleses de que as princesas Mary ou Anne, ambas criadas como protestantes, pudessem assumir o trono e reverter a política de favorecer o catolicismo empreendido por James na Inglaterra. William de Orange foi convidado tanto por liberais quanto por conservadores, os quais tinham mudado de lado, representados pelo líder *Tory*, Danby, a assumir o trono com sua esposa Mary (TREVELYAN, 1942). William desembarcou com suas tropas em Torbay e marchou em direção a Londres para depor o rei. Apesar de ter um exército ao seu dispor, James não confiava nele para lutar pela sua causa, pois era formado por facções

de opiniões contrárias, que não se uniriam, como “de protestantes e católicos e de ingleses e irlandeses” (TREVELYAN, 1942, p. 85). Ele abandona o trono sem derramar sangue fugindo para França com sua esposa e filho: “essa revolução conservadora se fez sem guerra civil, sem proscricções, sem execuções. Lentamente, aprendiam os Ingleses a arte difícil de viver em sociedade” (MAUROIS, 1959, p. 301). O nome “Gloriosa”, assim nomeada pelos antepassados ingleses, não se deve à glória de uma luta armada, mas à glória por não derramar sangue. Em outras palavras, por ter uma mudança social, um acordo de opiniões divergentes, sem que conterrâneos entrassem em conflitos com mortes, como ocorrera antes da Revolução (TREVELYAN, 1942).

William ainda encontraria dificuldade em reinar, pois a crença no direito divino e respeito à monarquia era muito forte nesse período e causava discordância nos partidos antagônicos. Bispos *tories* queriam uma regência e não destituição. *Whigs* diziam que a vontade do povo deveria ser respeitada e o povo queria afastar o monarca. Danby intermediou dizendo que, por ter fugido, ele abriu mão do trono, permitindo a Mary ser declarada rainha. Mary não desejava governar sozinha e pediu que William tivesse plenos poderes como ela para governarem juntos. Declarados rei e rainha da Inglaterra, essa concessão abriu caminho para o direito divino não ser mais utilizado como prerrogativa pelos monarcas da Inglaterra a partir daquele momento (MAUROIS, 1959).

A Revolução trouxe importantes mudanças para o país. Nascia, assim, a Monarquia Constitucional, um meio termo entre república e monarquia. Era a derradeira vitória do Parlamento sobre a Coroa, após muitos embates, com a ratificação pelos monarcas da Declaração dos Direitos. Rei e Parlamento trabalhariam em cooperação “proporcionando à Inglaterra um executivo em harmonia com a soberania legislativa ” (TREVELYAN, 1942, p. 88). Pela declaração, as leis eram invioláveis, cabendo ao monarca respeitá-las e segui-las. Subsídios seriam votados anualmente pelo Parlamento e o soldo pago ao Exército teria validade anual. O Parlamento deveria ser convocado trienalmente, não ultrapassando a duração de três anos (MAUROIS, 1959).

Outra impactante medida foi relativa à sucessão. Estabeleceu-se que reis católicos não poderiam mais governar a Inglaterra. Desse modo, James e seus filhos católicos foram excluídos da linha de sucessão permanentemente, passando para a protestante Sophia de Hanover, neta de James I, e seus descendentes. Essa Casa terá como primeiro monarca George I, após a morte da rainha Anne, sem herdeiros (TREVELYAN, 1942). O Ato de Tolerância também é acordado, mais um passo em direção a uma democracia e a liberdades individuais. A Igreja Anglicana permanece a Igreja oficial e estatal. Apesar de o Ato permitir liberdade de

culto, permanecia a proibição aos dissidentes de assumirem cargos públicos, como o Parlamento: “Era raro interferir-se com o culto praticado em lugares privados, e, apesar das leis vigentes, consagraram-se capelas públicas e os padres circulavam abertamente” (TREVELYAN, 1942, p. 87).

1.3 Movimento Jacobita

Com a Revolução Gloriosa nascia o Jacobitismo. Jacobitas eram os apoiadores de James contrários à deposição e sucessão dinástica para Mary II e William de Orange e que desejavam a restituição do trono para o rei de direito. O termo jacobita originou-se da palavra *Jacobus*, cujo significado é James em latim (HOUSTON, 2008). O movimento teve apoiadores não só na Inglaterra, mas também na Escócia e na Irlanda e originou diversas rebeliões e conflitos no período de 1688 a 1746.

Na Inglaterra, como vimos, parte do partido conservador preferia uma regência em vez de entregar o trono à filha de James. Portanto, na composição do partido *Tory*, estarão os jacobitas, contrários à Revolução e suas consequências. Representantes do clero, baseados ainda no direito divino de governar, recusaram-se a jurar lealdade ao novo rei, mesmo com a penalidade de perderem seus cargos, ficando conhecidos como *non-jures*. Segundo Maurois, a composição dos partidos fica mais delineada após a destituição de James:

O partido *tory* é dos proprietários territoriais (*landed men*), o dos *squires* jacobitas e dos amigos da Igreja Anglicana. O partido *whig* compõe-se de três elementos: famílias aristocráticas de tradição anti-jacobita (Os Cavendishes, os Russells, os Pelhams); mercadores de Londres, nababos coloniais, novos financeiros (*moneyed men*) que, nesse tempo, enriquecem rapidamente e compram assentos no Parlamento; e por fim Dissidentes. (1959. p. 310-311).

Boa parte dos grupos que compõem os liberais é unida pelo medo da intolerância religiosa dos Stuarts, pois dissidentes são os não seguidores da religião anglicana. Por esse motivo, podemos compreender a oposição dos conservadores a William, pois o rei promulgava um Ato de Tolerância permitindo liberdade de culto a outras religiões fora da oficial. Além disso, liberais progressistas são uma ameaça para grandes proprietários de terras ou para pessoas interessadas em conservar a sociedade como se encontra estabelecida. Ora, James flertava com o catolicismo e os *Tories* temendo uma conversão da Inglaterra, não tiveram escolhas a não ser apoiar a Revolução (MAUROIS, 1959). Entretanto, isso não significava que não tivessem mudado de ideia com o desenrolar dos acontecimentos e agora

sonhassem com uma Restauração. Os *Whigs* tinham tudo a perder se uma Restauração de fato acontecesse. Por esse motivo, tornaram-se os maiores apoiadores de William, principalmente, em seus conflitos contra a tentativa de imperialismo de Luís XIV na Europa. Além disso, ao combater Luís, combatia-se os pretendentes Stuart, pois o rei francês apoiava a Restauração dessa Casa.

Por esse motivo, o partido liberal criou o Banco da Inglaterra para poder emprestar dinheiro para os empreendimentos bélicos de William. Essa medida dava poder aos *Whigs* além de aumentar suas próprias finanças: “o Banco da Inglaterra foi para a Casa de Orange o que a espoliação dos mosteiros foi para a Casa dos Tudors: ele associou paixões políticas aos interesses econômicos” (MAUROIS, 1959, p. 312).

Os conflitos de William não se limitavam ao continente europeu. A primeira tentativa de retomada do trono por parte de James II ocorreu na Irlanda. Desembarcando com tropas francesas e com apoio local dos irlandeses católicos, James conquistou o condado Ulster que era protestante (MAUROIS, 1959). A vitória de James não só representaria o retorno dos jacobitas com sua religião católica, mas também representaria o domínio da França de Luís XIV na Europa. Parar James salvaria a religião protestante nas ilhas britânicas e impediria o avanço imperial da França (TREVELYAN, 1942). Com um exército formado por ingleses e holandeses, William vence os jacobitas na batalha de Boyne e retoma o condado; James foge novamente para a França. Mesmo sendo adepto da tolerância, as consequências dessa primeira insurreição foram pesadas para os irlandeses, como aprovação de leis no Parlamento contra a religião católica e contra o comércio local (MAUROIS, 1959). As restrições religiosas impostas na ilha afetaram até mesmo os presbiterianos que lutaram ao lado dos ingleses contra os jacobitas. Tratou-se de uma política de não tolerância como “agradecimento” a um aliado em um momento bélico por ter uma religião diferente da anglicana. Além disso, o comércio sufocado de restrição de exportação do gado ou têxtil imposta pelo Parlamento prejudicava inclusive os protestantes da ilha (TREVELYAN, 1942).

Enquanto o sul da Escócia havia sido favorável à Revolução, o norte, mais especificamente nas *Highlands*, apoiava James. (MAUROIS, 1959). Desde o tempo de Cromwell, ambos países foram subjugados ao poder central inglês e mesmo com a Restauração não retomaram suas independências. No Protetorado, a Escócia foi governada pelo Conselho Privado que recebia ordens diretas da Inglaterra. O Parlamento, meramente ilustrativo, não questionava as decisões do Conselho, muito menos representava a população levando as reclamações e demandas do povo. A Igreja também não tinha mais o mesmo poder desde que Cromwell a rebaixou. Muitos cavaleiros escoceses laicos, conscientes da tirania

outrora da Kirk, preferiram a tirania do Conselho do Protetor. As nomeações para o clero não seriam mais democráticas como quando as comunidades paroquiais escolhiam seus representantes; pelo contrário, os grandes senhores eram responsáveis por indicar quem comporia o clérigo. Desse modo, o Estado, nesse período, era mais forte se comparado ao poder da Igreja. Aqueles contrários às intromissões na Igreja a abandonaram e passaram a pregar escondidos, reunidos no que ficou conhecido como “conventículos”. (TREVELYAN, 1942, p. 90). Com Charles II, após a restauração, não houve mudanças. A Escócia encontrava-se relegada e desunida.

As tentativas de James II e VII de trazer o catolicismo ao seu apogeu serviu para unir os protestantes dos dois países. A independência tão desejada podia ser resgatada graças à Revolução Gloriosa. A partir daquele momento, a Inglaterra não se intrometeria na política eclesiástica da Escócia conquanto os escoceses concordassem em aceitar Mary e William como rei e rainha, assim como os ingleses fizeram. Esse era o momento de negociar os termos de aceite. O Parlamento tornou-se forte e independente, tanto do Governo central representado pelo Conselho Privado, quanto da Assembleia da Igreja. O presbiterianismo, por outro lado, foi restaurado. Os descontentes jacobitas ao norte, apoiados por aqueles contrários às mudanças na Igreja, rebelaram-se marchando em direção ao Sul (TREVELYAN, 1942).

A insurreição na Escócia foi uma resposta ao levante que acontecia na Irlanda com a chegada de James com as tropas francesas. Era o momento de os jacobitas do outro lado do mar agirem em apoio ao rei que consideravam legítimo, aproveitando-se de que parte das forças inglesas haviam sido enviadas para conter os irlandeses. A revolta foi liderada pelo Visconde Dundee, e reuniu diversos clãs das Terras Altas favoráveis à causa para batalharem ao seu lado. Tropas de William, comandada pelo general Hugh Mackay tentaram deter os insurgentes, porém sem sucesso. Os *highlanders* ganharam ferozmente na batalha de Killiecrankie; no entanto, o próprio Dundee que perpetrou o levante morreu em batalha tornando-se um mártir da causa jacobita. Apesar da vitória promissora na primeira batalha que dava esperanças de avançar, o regimento de Richard Cameron consegue dispersar os *highlanders* e mesmo agrupados em uma nova tentativa são vencidos pelos ingleses. Nesse momento, na Irlanda, James é derrotado em Boyne, retornando em seguida para a França (MACLEAN, 2019).

Como vimos, as consequências da insurgência foram pesadas para os irlandeses em relação à religião e ao comércio. Diferentemente do que aconteceu com eles, as ações contra os escoceses tiveram um toque de crueldade. O governo de William, e o secretário de estado do rei na Escócia, *Sir John Dalrymple*, mandaram construir um forte nas Terras Altas, na vila

de Inverlochy. Esse local ficou conhecido como Forte William, situado em um ponto estratégico com soldados ingleses de prontidão para novas insurreições. A segunda ação da Coroa foi tentar subornar os chefes de clãs distribuindo uma quantia em dinheiro em troca de lealdade para William. Porém, nem todos os chefes aceitaram o dinheiro. Desse modo, o Governo decretou que os chefes jurassem lealdade a William até janeiro de 1692. A data foi estipulada no inverno, pois a real intenção era fazer algum chefe negar juramento, a fim de sofrer as consequências por desafiar a Coroa. James autorizou os chefes fazerem o juramento, provavelmente, para garantir segurança deles, pois ele não conseguiria mais fomentar uma nova rebelião. Como era de se prever, o mau tempo impediu que Maclan Macdonald de Glencoe cumprisse o prazo (MACLEAN, 2019).

Enquanto o clã MacDonell de Glengarry foi perdoado por também não ter chegado a tempo para jurar lealdade, o clã Macdonald de Glencoe seria o bode expiatório. O chefe, sem desconfiar do destino que o aguardava, foi hospitaleiro às tropas chegadas a Glencoe, pois o comandante era um de seus parentes por parte de casamento, o Capitão Robert Campbell de Glenlyon. Eles confraternizaram até Campbell receber a ordem de matar todos do clã Macdonald. Cercados por tropas, os soldados entraram nas cabanas matando os integrantes do clã que dormiam, não perdendo nem mulheres nem crianças (MACLEAN, 2019). O massacre serviu como exemplo para qualquer clã jacobita contra o novo rei. O trágico episódio não seria esquecido, pois até mesmo os partidários de William, nas Terras Baixas e na Inglaterra, não concordaram com suas ações. O Secretário de Estado foi dispensado para abafar as críticas; porém, não pagou pelos seus crimes, sendo promovido no futuro pela rainha Anne.

1.4 União das Coroas

O conflito com a França, existente desde o reinado de William, adicionava um outro fator: a sucessão dinástica da Espanha. No tempo de William, a França queria expandir seu território até a linha do Reno e dominar a cidade de Antuérpia na região do Flandres, atualmente pertencente à Bélgica. Antuérpia já havia sido dominada pela Espanha; entretanto, essa nação já não era mais uma grande potência. Por ser uma cidade portuária, Antuérpia situava-se em um ponto estratégico entre os Países Baixos e a Inglaterra; por isso, o grande interesse dos países sobre a região. Era necessário uma aliança combinada entre holandeses e ingleses para impedir essa conquista. A frota francesa perde na batalha de La Hogue e um

tratado é assinado. Pelo acordo estabelecido, a França renuncia aos Países Baixos e reconhece a soberania de William (MAUROIS, 1959).

A paz trazida pelo tratado não iria durar muito tempo. Carlos II, da Espanha, morreu sem herdeiros. Antes da morte, Carlos indicou como sucessor o Duque de Anjou, neto de Luís XIV, sendo, portanto, coroado Felipe V, da Espanha. A audácia de Luís XIV que prometera não se envolver na sucessão dinástica, foi além de apoiar o neto. Luís também declara James III como verdadeiro rei da Inglaterra. Preparando-se para entrar em guerra novamente com a França, William morre, deixando a Anne a responsabilidade de fazer uma nova aliança entre países europeus contra o rei francês. A guerra de sucessão espanhola seria inevitável. Era preciso não só parar o interesse de expansão de Luís XIV no delta do Reno, mas também impedir a junção da França e da Espanha como um único grande império. Outra vez, a França perde, em 1706, para os aliados que conquistam o Reno. (MAUROIS, 1959).

O conflito no continente poderia se estender mais uma vez para dentro de suas fronteiras, pois a tensão era crescente com a aprovação pelo Parlamento escocês do *Act of Security*. Entre as medidas dessa lei, a Escócia declarou só concordar em dividir o mesmo rei com a Inglaterra caso tivesse liberdades garantidas, como comércio e culto (MACLEAN, 2019). À beira de mais um levante jacobita apoiado pela França, necessitava-se encontrar uma medida saneadora desse perigo.

A solução encontrada pelo governo da rainha Anne foi propor a União das Coroas em 1707, pois havia uma ameaça de que o Parlamento independente escocês composto por diferentes facções pudesse tender para o lado dos jacobitas, devido às insatisfações com a Inglaterra (TREVELYAN, 1942). Ademais, a união daria segurança de que a sucessão dinástica para a Casa Hanover fosse respeitada (HOUSTON, 2008). Diferentemente da união de 1603 com James I em que Escócia e Inglaterra permaneciam com Parlamentos independentes, apenas dividindo o mesmo rei, agora, ambas as nações seriam comandadas por um único Parlamento e Conselho Privado, centralizado em Londres, ou seja, como um único reino. Edimburgo deixaria de ser a sede política, mas continuaria sendo capital cultural da Escócia (TREVELYAN, 1942). Foram concedidas aos escoceses 45 vagas na Câmara Baixa e 16 na Câmara Alta, para representarem os interesses de sua nação e participarem da vida política em Londres (HOUSTON, 2008). Isso significou a perda da independência política tão almejada pela Escócia no decorrer da história conturbada que tivera com seu vizinho sulista. Entretanto, as vantagens econômicas trariam desenvolvimento a um país predominantemente agrário e precário, em parte devido às políticas inglesas que afetavam a Escócia:

Os métodos agrícolas ainda eram os medievais, mesmo nos ricos solos da Lócia; devido a falta de drenagem, grande parte dos melhores terrenos permaneciam inundados e inúteis, enquanto o arado continuava a escavar as estéreis encostas das colinas. As florestas primevas tinham desaparecido, mas a monotonia da paisagem agreste ainda não se via quebrada por modernas plantações, sebes ou divisórias; as vacas e cabras pastavam miseravelmente por entre o restolho. (TREVELYAN, 1942, p. 93).

A religião, tema caro para os escoceses, seria mantida no Acordo e o comércio com as colônias seria aberto para a Escócia, proibido até então pelo governo de William para não prejudicar os negócios marítimos da Espanha, aliada da Inglaterra naquela época contra a França (WORMALD, 2005). Unir-se a outro país protestante era garantir o não retorno do catolicismo às Ilhas Britânicas (HOUSTON, 2008). Entretanto, para isso, era necessário combater os jacobitas que não tinham desistido mesmo com as falhas anteriores e mesmo com a União e suas concessões comerciais.

Como destacamos, a Escócia não era protestante em uníssono. O sul onde ficava a sede política, era majoritariamente protestante e apoiou a Revolução, mas as Terras Altas eram fiéis a James e de maioria católica. Desse modo, o jacobitismo não havia morrido com James II em 1701. Pelo contrário, o legado foi transferido para seu filho, James Edward Stuart. O movimento poderia ser mal interpretado como uma tentativa de independência da Escócia; porém, James desejava conquistar o Reino Unido como um todo. Assim, como temia o governo da Coroa, um ano após a União, em meio aos conflitos da Guerra de Sucessão, James III tenta invadir a Inglaterra com uma esquadra fornecida por Luís XIV, mas o plano é frustrado por navios ingleses. Por prudência, o comandante francês decide abortar a missão e retornar para a França (MACLEAN, 2019).

A guerra estava quase ganha. Luís XIV não tinha forças para continuar lutando e aceitaria assinar um novo tratado, não fosse a ganância dos ingleses. A Inglaterra exigia que o rei francês destituisse o neto do reino da Espanha (MAUROIS, 1959). Isso reacendeu os ânimos de guerra, pois foi visto como um insulto aos franceses que saíram em defesa de seu rei. Mesmo vencendo os franceses na batalha ocorrida em Malplaquet, os aliados tiveram milhares de baixas evitáveis. O tratado de Utrecht foi finalmente assinado em 1713. Luís concordava em não juntar os reinos da França e da Espanha e cedia territórios para a Inglaterra, como a Baía de Hudson, no Canadá. Além disso, James III e seu filho, Charles Edward também foram afetados pelo tratado. Para garantir a paz, “a França comprometia-se a não dar mais asilo aos pretendentes ingleses” (MAUROIS, 1959, p. 318).

1.5 O rei além-mar: Casa Hanover e a Revolta Jacobita de 1715

A sucessão dinástica sempre foi um problema na história da Inglaterra em geral. É um momento de grande tensão, pois o país se divide em diversos partidos. Esse momento de incerteza ocorreu no reinado de Elizabeth, considerada ilegítima, e também na passagem da dinastia Tudor para os escoceses Stuart. Não seria diferente com a morte da rainha Anne, pois, pela lei, simbolizava o fim da Casa Stuart. Desde a Revolução Gloriosa, príncipes católicos foram excluídos da sucessão. George I, de Hanover, lidou com a relação conflituosa no Reino entre aqueles que o apoiavam e aqueles desejosos de ter James III como rei.

Depois de um longo período de domínio *Tory* no governo de Anne, era a vez dos *Whigs* ganharem o poder. Como vimos, dentre os *Tories* haviam jacobitas, algo que levou a uma indecisão de cotejar o novo rei ou retornar ao reinado Stuart. Os *Whigs* lideraram a transição para George I (MAUROIS, 1959). Como também analisamos, esse partido, formado por dissidentes protestantes, tinha muito a perder com a restauração de um rei católico. Por segurança, era preciso tomar a dianteira e arriscar todas as fichas em um príncipe alemão: “Sem Jorge, eles teriam tido apenas um reino sem Rei. Sem os *Whigs*, Jorge teria sido meramente um Rei sem reino” (MAUROIS, 1959, p. 321-322). George tinha cinquenta anos quando assumiu, não entendia da política e das leis inglesas e tampouco sabia inglês. Para se comunicar com ele, era preciso falar em latim, única língua em comum. Devido à dificuldade linguística, não participava das discussões, deixando a cargo de seus ministros, todos do partido liberal. Por esse motivo, começou a se delinear o cargo de primeiro-ministro, como na atualidade, pois, um dos ministros precisava presidir o gabinete formado por conselheiros no lugar do rei. Para esse cargo, alçou-se o ministro Walpole.

O Governo de George I passaria pela primeira tribulação. Em 1715, como era de se esperar, aproveitando-se da transição de governos, James III reivindicou o trono do Reino Unido. Luís XIV havia prometido a James II que ajudaria seu filho a ascender ao trono. Ele tentou, fornecendo uma esquadra para que James atravessasse o mar. Com a perda da guerra e com o Tratado de Utrecht assinado, não poderia mais oferecer ajuda aos pretendentes. A morte de Luís em 1715 também não foi nada favorável para a causa jacobita. O bisneto de Luís, que assumiu o reinado, tinha apenas cinco anos de idade. Era preciso convencer o atual regente a apoiá-lo (MACLEAN, 2019). Sem um exército não seria possível invadir a Inglaterra. Seria necessário, portanto, o apoio de uma grande nação para fornecer recursos, como tropas e armas (SZECHI, 2019). Ora, quem poderia custear essa operação?

A insurgência de 1715 está claramente relacionada à inação do partido *Tory* causada pela vitória *Whig*. Privados do poder, mesmo aqueles que não eram declaradamente jacobitas

viraram-se para essa causa. A dominância *Whig* estendia-se além do Parlamento e do gabinete ministerial. Os liberais dispensaram de cargos públicos *Tories*, como oficiais do exército, por exemplo, e indicavam somente membros de seu partido para cargos na Igreja e nas universidades. Mesmo sendo uma prática comum, desde a Revolução, indicar pessoas de confiança do partido dominante para cargos estratégicos, ainda assim, havia uma alternância, e cargos eram preenchidos também por pessoas da oposição (SZECHI, 2019). No começo da era hanoveriana, vemos o partido liberal se sobrepôr na vida política ao partido conservador. Como política demanda negociações e concessões em um jogo de dar e receber, afastar os *Tories* geraria uma resposta.

Por terem Dissidentes no partido, na visão dos *Tories*, os *Whigs* representavam um perigo para a Igreja Anglicana, pois poderiam implementar reformas. Até mesmo eram considerados um perigo para a paz, pois os liberais estavam envolvidos na pressão de obrigar Luís XIV em dispensar o neto no reino da Espanha. Explodiram diversas rebeliões pelo país e apoio aos jacobitas. O exército foi utilizado pelo governo para conter os rebeldes enquanto uma conspiração iniciava-se ao norte, na Escócia (SZECHI, 2019). Havia um descontentamento crescente sobre a União das Coroas. A Escócia não seria tratada com igualdade, ou seja, seria tratada apenas como um condado sob o domínio e leis inglesas. No acordo, a Igreja Presbiteriana deveria ser respeitada, mas, agora, corria risco de sofrer interferências (MACLEAN, 2019). Além disso, o pequeno número de cadeiras fornecidas no Parlamento unificado era insuficiente para representar a Escócia e isso demonstrava o quanto a Inglaterra queria ceder. Como o objetivo da União aparentava ser somente assegurar a transição dinástica, não seria necessário mantê-la, afirmavam os jacobitas nas Terras Baixas, em uma petição de dissolução (SZECHI, 2019).

James acompanhava o desenrolar da política nas ilhas britânicas e enviou emissários para assegurarem a seus partidários sua ida para a Escócia com um exército e um arsenal para um novo levante. Essa promessa vinha para justificar a falta de ação de James quando Anne morreu. As rebeliões ludibriaram os apoiadores de James e, desse modo, pretendiam insurgir mesmo se ele não conseguisse um exército, pois teriam apoio das populações revoltadas contra o regime hanoveriano nas cidades (SZECHI, 2019). Portanto, precisavam agir rápido e conseguir armas, não poderiam esperar. O auxílio da França para James ou de algum outro país era incerto até aquele momento. Os aliados jacobitas tentavam angariar armamentos até a conspiração ser descoberta pelo Governo, levando vários *Tories* à prisão. Um novo plano foi delineado para incitar o levante pelos escoceses e, desse modo, Londres ficaria sem exército para protegê-la, pois marchariam rumo ao norte e um golpe poderia ser aplicado pelos *Tories*

tomando o poder. Conde de Mar, então, viaja para Escócia e reúne jacobitas das Terras Altas e das Terras Baixas para marcharem em direção a Londres (SZECHI, 2019).

Mar era um político, não um militar, e apesar de conquistar a cidade de Perth, na Escócia, ele não soube como agir em seguida, esperando, por semanas nessa cidade, talvez a vinda de James. Durante esse período, alguns clãs tentavam outras incursões por si próprios, como a conquista do castelo Dumbarton pelos MacGregors, demonstrando que não estavam unidos em um único comando. Os Frasers foram os primeiros a desertar por ordens de Lorde Lovat, chefe do clã. Desse modo, Lovat, que trocava correspondências com James, muda de lado (MACLEAN, 2019).

O tempo crucial perdido por Mar em relutância a agir, permitiu ao exército do rei George, comandados por Argyll, aumentar seus soldados. A batalha de Sheriffmuir contra as forças do governo foi um desastre. Devido às inabilidades de Mar, parte dos soldados ficaram confusos no campo de batalha, falha bem aproveitada por Argyll. Com as mortes de jacobitas, qualquer respeito que pudessem ter por Mar foi perdido. O desânimo geral fez muitos soldados desertarem. Nem mesmo a tardia chegada de James do exterior conseguiu reunir o exército novamente para combater mais uma vez Argyll. Para se salvarem, líderes jacobitas planejavam suas rendições. James e Mar desistem de uma vez da campanha, e o rei além-mar volta novamente para a França (SZECHI, 2019).

Após a derrota, o Governo queria punições severas para os jacobitas. Não haveria perdão, a paz seria trazida com sangue, ou seja, execuções seriam um exemplo para quem se insurgisse contra a Coroa. Além disso, bens, como terras, seriam confiscados. Surpreendentemente, Argyll, que havia lutado contra os rebeldes, argumentava por punições mais brandas. Por esse motivo, foi substituído pelo Tenente General William Cadogan. Cadogan, alinhado com a visão do governo, marcha em direção às *Highlands*, levando destruição. Por onde passa, saqueia e queima casas. Como aponta Szechi (2019), esse tipo de punição era extremamente injusta, pois pagavam inocentes que não tinham participado do levante. Pessoas pobres ficaram desabrigadas, pois encontraram suas casas destruídas e o meio de sustento, confiscado, como vacas e tear. Enquanto a elite jacobita possuía dinheiro para reconstruir suas perdas, o que fariam as pessoas pobres cuja única fonte de renda fora arruinada? A base jacobita foi liberada conquanto jurasse lealdade a George, mas, no retorno para suas casas, encontraram tudo destruído.

Na Inglaterra, mil pessoas envolvidas com o levante foram presas em Preston. Quarenta dessas foram condenadas ao enforcamento em cidades no interior do país, como exemplo. Outros foram condenados a ser enviados para as lavouras nas colônias, praticamente

uma sentença de morte, devido ao trabalho forçado. Se o plano do governo era sentenciar à morte, seja pela força ou por exaustão em trabalho escravo, para muitos outros as consequências foram favoráveis. Dentre os prisioneiros, havia trabalhadores com habilidades úteis para as colônias, como lavradores e carpinteiros. Esses foram comprados e obrigados a trabalhar durante sete anos, período da pena, após isso, estavam livres para construir suas vidas nas colônias, muito melhor do que se tivessem ficado nas Ilhas Britânicas (SZECHI, 2019).

Da mesma forma, na Escócia, os planos do governo de punição estavam declinando. A brutalidade dos saques e queimadas provocadas por Cadogan nas Terras Altas passava dos limites, ao ponto de *Whigs* escoceses e até mesmo cidadãos de Edimburgo, favoráveis a George, se revoltarem. Isso uniu partidários contrários, como liberais e jacobitas, presbiterianos e episcopais (Igreja na Escócia formada por bispos, ramificação da Igreja Anglicana, antagônica da Kirk) a contratar advogados para sessenta e seis escoceses presos que passariam por julgamento. Além disso, os *Whigs* pediam misericórdia para amigos e familiares insurgentes por meio de petições. Pressionado, o Governo recua das punições de alguns prisioneiros; entretanto, eles seriam obrigados a pagar pesadas multas para a Coroa. A ajuda dos *Whigs* significou, como consequência, uma grande perda para a causa jacobita, pois, muitos, gratos por terem o pescoço salvo, deixaram de ser partidários de James (SZECHI, 2019).

Mesmo com planos frustrados de derramamento de sangue, não significava que o Governo cederia na questão da vigilância nas Terras Altas. Medidas foram tomadas para evitar um novo levante, ainda mais após a tentativa de invasão de 1719, quando, ajudados pelo ministro do rei da Espanha, Cardeal Alberoni, jacobitas, juntamente com um exército espanhol composto por três mil homens, atravessaram de novo o mar em direção à Escócia. O plano de convocar os clãs para mais uma insurreição teria sucesso não fosse uma tempestade abater sobre os navios. Aqueles que conseguiram chegar ao destino foram perseguidos pelo governo, dispersando-se pelas colinas das Terras Altas. Em 1725, foi aprovada a Lei de desarmamento, proibindo os *highlanders* de andarem armados. Estradas militares foram construídas pelas Terras Altas, sob responsabilidade do General Wade, ligando o Forte William a mais dois outros fortes na Escócia, Augustus e George, para facilitar o tráfego do exército (MACLEAN, 2019). Gabaldon (2016) retrata em *Outlander* a ocupação das *Highlands* pelas patrulhas inglesas:

Algo parecia ligeiramente familiar naquela região rural que estávamos atravessando. Eu não conhecia aquela grande formação rochosa à nossa frente, a que parecia um rabo de galo? — Cocknammon Rock! — exclamei. [...] — Os ingleses não a usavam para emboscadas? — perguntei, tentando me lembrar dos detalhes sombrios da história local com que Frank passara horas me regalando na semana anterior. — Se houver uma patrulha inglesa na vizinhança... — hesitei. Se houvesse uma patrulha inglesa, talvez fosse um erro eu chamar atenção para isso. (GABALDON, 2016, p. 70-71)¹.

Cocknammon Rock é uma formação rochosa ficcional criada por Gabaldon. Na narrativa, sua estrutura permitia aos soldados ingleses se esconderem para surpreender em uma emboscada a quem passasse. Apesar de ser uma estrutura natural inventada para o enredo, esse trecho demonstra a presença dos ingleses por todas as Terras Altas depois da construção das estradas, pois facilitava o acesso a áreas remotas e um maior controle. Além disso, elas permitiam inclusive a transferência de prisioneiros para os fortes: “Um dos dragões me golpeou na cabeça com a coronha de seu mosquete. Quando acordei, estava amarrado na carroça com as galinhas, sacolejando pela estrada em direção a Fort William.” (GABALDON, 2016, p. 89)².

Outra criação de Wade, datada do mesmo período, foi uma milícia conhecida como *Black Watch*, responsável também pela patrulha e deveres policiais das Terras Altas. Lorde Lovat, personagem real, avô do protagonista ficcional James Fraser, comandou por um período essa milícia (MACLEAN, 2019):

“— É a patrulha — disse ele, fazendo um sinal com a cabeça em direção à hospedaria. — Estamos seguros, mas acho que devíamos ficar um pouco mais longe. Eu ouvira falar do famoso Black Watch, um regimento policial não oficial que mantinha a ordem nas Terras Altas, e também ouvira falar que havia outras patrulhas, cada qual vigiando sua própria região, coletando a “contribuição” dos clientes para garantir a segurança de gado e propriedade. Clientes atrasados nos pagamentos podiam acordar um dia e descobrir que seus animais domésticos haviam desaparecido durante a noite, sem ninguém que lhes dissesse para onde — certamente não os homens da patrulha. (GABALDON, 2016, p. 281)³.

¹ Do original: *Something seemed faintly familiar about the section of countryside through which we were passing. Surely I knew that large rock formation ahead, the one shaped like a rooster's tail? “Cocknammon Rock!” I exclaimed. [...] “Didn't the English use it for ambushes?” I asked, trying to remember the dreary details of local history Frank had spent hours regaling me with over the last week. “If there is an English patrol in the neighborhood ...” I hesitated. If there was an English patrol in the neighborhood, perhaps I was wrong to draw attention to it. (GABALDON, 2005, p. 69).*

² Do original: *““One of the dragoons hit me in the head wi' the stock of his musket. When I woke, I was trussed up in the wagon wi' the chickens, jolting down the road toward Fort William.” (GABALDON, 2005, p. 89-90).*

³ Do original: *“It's the Watch,” he said, nodding back in the direction of the inn. “We're safe enough, but I thought we'd as soon be a bit further away.” I had heard of the famous Black Watch, that informal police force that kept order in the Highlands, and heard also that there were other Watches, each patrolling its own area, collecting “subscriptions” from clients for the safeguarding of cattle and property. Clients in arrears might well*

Podemos refletir que James III, mais uma vez, saiu incólume do conflito de 1715. Entretanto, no exílio, sua corte foi obrigada a mudar de lugar. O regente francês força-o a se mudar da França, pois pretende ter boas relações com a Inglaterra. O único lugar que pôde abrigá-lo foi *Palazzo del Re*, em Roma. Apesar de não ter escolha, James discorda, em um primeiro momento, pois isso poderia ser utilizado pela Inglaterra contra ele: “Em alguns dias, eu sentia que devíamos ir para Roma, onde a corte do Pretendente imperava [...]” (GABALDON, 2016, p. 785)⁴. Os Hanovers afirmaram que, com essa mudança, a lealdade de James era com a religião católica e com o Papa. Por sua vez, o Papa, desejante de tolerância, temia que a presença de James pudesse acarretar perseguições aos católicos na Inglaterra. De seu *Palazzo*, o rei jacobita poderia se encontrar com embaixadores de países católicos, emprestar dinheiro e enviar para onde bem entendesse. Entretanto, a distância de Roma para a Inglaterra dificultava a comunicação, a qual poderia levar até um mês. James trocou o corpo de ministros e servidores por escoceses, devido à sua gratidão a esse povo por tê-lo apoiado. Em sua maioria, os levantes eram formados por escoceses, os quais tinham muito a ganhar com o rei católico no trono, pois eram prejudicados pelas políticas inglesas. Isolado em Roma, com pouco dinheiro, a única maneira de James conseguir uma nova chance seria com a ajuda de uma potência inimiga da Inglaterra (SZECHI, 2019).

1.6 Revolta de 1745: O caminho para a Batalha de Culloden

Em 1727, ocorre o falecimento de George I, assumindo seu filho, George II. A mudança de pai para filho não traz consigo uma boa relação com a Escócia; pelo contrário, o relacionamento com os súditos escoceses continua conturbado. A tensão era crescente na Escócia devido ao peso das taxas da Coroa em produtos como sal e malta (MACLEAN, 2019). Um grande exemplo da tensão envolta às mercadorias está no fato de um homem ter sido condenado à forca por contrabandear esses produtos. Isso levou pessoas revoltosas às ruas em protesto contra a injusta execução. Porteous, capitão da guarda de Edimburgo, atira nos manifestantes, para dispersar a multidão, piorando a fúria do povo. Ele é julgado e

wake one morning to find their livestock vanished in the night, and none to tell where they had gone — certainly not the men of the Watch (GABALDON, 2005, p. 298).

⁴ Do original: “*Some days I would feel that we must go to Rome, where the Pretender’s court held sway [...]*” (GABALDON, 2005, p. 837).

condenado à morte por esse ato, mas antes de ser executado pelo próprio Governo, civis invadem a prisão e o enforcam como um ato de justiça.

A Coroa não fazia nada para melhorar de fato a situação. Longe disso, como represália, rainha Caroline, em período de regência pela ausência de George II, pretendia destruir o porto de Edimburgo, entre outras severas ações. Argyll a persuade a não seguir com esse plano e apenas aplicar uma multa à cidade (MACLEAN, 2019). A União deveria ter trazido direitos iguais para a Escócia e não subjugação e sufocamento econômico com taxas que impediam o desenvolvimento e tornava a vida do cidadão comum mais pesada.

Walpole, ministro de George I, permanece no mesmo cargo no reinado de George II. O primeiro-ministro *Whig* desejava manter a paz no cenário europeu. Como analisa Maurois (1959, p. 324), pelo ponto de vista desse político, “um estado fraco deve fugir das aventuras e que, para consolidar uma dinastia sem prestígio, o seu dever era ganhar tempo”, referindo-se à fragilidade dos estrangeiros Hanover. Qualquer decisão desmedida poderia ocasionar impopularidade e queda dos Hanovers e levaria os *Whigs* com eles. Algo ansioso pelos *Tories*.

Como discutimos, o regente de Orleans também desejava manter o tratado e ter uma boa relação com a Inglaterra. Por outro lado, a relação com a Espanha não estava muito satisfatória. O primeiro-ministro espanhol havia, em 1719, financiado a causa jacobita na frustrada tentativa de invasão da Escócia. Manter a união entre Inglaterra e França poderia frear a Espanha. Dentro do tratado de Utrecht, foi concedida à Inglaterra a importação de escravizados para as colônias. Essa prerrogativa foi utilizada para poder contrabandear produtos nos navios. Por desconfiança, todos os navios ingleses passavam por rigorosa vistoria pelos guardas espanhóis. Esse tratamento foi usado como arma para criticar a inércia pacífica de Walpole, exigindo que desse uma resposta para a Espanha. Walpole queria negociar, a oposição queria guerra, queria conquistas, queria expansão, queria império. O primeiro ministro cedeu à guerra e cedeu o cargo, preferindo ser rebaixado a apenas membro da Câmara dos Lordes. Com sua saída, Deputados protestaram afirmando ser o cargo de primeiro ministro inconstitucional e que não deveria mais existir.

A paz com a França logo também seria abalada pela guerra de sucessão da Áustria. Para Mary, da Casa Habsburgo, são legados os territórios da Europa Central, Bélgica e Itália pelo seu pai Carlos VI em sua morte. Entretanto, a Prússia contestava essa decisão desejando anexar o território da Silésia. Devido aos Hanovers, a Inglaterra entra no conflito apoiando Mary, enquanto a França, antiga inimiga da Áustria, coloca-se ao lado da Prússia. A guerra da França com a Inglaterra estendeu-se do continente para as colônias na América. Os franceses

queriam tomar dos ingleses partes do território de Ohio e Mississipi, além disso, lutavam pelo domínio da Índia (MAUROIS, 1959).

Esse era o momento do jovem pretendente, Charles Stuart, aproveitar-se dos conflitos por diversas partes do globo para fomentar um novo levante em nome de seu pai. O exército inglês estava espalhado em inúmeros conflitos, seja com a Espanha na América ou com a França, na Índia, até mesmo no continente em relação à sucessão austríaca. Sem o contingente completo, a Inglaterra estava desprotegida e poderia sofrer uma invasão. Nesse momento histórico, a segunda linha do tempo de *Outlander* inicia-se, no ano de 1743, quando Claire é transportada ao passado ao atravessar a fenda entre as pedras do monumento megalítico, dois anos antes da chegada de Charles Stuart à Escócia para convocar os clãs fiéis a seu pai.

Em março de 1744, a França tenta invadir a Inglaterra com sua frota e um robusto número de soldados. Igualmente, como já acontecera com o velho pretendente, a invasão falha devido ao mau tempo. Apesar dessa infortúnia campanha, no ano seguinte, os ingleses são derrotados pelos franceses na batalha de Fonteney, dando esperanças para Charles Stuart. Entretanto, Luís não estava disposto a investir na campanha dele. Como destaca Mclynn (2020), o rei francês assuntava os acontecimentos para verificar se a rebelião seria digna de apoio, ou seja, se poderia ser levada a sério a sua vitória. Charles não teve o sucesso esperado na corte francesa.

A Espanha também não parecia muito disposta a ajudar, ainda mais levando-se em consideração a falha da frota espanhola em 1719. Em julho de 1745, Charles chega na Escócia (MCLYNN, 2020). Sua recepção nas Terras Altas não foi a esperada. Clãs que eram fiéis a seu pai, como MacDonald de Sleat e MacDonald de Boisdale, recusaram-se a atender ao seu chamado, aconselhando-o a ir embora para Roma (MACLEAN, 2019). Charles encontra apoio em Moidart com o chefe do clã Macdonald, Clanranald, e consegue persuadir Lochiel, do clã Cameron, a segui-lo. Com soldados dos dois clãs, em Glenfinan, o estandarte da Casa Stuart é içado e Charles declara James VIII e III rei do Reino Unido. Mais clãs chegavam ao seu auxílio e o número de soldados aumentava (MACLEAN, 2019).

Charles representava de fato uma real ameaça para a Inglaterra. O país estava em guerra fora das ilhas e não tinha soldados suficientes para parar a empreitada dos clãs. O número de soldados escoceses poderia ser detido facilmente se o exército inglês tivesse com todo o seu poderio. O príncipe jacobita planeja emboscar as tropas inglesas em uma estrada próxima ao Forte Augustus. Entretanto, com apenas três mil soldados, Sir John Cope, comandante do governo, responsável pela defesa do reino, achou que seria melhor evitar confronto direto com as tropas de Charles e marchar até Inverness para sua presença poder

pressionar os clãs a não entrarem na campanha jacobita. Essa escolha errônea deixou o caminho aberto para o exército jacobita descer em direção à capital escocesa e conquistar as cidades pelo caminho. Na conquista da cidade de Perth, Charles atrai dois tenentes-generais para a causa, e esses irão auxiliá-lo na conquista de Edimburgo, Duque de Perth e Lorde George Murray. Desprotegida, como era de se esperar, Edimburgo também foi invadida pelos jacobitas (MCLYNN, 2020).

O sucesso dos jacobitas estende-se para a primeira grande batalha contra as forças do governo, na batalha de Prestonpans. Dotados de um número inferior de soldados, Prestonpans teria sido uma derrota certa para os jacobitas em um combate frontal caso um dos soldados não propusesse atacar a tropa do Governo ao raiar do sol, passando por uma passagem entre o pântano que separava os exércitos. Cope havia escolhido um lugar estratégico para a batalha, pois o pântano impedia os *highlanders* de atacar pelo lado leste (MCLYNN, 2020).

Ao raiar do sol, os jacobitas atacaram o exército do governo. Surpresos, o pânico se alastrou e muitos soldados fugiram dos gritos de guerra amedrontados pelos *highlanders*. A Escócia agora pertencia a Charles. Entretanto, mesmo com seus ferozes soldados das Terras Altas, o número pequeno de seu contingente o preocupava. Um mês passou-se desde a vitória de Prestonpans até a próxima investida (MCLYNN, 2020). O jovem pretendente esperava que Luís enviase homens, pois a vitória havia sido a prova que Luís esperava para poder investir no primo (MACLEAN, 2019). Talvez a ajuda da França viesse se continuasse atacando, se prosseguissem com a invasão rumo ao sul (MCLYNN, 2020). Com um número pequeno de soldados, ele esperava também outros clãs atenderem ao seu chamado para prosseguir, dentre eles, Lorde Lovat, do clã Fraser. O tempo receoso para ação também contribuiu para o exército do Governo aumentar suas tropas. Além de tudo, a falta de dinheiro para manter o exército era um grande problema.

Atravessando a fronteira, Charles e suas tropas marcham em direção a Derby. No caminho, eles conquistam a cidade de Carlisle e conseguem confundir o exército do governo sobre sua real localização, deixando o trajeto livre para a capital. Nada estava no caminho deles de Derby a uma Londres agora em pânico diante da ameaça jacobita, a não ser o receio de não conseguir conquistar a capital. Charles esperava que, ao avançar no solo inglês, os jacobitas ingleses viessem ao seu apoio, ou até mesmo as tropas francesas, das quais ele ainda tinha esperança de receber ajuda. Nenhum dos dois grupos vieram ao seu auxílio (MCLYNN, 2020). O conselho do príncipe, principalmente pela voz de Lorde George Murray, decide recuar para a Escócia para retomar a campanha militar somente na primavera. No caminho de volta, ao tentar sitiá-lo o castelo de Stirling, as tropas de Charles enfrentam o Governo, em em

Falkirk, e novamente saem vitoriosos. Entretanto, em vez de aproveitarem a vitória para outra vez marcharem para o sul, o conselho decide voltar para as *Highlands*, mais precisamente para Inverness, onde será montado o quartel general do príncipe (MACLEAN, 2019).

O erro dos jacobitas foi decidirem recuar. A retirada não foi bem vista, era um sinal de derrota iminente. Desse modo, deserções aumentavam dia após dia. Pela falta de dinheiro, não havia comida suficiente para todos, portanto, como poderiam lutar com fome? Duque de Cumberland, filho de George II, dotado de um vasto exército, marchava em direção a Inverness para colocar um fim ao levante jacobita (MACLEAN, 2019). Charles teima em escolher para a batalha a charneca de Culloden, mesmo com protesto de seus comandantes. O campo era aberto e iria favorecer a artilharia do exército real, já bastante numerosa (MCLYNN, 2020). Outro agravante da situação foi a falha proposta de Murray em atacar de surpresa durante a noite. Além de não encontrarem o acampamento inimigo, isso deixou os soldados cansados e sonolentos para enfrentar o campo de Culloden:

O tempo estivera inclemente o dia inteiro, atrasando-nos. Era 13 de abril e eu cavalgava e caminhava com uma sensação constante e atormentadora de horror em meu coração. Lorde George e os chefes de clã, o príncipe e seus principais conselheiros — todos estavam na Casa Culloden, ou assim haviam nos informado por um dos MacDonald que encontramos ao longo do caminho. Ele pouco sabia além disso e nós não o detivemos; o homem afastou-se tropeçadamente na neblina, andando como um zumbi. As rações estavam escassas quando fui capturada pelos ingleses um mês atrás; a situação havia claramente ido de mal a pior. Os homens que vimos se moviam devagar, muitos cambaleando de exaustão e inanição. Mas prosseguiram obstinadamente na direção norte, todos seguindo as ordens de seu príncipe. Caminhavam para o lugar que os escoceses chamavam de Drumossie Moor. Para Culloden. (GABALDON, 2018, p. 802)⁵.

Nessa desesperadora batalha, no dia 16 de abril de 1746, os escoceses foram massacrados. Os *highlanders* corriam para o ataque sendo abatidos pelas baionetas dos soldados do governo. A cavalaria, em seguida, matou muitos em sua investida (MACLEAN, 2019). Mclynn (2020) destaca que, com todas as desvantagens, a batalha durou pouquíssimo tempo. Charles ao ver seu exército ser abatido, foge prometendo retornar com tropas francesas. Entretanto, sua cabeça estava a prêmio e precisou ficar escondido até conseguir

⁵ Do original: *The weather had been bad all the way, delaying us. It was April 13, and I rode and walked with a constant, gnawing feeling of dread beneath my heart. Lord George and the clan chieftains, the Prince and his chief advisers — all were at Culloden House, or so we had been told by one of the MacDonalds that we met along the way. He knew little more than that, and we did not detain him; the man stumbled away into the mist, moving like a zombie. Rations had been short when I was captured by the English a month gone; matters had plainly gone from bad to worse. The men we saw moved slowly, many of them staggering with exhaustion and starvation. But they moved stubbornly north, all the same, following their Prince's orders. Moving toward the place the Scots called Drumossie Moor. Toward Culloden* (GABALDON, 2016, p. 866).

fugir disfarçado como mulher para a ilha de Skye e depois de lá para França, vivendo o resto de sua vida exilado no exterior (MACLEAN, 2019).

1.7 Pós-1745: fim do sistema de clãs e diáspora

Enquanto em 1715, as punições aos jacobitas foram abrandadas pela intervenção dos *Whigs*, nada pôde ser feito para aplacar a ira hanoveriana, apoiada dessa vez pelos próprios liberais. Ainda mais levando-se em consideração que o movimento jacobita ocasionou vergonhosas derrotas para os ingleses até ser abatido por Cumberland. A batalha de Culloden levou à morte milhares de *highlanders*, mas isso não seria suficiente para o governo. Aos feridos, no próprio campo de batalha, Cumberland ordenou execução a tiros ou serem queimados vivos (MACLEAN, 2019). Assim como Charles, muitos líderes jacobitas fugiram para o continente. Os detidos, como Lorde Lovat, foram decapitados. Os sobreviventes do regimento Manchester, formado por soldados ingleses jacobitas, foram enforcados e esquartejados, enquanto outros morreram nas prisões. Aqueles com mais “sorte” foram banidos para o trabalho forçado nas plantações das colônias. Enquanto Cumberland com suas tropas aterrorizava as Terras Altas com saques e violência, Londres promulgava leis para coibir o meio de vida e cultura dessa sociedade (MCLYNN, 2020).

Dentre as leis, terras dos envolvidos foram confiscadas e o direito hereditário das jurisdições foi proibido. Era o fim do sistema gentílico de clãs. Tirar o poder dos chefes foi a maneira encontrada pela Coroa para sufocar de uma vez o movimento jacobita. Sem soberania, eles foram rebaixados a proprietários das terras somente. Além disso, o uso do tradicional tecido xadrez em qualquer forma de vestimenta foi banido (MCLYNN, 2020). Uma possível explicação para essa proibição seria o fato de o tecido ser usado nas batalhas. Para os Hanovers, não era um símbolo da nacionalidade escocesa, mas sim do movimento jacobita, ou seja, um uniforme (PITTOCK, 2016). Além disso, a gaita de fole utilizada nas guerras como tambores que prenunciavam um ataque também foram proibidas (MACLEAN, 2019). Nas batalhas retratadas por Gabaldon, as gaitas estavam presentes como um grito de guerra dos *highlanders* para o início da luta:

“As gaitas de foles de Clanranald estavam atrás, para a direita, mas até então nenhum sinal fora dado para o ataque [...] o disparo de um único canhão. Um instante mais tarde, outro disparo, e em seguida, como se este fosse o sinal, um grito retumbante

ergueu-se do meio dos escoceses que avançavam. — Então as gaitas de foles começaram — disse ele, os olhos cerrados.” (GABALDON, 2018, p. 621)⁶.

O levante de 1745 foi o último. Os pretendentes não conseguiriam em vida reivindicar novamente a Coroa perdida. As intrigas jacobitas continuaram por mais um tempo mesmo após a Batalha de Culloden, mas o movimento foi perdendo força no decorrer dos anos devido à supressão do governo.

⁶ Do original: “*Clanranald's pipers were behind to the right, but no signal as yet came for the charge. [...] the firing of a single cannon. A moment later, another, and then, as though this were the signal, a wavering cry rose from the oncoming Highlanders. 'The pipes started then,' he said, eyes closed.*” (GABALDON, 2016, p. 668).

Capítulo 2: Autora e obras

2.1 Quem é Diana Gabaldon?

A partir do sucesso literário estrondoso da saga *Outlander*, publicada em 148 países e traduzida para 38 idiomas diferentes, amplificado também pelo lançamento da série televisiva pelo canal Starz, estrelando Caitrona Balfe e Sam Heughan, como os protagonistas Claire e James, podemos pensar que Diana Gabaldon fosse uma experiente escritora de literatura. Pelo contrário, quando lemos sua biografia, descobrimos que *Outlander* foi a primeira e bem acertada tentativa de escrever um romance.

Gabaldon nasceu em 11 de janeiro de 1952 em Williams, Arizona, nos Estados Unidos, apesar de sua família viver na cidade vizinha Flagstaff (GABALDON, c2022). O médico de confiança de seus pais não mais atendia em Flagstaff, sendo necessário que seu pai dirigisse por cerca de 48km enfrentando uma pista escorregadia em meio a uma nevasca para chegar em Williams. Uma viagem extremamente perigosa em condições normais, ainda mais nessa condição climática e em meio a um trabalho de parto. Esse acontecimento do dia de seu nascimento serviu para a família criar o mito de seu aniversário ser sempre era o dia mais frio do ano, mesmo contrariando a previsão meteorológica. Lendas e mitos já eram algo presente na infância de Diana.

Sua família por parte de mãe foi uma das fundadoras da cidade Flagstaff, onde ela foi criada. No século XVIII, seus bisavós maternos emigraram da Inglaterra para começar uma vida nova na América. Curiosamente, seu bisavô, doente de tuberculose, decidiu migrar junto com o irmão, por sugestão de um médico, para melhorar sua saúde. À época, acreditava-se que deixar o ar frio da Inglaterra em busca do ar quente nas colônias seria um grande benefício à saúde. De fato, mais ao sudoeste do estado há regiões desérticas, mas essa característica não se faz presente na região de Flagstaff. A predominância é uma área com picos, pinheiros e um clima fresco e ventoso. Enquanto o irmão foi em busca da área quente prometida pelo médico, o bisavô de Diana permanece nessa área para lembrar da sua amada Inglaterra. Flagstaff poderia não ser quente, mas tinha um ar mais seco do que o ar inglês, e sua saúde melhorou ao ponto de conseguir viver até os 92 anos de idade. Sua bisavó, já habitante de Kentucky, migrou junto à família para o Arizona em busca de uma área mais elevada, após uma enchente causadora da destruição de tudo o que a família dela tinha construído (GABALDON, c2022).

Já por parte de pai, ela tem ascendência mexicana. Até onde lhe é conhecido, sua família paterna vivia no território do México, desde antes de seus bisavós maternos chegarem, no século XV, até que o território foi anexado aos Estados Unidos após a guerra Mexicano-Americana. Por parte do pai vem o sobrenome espanhol, Gabaldon, que pode ser pronunciado de maneira da língua inglesa, “GAB-uhl-dohn (com um ‘o’ longo)”, ou na língua espanhola, “gav-ahl-DOHN”. O casamento de seus pais não foi bem aceito pela conservadora sociedade da pequena cidade no Arizona. Uma mulher de origem inglesa e de uma das famílias fundadoras casar-se com um homem de origem mexicana era considerado miscigenação, portanto, um escândalo inaceitável. Por causa da intromissão da comunidade, a mãe de Diana termina com o pai e é enviada pela família para estudar na *University of Arizona*, em Tucson, ao sul do estado. O plano dos familiares para que ela esquecesse Tony Gabaldon não teve sucesso. Eles se casaram escondidos em outra paróquia e Diana nasceu dois anos depois, fruto de um casamento feliz. Ela não vive mais em Flagstaff apesar de visitar regularmente a casa para aproveitar o clima como um refúgio para escrever seus romances. Gabaldon casou-se com Doug Watkins e teve três filhos. Atualmente reside na cidade de Scottsdale, também no estado de Arizona, com seu marido e vários animais de estimação (GABALDON, c2022).

2.1.1 Vida profissional

A formação acadêmica de Diana e, conseqüentemente, sua profissão não tem qualquer relação com literatura. Ela é graduada em Zoologia pela *Northern Arizona University*, com Mestrado em Biologia Marinha e Doutorado em Ecologia Comportamental Quantitativa (GABALDON, c2022). Em 2022, por sua contribuição à literatura, Diana foi contemplada com o título de doutorado honorário em Letras, pela *University of Glasgow*: “Estou muito honrada por receber esse título de uma das instituições mais antigas e respeitáveis. Significa muito para mim ter o meu trabalho, que é baseado na história escocesa, reconhecido por uma das mais renomadas instituições acadêmicas da Escócia”⁷, diz Diana em entrevista ao jornal escocês *The Scotsman* (CAMPSIE, 2022, tradução nossa).

Sua tese em Biologia foi constituída pelo estudo dos pássaros *Pinyon Jays* presentes na América do Norte. Com esse vasto e invejável currículo, ela foi professora universitária na

⁷ Do original: “I’m very honoured to have been awarded this degree, particularly from such an ancient and venerable institution. It means a great deal to me, to have my work, which is based on Scottish history, recognised by one of the foremost academic institutions of Scotland.”

Arizona State University durante doze anos. Com a linha de pesquisa sobre comportamento animal, Gabaldon foi uma das primeiras pessoas a utilizar computação para análise científica. Tratava-se de um campo completamente novo, pois a computação não tinha os mesmos recursos dos dias atuais. Ela tornou-se especialista nessa área e passou a administrar a revista acadêmica *Science Software*, canal para pesquisadores compartilharem seus trabalhos. Seu único contato com escrita criativa foi trabalhar como roteirista *freelancer* para as revistas em quadrinho da Walt Disney (GABALDON, c2022). Talvez dessa experiência tenha vindo o gosto pela criação que mudaria completamente sua vida.

Embora Diana tenha lidado por muitos anos apenas com o ambiente acadêmico, sendo a literatura uma empreitada completamente nova e desafiadora, não podemos negar que muito de sua experiência foi levada para a narrativa. Entretanto, o principal uso de sua vasta experiência acadêmica não remete apenas à escrita, mas também à maneira de fazer pesquisas.

Diana queria enveredar na escrita literária apenas por prazer, para praticar sem pretensões de publicar qualquer coisa. Por estar habituada à pesquisa acadêmica em sua vida como estudante e, posteriormente, como professora universitária, Gabaldon acreditava que o gênero romance histórico seria mais fácil de escrever. Como ela mesma afirma em sua página oficial “Eu sabia o que fazer com uma biblioteca” (GABALDON, c2022, tradução nossa)⁸. Desse modo, ela havia encontrado o gênero, faltava-lhe agora decidir, em uma vasta história mundial, o momento histórico para ser pano de fundo de sua narrativa. A ideia lhe surgiu por acaso, ao assistir uma reprise do seriado clássico de *Doctor Who*, série de ficção científica produzida e transmitida pelo canal britânico BBC. Nessa série, somos apresentados ao *Doctor Who*, um alienígena milenar que faz viagens espaço-temporal com a TARDIS (*Time and Relative Dimension in Space*), uma nave em formato de cabine policial azul. É um dos personagens mais famosos da cultura popular, protagonizando uma série com cinquenta anos de existência, dividida na versão clássica e em sua continuação mais moderna, lançada a partir de 2005. No episódio em questão, o doutor tem como acompanhante um jovem escocês de 1745 chamado Jamie MacCrimmon. Desse modo, ela já tinha encontrado o gênero para praticar e agora se delineava o momento histórico como pano de fundo: Escócia, século XVIII. Faltavam-lhe agora as personagens.

A primeira protagonista também veio a partir desse episódio: Jamie é apelido para James, mas o sobrenome MacCrimmon não seria aproveitado. Nascia assim James, do clã Fraser. Coincidentemente, o nome do ator que interpretou o jovem escocês era Frazer Hines,

⁸ Do original: “*I knew what to do with a library.*”

algo descoberto por Gabaldon anos após ter escrito o primeiro livro. Como cumprimento, ela enviou a obra para o ator relatando sobre a inspiração vinda daquele episódio de *Doctor Who*. Apesar da semelhança temática, viagem no tempo, característica tão interessante do enredo de *Outlander*, a intenção inicial de Diana era ambientar toda a narrativa no passado, não fosse a personagem Claire criar vida própria. Segundo Gabaldon, quando Claire é levada pelo bando de Dougal, ela se mostra uma mulher moderna. Ao ser indagada sobre sua identidade ela responde rispidamente para ele, algo não esperado para uma mulher do século XVIII (GABALDON, c2022). Mesmo em perigo, cercada por homens estranhos, ela é corajosa e se impõe. A partir desse momento, a autora decide que ela seria uma mulher de outro tempo trazendo suas impressões e pensamentos modernos. Mesmo se soasse estranho, isso não teria importância, pois ela não pretendia publicar o livro.

Mas a publicação aconteceu e foi de forma surpreendente. Gabaldon não enviou o manuscrito de seu trabalho para as editoras. Foi necessária a opinião de outras pessoas sobre alguns trechos para que essa coragem viesse. Em um fórum online, para argumentar sobre como é a sensação de estar grávida, ela postou um trecho da fala da personagem Jenny, em *Outlander*, contando ao irmão James, a experiência de ser uma gestante (GABALDON, c2022):

— Você tem a sensação de que sua pele é muito fina em todo o corpo. Sente tudo que toca em você, até o roçar de suas roupas, e não apenas na barriga, mas nas pernas, nos quadris e nos seios. [...] — Você os sente pesados e cheios... e muito sensíveis nos mamilos. [...]

— E, é claro, você fica enorme e desengonçada [...].

— No começo, assemelha-se um pouco a gases intestinais [...] como pequenas bolhas ondulando pela barriga. Mais tarde, porém, você sente a criança se mover, parece um peixe que morde a isca e logo desaparece. Como um rápido puxão, mas tão rápido que você não tem nem certeza se realmente sentiu alguma coisa. [...]

Você se sente toda inchada, quando chega no final. Não é doloroso... é que parece que você vai explodir. É como se você precisasse ser tocada bem de leve em todo o corpo [...]

— E mais ou menos no último mês, o leite começa a aparecer. Você se sente encher, um pouco de cada vez, a cada vez que a criança se mexe. E então, de repente, seus seios e barriga ficam duros e redondos. [...] — Não há dor nessa hora, apenas uma sensação de falta de ar e depois seus seios pinicam como se fossem explodir se não forem sugados. [...]

— E no final da gravidez, quando a criança se mexe muito, às vezes temos a sensação de que seu homem está dentro de você, quando penetra fundo em você e se derrama dentro do seu ventre. Então, quando aquela pulsação começa lá no fundo do seu corpo juntamente com ele, é assim, mas muito mais intenso; ondula pelas paredes do seu útero e a preenche por completo. Então, a criança fica quieta e é como se fosse ele que você abrigasse dentro de você, em vez do seu filho. (GABALDON, 2016, p. 592-593).⁹

⁹ Do original: “*You feel as though your skin is verra thin all over. You feel everything that touches you, even the rubbing of your clothes, and not just on your belly, but over your legs and flanks and breasts. [...] They feel heavy and full ... and they’re verra sensitive just at the tips. [...] And of course you’re big and you’re clumsy,*

O trecho caiu nas graças dos leitores. Essa foi a primeira aprovação de que aquela tentativa despretensiosa de escrita poderia ser mostrada ao mundo. Dentre os leitores, estava o escritor estadunidense de ficção científica John Stith. Com o agenciamento do agente de John, indicação do próprio escritor, o manuscrito foi enviado a diversos editores. A resposta positiva não demorou muito e três editores estavam interessados em publicar o livro. Como a intenção não era parar a história com *Outlander*, havia muito mais a ser contado sobre aqueles personagens e o período histórico em que estavam inseridos, Gabaldon conseguiu um contrato para uma trilogia.

Outlander foi publicado em 1991, um ano depois veio *Dragonfly in Amber*, em 1992, e fechando a trilogia, *Voyager*, em 1994. Essa trilogia abrange o levante de 1745, o último levante jacobita. Como vimos, jacobitas eram apoiadores do rei James Stuart II, deposto pelo Parlamento na Revolução Gloriosa, por divergências políticas e religiosas. O objetivo deles era restaurar novamente a Casa Stuart no trono do Reino Unido. A narrativa inicia-se em 1743, os antecedentes ao levante, passando pela chegada de Charles na corte francesa e sua ida para a Escócia convocar os clãs. O terceiro livro termina com a Batalha de Culloden, em 1746, fim do movimento e suas consequências. Gabaldon não parou no terceiro livro. A partir do quarto, ela começa a abordar a vida das protagonistas na América. Novamente, eles são entrelaçados com a história, ou seja, a vida nas colônias, a relação com os nativos ameríndios e uma nova guerra: a Revolução Americana. Foram lançados posteriormente, *Drums of Autumn* (1997); *The Fiery Cross* (2001); *A Breath of Snow and Ashes* (2005); *An Echo in the Bone* (2009), *Written in my own Heart's Blood* (2014), e o lançamento mais recente, o nono livro *Go Tell the Bees that I am Gone*, lançado em 2021. A história de Claire e James ainda não foi concluída. Diana está trabalhando no décimo livro, fazendo as pesquisas históricas em que a narrativa se baseará. A pretensão da autora é de encerrar a saga no décimo livro; mas essa ideia pode ser mudada no decorrer da escrita (GABALDON, c2022).

[...]. “In the early days, it’s a bit like belly-gas [...] like little bubbles rippling through your belly. But then later, you feel the child move, and it’s like a fish on your line and then gone—like a quick tug, but so soon past you’re not sure you felt it.” [...] You feel swollen all over, near the end. Not painful ... just so ripe you could burst. It’s as though you need to be touched, verra lightly, all over.” [...] “And in the last month or so, the milk begins to come in. You feel yourself filling, just a wee bit at a time, a little each time the child moves. And then suddenly, everything comes up hard and round.” [...] “There’s no pain, then, just a breathless feeling, and then your breasts tingle as though they’ll explode if they’re not suckled.” [...] “And late in bearing, when the child moves a lot, sometimes there’s a feeling like when you’ve your man inside ye, when he comes to ye deep and pours himself into you. Then, then when that throbbing starts deep inside ye along with him, it’s like that, but it’s much bigger; it ripples all through the walls of your womb and fills all of you. The child’s quiet then, and it’s as though it’s him you’ve taken inside you instead. (GABALDON, 2005, p. 630-631).

Curiosamente, *Outlander* não foi o título inicial dado por Gabaldon ao seu primeiro livro. A autora o havia intitulado *Cross Stitch*, ponto cruz, em tradução livre. O título foi recusado para publicação nos Estados Unidos com a justificativa de que não transmitiria a aventura proposta pela narrativa, pois “ponto cruz” poderia ser associado ao universo da costura. O título trazia toda uma poesia (tão poético como os títulos futuros) exprimindo o movimento de Claire ir do futuro para o passado e a volta dela do passado para o futuro, formando um ponto cruz, linhas se cruzando. Diana conseguiu publicar com o título pretendido somente no Reino Unido. Além da diferença de títulos, no primeiro romance nas publicações através do Atlântico, há também uma alteração de datas. A narrativa na versão estadunidense inicia-se em 1945, sendo alterada para 1946 na versão britânica, devido à sugestão do revisor do livro, pois 1946 seria a data mais precisa para as características descritas do pós-guerra em Inverness. A alteração não pôde ser feita nos Estados Unidos, pois o livro já estava em produção final. A versão utilizada para a análise literária nessa dissertação é a estadunidense, portanto, o início da obra é 1945.

Devido ao tremendo sucesso da saga *Outlander*, do qual podemos notar pela quantidade de continuações da história dos protagonistas e o alcance global com leitores assíduos em diversos lugares do mundo, o universo criado por Gabaldon foi expandido. Ela lançou uma história em quadrinhos chamada *Exile*, gênero muito querido pela autora devido sua experiência como roteirista da Disney. Em *Exile*, a história do primeiro livro é recontada pela perspectiva de James e de seu padrinho Murtagh, trazendo novas informações da linha do tempo de *Outlander* ao leitor (GABALDON, c2022). Outros lançamentos da autora foram novelas e contos, publicados no livro *Seven Stones to Stand or Fall* e um *spin-off* da saga *Outlander* que acompanha Lorde John Grey em aventuras entre os eventos dos romances principais. Esse militar inglês aparece pela primeira vez em *Dragonfly in Amber*.

Por último, *Outlander* ganhou uma adaptação audiovisual, lançada em 2014, produzida pelo canal Starz em parceria com a Sony Pictures Television, estrelando a atriz irlandesa Caitriona Balfe para o papel Claire Beauchamp Randall, o ator escocês Sam Heughan para o papel de James Fraser e Tobias Menzies interpretando duas personagens, Frank Randall no futuro e seu antepassado, o vilão Jonathan Randall. Tal como o material base literário, a série televisiva tem sido um sucesso desde seu lançamento. Quando os direitos haviam sido adquiridos, mais de 20 milhões de cópias da saga já tinham sido vendidas no mundo. São seis temporadas lançadas, cada temporada cobrindo os eventos de um livro. Atualmente, os atores estão gravando a sétima temporada baseada no sétimo livro *An Echo in the Bone*, de 2009, com lançamento previsto para 2023. O seriado é escrito pelo roteirista

Ronald Moore, conhecido pela série de ficção científica *Battlestar Galactica*. Moore também é produtor com Jim Kohlberg, além de contar com a colaboração de Diana Gabaldon como co-produtora (DIANAGABALDON¹⁰, c2022). A adaptação ficou muito fiel aos livros, contendo apenas pequenas alterações que não interferem na narrativa, como a cena na qual Claire atravessa a fenda da pedra mais alta no círculo de pedras. Na série, a protagonista apenas toca na pedra mais alta permitindo-lhe voltar ao passado. Assim, temos questões concernentes ao gênero televisivo, como aponta Barros,

[...] quando se escreve um roteiro de filme para televisão, devem-se antecipar as reações de um telespectador que não está mais preso por duas horas dentro de um recinto fechado de sessão cinematográfica para a qual já comprometeu o valor de um ingresso. Esse novo espectador que assiste na televisão a um filme – seja um filme que já percorreu o circuito das salas de cinema ou um filme tipicamente televisivo – possui literalmente nas mãos um novo poder: o *zapping* – esta possibilidade de apertar um botão no controle remoto e mudar o canal. Os roteiros, desta forma, não podem ser concebidos livremente, pois desde o instante de sua gestação já sofrem a presença desta formidável multidão de micropoderes. É preciso capturar a atenção do espectador comum e, neste sentido, as emissoras pressionarão roteiristas para fazerem cortes em seus roteiros de modo a conseguirem mais excitação, mais suspense, por vezes maior velocidade ou maior nível de adaptação à competência do espectador comum. (2011, p. 183).

No cinema, não é comum um espectador deixar a sala de exibição caso o filme não seja de seu agrado, ainda mais levando-se em consideração o valor dos ingressos e a logística até os cinemas. Essa dinâmica é alterada ao assistirmos a um filme ou, no caso de *Outlander*, a uma série, em casa. Quando Barros escreveu o artigo ainda não vivíamos no Brasil o *boom* dos *streamings* como acontece nos dias atuais. A oferta de diversos filmes acessíveis por assinatura mensal tirou do circuito as antigas locadoras e até mesmo os downloads piratas de filmes, apesar de essa prática ainda ser comum. O autor fala de nosso poder de trocar a série ou o filme, quando não estamos satisfeitos com o enredo, apenas apertando o botão do controle remoto. Na contemporaneidade, com acesso expandido e muitos lançamentos de produções de diversos gostos, isso mudou para apenas o clique do mouse. A pressão dos canais de TV ou de *streaming* para uma série prender a atenção dos espectadores, de fato, é muito maior em nossos dias. Além disso, a agilidade da vida cotidiana influenciou até o formato das séries. Antes, encontrávamos séries longas, de 22 episódios e muitas temporadas. Nos dias atuais, as séries diminuíram, no geral, para 10 episódios por temporada e muitas vezes episódios que não ultrapassam 40 minutos cada. *Outlander* possui episódios longos de uma hora de duração e temporadas de até 16 episódios e segue o esquema antigo de

¹⁰ Site oficial da autora Diana Gabaldon, página sem apontamento de autor. Referência completa em Referências bibliográficas.

lançamento semanal, diferente de *streamings*, como a Netflix, com lançamento de temporada completa para o público maratonar. Portanto, no tocante ao gênero, encontramos, na adaptação de Gabaldon, episódios apresentando um gancho final para semana seguinte.

2.2 Início das narrativas

A narrativa de *Outlander* inicia-se com um prólogo narrado por Claire, tecendo reflexões acerca da natureza de desaparecimentos:

Pessoas desaparecem o tempo todo. Pergunte a qualquer policial. Melhor ainda, pergunte a um jornalista. Os desaparecimentos fazem parte do dia a dia deles. Adolescentes fogem de casa. Crianças desgarram-se dos pais e nunca mais são vistas. Donas de casa chegam ao limite da paciência, pegam o dinheiro das compras e um táxi para a estação de trem. Banqueiros internacionais mudam de nome e desaparecem na fumaça de seus charutos importados. Muitos dos desaparecidos serão encontrados, por fim, vivos ou mortos. Afinal, os desaparecimentos têm explicação. Quase sempre. (GABALDON, 2016)^{11 12}.

Para Claire, policiais e jornalistas estão acostumados em lidar com pessoas desaparecidas e isso torna-se algo corriqueiro. Ao destacar os tipos, como crianças que se afastam dos pais e se perdem, ou donas de casa cansadas de péssimos casamentos e maus tratos, ela aponta explicações plausíveis para esses acontecimentos. Entretanto, em seu caso, não há qualquer explicação lógica para ter desaparecido. Atravessar um círculo de pedras e retornar ao passado é algo impossível, ilógico. Entretanto, foi-lhe dada essa oportunidade.

Em 1945, na cidade de Inverness, Escócia, após o fim da Segunda Guerra Mundial, Claire Beauchamp Randall e Frank Randall decidem retomar a lua de mel interrompida anos antes pelo estopim da guerra. Claire foi enfermeira do exército britânico nos campos de batalha, enquanto Frank trabalhou para o serviço de inteligência. Inverness era o lugar perfeito para eles se reconectarem e promoverem uma reaproximação: “Mesmo sem discutir o assunto, acho que nós dois sentimos que era um local simbólico para restabelecermos nosso

¹¹ Prólogo sem numeração de página. A paginação inicia-se somente a partir do título da primeira parte: *Inverness, 1945*.

¹² Do original: *People disappear all the time. Ask any policeman. Better yet, ask a journalist. Disappearances are bread-and-butter to journalists. Young girls run away from home. Young children stray from their parents and are never seen again. Housewives reach the end of their tether and take the grocery money and a taxi to the station. International financiers change their names and vanish into the smoke of imported cigars. Many of the lost will be found, eventually, dead or alive. Disappearances, after all, have explanations. Usually.* (GABALDON, 2005).

casamento. [...]. Um refúgio tranquilo onde pudéssemos redescobrir um ao outro” (GABALDON, 2016, p. 10)¹³.

Outro motivo para escolherem as Terras Altas tinha relação com a profissão de Frank, historiador, prestes a assumir “o cargo de professor de história em Oxford” (GABALDON, 2016, p. 10)¹⁴. Frank pesquisava um antepassado, Jonathan Wolverton Randall, capitão inglês dos Dragões, que trabalhou nas Terras Altas em nome da Coroa no período anterior e durante a Conspiração Jacobita de 1745: “A paixão de Frank por genealogia era outra razão para termos escolhido as Terras Altas. [...] um antepassado seu tivera alguma coisa a ver com os acontecimentos naquela região em meados do século XVIII.” (GABALDON, 2016, p. 11)¹⁵. Jonathan Randall era responsável pelo Forte William, um dos fortes criados para abrigar o exército e armamento nas Terras Altas e para impedir os clãs de se rebelarem ou facilitar contenções a tempo. Devido ao abuso do poder em perseguições aos *highlanders*, ele ficou conhecido como *Black Jack* (GABALDON, 2005, p. 6).

Claire, sem o ofício da enfermagem, busca uma nova função à qual se dedicar. Por sugestão de Frank, ela começa a estudar botânica e conhece Mr. Crook que concorda em acompanhá-la em busca de espécimes raras da região. Em uma excursão pelos campos de Inverness, Claire se depara pela primeira vez com um círculo de pedras: “ — Essa é a Craigh na Dun, menina. [...] / — Ora, é um monumento megalítico! — exclamei, encantada. — Um círculo de pedras [...]” (GABALDON, 2016, p. 29-30)¹⁶.

As Terras Altas são repletas de folclore por todos os lados. A tradição pagã, as crenças antigas conviviam com a modernidade: sacrifícios de fundação; presságios na leitura de mãos; círculo de pedras. O casal testemunha um ritual, como os antigos das festas do sol, mulheres da aldeia dançando em volta das pedras: “agora eram dançarinas. [...] mantendo os braços estendidos em direção umas das outras, elas balançavam-se e ziguezagueavam, ainda movendo-se em círculos.” (GABALDON, 2016, p. 47)¹⁷.

¹³ Do original: “without discussing it, I think we both felt that it was a symbolic place to reestablish our marriage [...]. A peaceful refuge in which to rediscover each other.” (GABALDON, 2005, p. 4).

¹⁴ Do original: “his appointment as history professor at Oxford” (GABALDON, 2005, p. 4).

¹⁵ Do original: “Franks’s passion for genealogy was yet another reason for choosing Highlands. [...] some tiresome ancestor of his had had something to do [...] in this region back in the middle of the eighteenth ” (GABALDON, 2005, p. 5).

¹⁶ Do original: “‘That’s Craigh na Dun, lass’ [...] ‘Why, it’s a henge! I said, delighted. ‘A miniature henge!’” (GABALDON, 2005, p. 25-26).

¹⁷ Do original: “For dancers they now became [...] with arms outstretched toward each other, they bobbed and weaved, still moving in circle.” (GABALDON, 2005, p. 44).

Uma pequena flor atrai Claire novamente ao círculo. A planta estava no local onde ela havia visto naquela manhã, na base da pedra mais alta do círculo com uma fenda. Ao tocá-la, a pedra emite um som gutural, um grito, sendo seguida pelas outras: “Nunca ouvira um som semelhante de nenhum ser vivo. Não é possível descrevê-lo, exceto dizer que era o tipo de grito que se poderia esperar de uma pedra. Era horrível” (GABALDON, 2016, p. 52)¹⁸. Atordoada, ela atravessa a fenda: “Não sei agora se caminhei em direção à fenda na pedra principal ou se isso foi acidental.” (GABALDON, 2016, p. 52)¹⁹. A sensação inexplicável de voltar ao passado pela fenda foi descrita por Claire como acordar atordoada em meio a um acidente de carro:

Certa vez, viajando à noite, adormeci no banco do carona de um carro em movimento [...]. O motorista do carro entrou numa ponte a uma velocidade alta demais e perdeu o controle do carro. Acordei do meu sonho de estar flutuando direto no clarão de faróis e na sensação nauseante de estar caindo em alta velocidade. Essa transição brusca é o mais próximo que posso chegar para descrever a sensação que experimentei [...]. A verdade é que nada se movia, nada mudava, nada parecia acontecer e, ainda assim, eu experimentava uma sensação de terror tão grande que perdi completamente a noção de quem ou o quê eu era, de onde me encontrava. Estava no âmago do caos e nenhuma força física ou mental era útil contra isso. (GABALDON, 2016, p. 52-53)²⁰.

Tudo ao seu redor apontava que ela não estava mais em 1945, como os homens em roupas antigas de soldados ingleses e os tiros de mosquete, entretanto, sua mente tentava racionalizar. A razão a fazia pensar nas possibilidades mais plausíveis acerca daquele momento. Primeiro, poderia ser uma alucinação causada por sua experiência ao tocar na pedra e cruzar a fenda, e em segundo, ela deveria estar no meio do set de um filme sobre Charles Stuart, ambientado no século XVIII:

“[...] Então me ocorreu, quando um dos homens de casaco vermelho, derrubado por um escocês em disparada, levantou-se e brandiu o punho cerrado teatralmente na direção dos cavalos. É claro. Um filme! Balancei a cabeça diante da minha própria

¹⁸ Do original: “*I had never heard such a sound from anything living. There is no way to describe it, except to say that it was sort of scream you might expect from a stone. It was horrible*” (GABALDON, 2005, p. 49).

¹⁹ Do original: “*I do not know now whether I went toward the cleft in the main stone, or whether it was accidental [...]*” (GABALDON, 2005, p. 49).

²⁰ Do original: “*Once, traveling at night, I fell asleep in the passenger seat of a moving car [...]. The driver of the car took a bridge too fast and lost control, and I woke from my floating dream straight into the glare of headlights and the sickening sensation of falling at high speed. That abrupt transition is as close as I can come to describing the feeling I experienced [...]. The truth is that nothing moved, nothing changed, nothing whatever appeared to happen and yet I experienced a feeling of elemental terror so great that I lost all sense of who, or what, or where I was. I was in the heart of chaos, and no power of mind or body was of use against it*” (GABALDON, 2005, p. 49-50).

lentidão mental. Estavam filmando alguma história [...]” (GABALDON, 2016, p. 54)²¹.

Descendo a colina em busca do carro, ela depara-se com um homem com uma semelhança assombrosa a Frank a ponto de confundi-los: “ele próprio poderia ser irmão de Frank. Havia a mesma constituição física ágil, esbelta, e boa ossatura; os mesmos contornos bem delineados do rosto; as sobrancelhas uniformes e os grandes olhos castanho-claros; e os mesmos cabelos escuros, lisos, penteados para o lado, sobre a frente.” (GABALDON, 2016, p. 55)²². O misterioso homem apresenta-se como Jonathan Randall, capitão da Oitava Companhia dos Dragões de sua majestade. Ao ouvir o nome, Claire instintivamente tenta fugir, mas é alcançada e agredida pelo capitão que a todo custo quer saber sua identidade. Pela vestimenta moderna, ele considera-a uma prostituta. Claire é salva, então, por Murtagh, um escocês, e este a obriga a acompanhá-lo até uma cabana na região.

Eles encontraram vários homens usando kilts. Mais uma vez, Claire pensa tratar-se de um encontro nostálgico de clãs. Um homem corpulento, Dougal, aparentemente o chefe do bando, indaga seu nome. Apresentar o de casada poderia levar esses homens desconhecidos até Frank. Por segurança, até descobrir quem eles eram, teria de usar o nome de solteira. Esses homens eram os que estavam lutando contra os ingleses no bosque: “— Claire... Claire Beauchamp — respondi, resolvendo de improviso usar meu nome de solteira.” (GABALDON, 2016, p. 61)²³. Murtagh acrescenta que Claire estava discutindo com o capitão inglês, e desacredita da ideia de ela ser uma prostituta, mas não pareciam dispostos a deixá-la ir embora. A atenção se desviou para um jovem em um canto com o ombro deslocado chamado James. Claire planejava fugir nesse momento de distração, não fosse o dever de enfermeira falar mais alto. O movimento brusco que os homens iriam fazer no braço do jovem causaria a quebra desse membro:

— Não se atreva a fazer isso! — Qualquer pensamento de fuga desapareceu diante da indignação profissional. Lancei-me para a frente, sem me importar com os olhares espantados dos homens à minha volta.

²¹ Do original: “*And then it came to me, as one of the redcoats, knocked flat by a fleeing Scot, rose and shook his fist theatrically after the horses. Of course. A film! I shook my head at my own slowness. They were shooting a costume drama [...].*” (GABALDON, 2005, p. 51).

²² Do original: “*the man himself might have been Frank’s brother. There was the same lithe, spare build and fine-drawn bones; the same chiseled lines of the face; the level brows and wide hazel eyes; and the same dark hair, curved smooth across the brow*” (GABALDON, 2005, p. 52-53).

²³ Do original: “*‘Claire... Claire Beauchamp,’ I said, deciding on the spur of the moment to use my maiden name*” (GABALDON, 2005, p. 59).

— O que quer dizer? — retorquiu o careca, claramente irritado com a minha intromissão.
 — Quero dizer que vai quebrar o braço dele se fizer desse modo — retruquei. [...]
 — É preciso colocar o osso da parte superior do braço no ângulo certo antes de encaixá-lo na junta outra vez. (GABALDON, 2016, p. 65)²⁴.

Para espanto de todos, Claire devolve o ombro no lugar, declarando ser uma enfermeira ou como as pessoas naquele tempo entendiam, uma curandeira. Com a chance de escapar anulada, Claire foi levada por eles. Havia a desconfiança de que ela fosse uma espiã inglesa; portanto, deixá-la na cabana seria um risco de denúncia. Tudo ao redor continuava de maneira estranha, como a rudimentar cabana na qual estavam, a falta de eletricidade e água encanada, a falta de conhecimento sobre desinfecção de ferimentos, muito menos a existência de uma cidade: “Então parei de repente, sentindo muito mais frio do que o frescor da noite justificava. Nenhuma luz urbana. ‘Que cidade?’, a mulher lá dentro perguntara [...] as luzes de Inverness deveriam estar visíveis por vários quilômetros” (GABALDON, 2016, p. 69)²⁵. Eles foram em direção do Castelo Leoch, morada do líder do clã Mackenzie, Colum, irmão de Dougal. Colum também iria interrogá-la para saber sua identidade.

A confirmação do maior temor de Claire veio ao descobrir a data de uma carta que Colum estava escrevendo ao recebê-la em seu aposento, “20 de abril de 1743” (GABALDON, 2016, p. 97). Não podia mais negar essa nova realidade, a data era a prova final de que ela precisava. Duzentos anos no tempo, no reinado de George II, da Casa Hanover, dois anos antes do levante jacobita de 1745, ocorrido ali onde ela estava, quando o príncipe Charles Stuart veio da França para convocar os clãs e reivindicar o trono de seu pai.

Por mais convincente que fosse a história inventada para se proteger, o momento histórico explica o receio de ela ser uma espiã da Coroa se infiltrando para saber se eles eram jacobitas, pois outras insurreições já tinham acontecido nos últimos anos desde a Revolução Gloriosa:

Eu era uma viúva de Oxfordshire, respondi (verdade, até certo ponto), viajando com um criado, ao encontro de parentes distantes na França (parecia bastante distante para ser seguro). Fomos atacados por ladrões de estrada e meu criado ou fora assassinado ou fugira. Eu mesma corri para dentro do bosque em meu cavalo, mas fui pega a

²⁴ Do original: “*Don’t you dare to do that!*” *All thought of escape submerged in professional outrage, I started forward, oblivious to the startled looks of the men around me. “What do you mean?” snapped the bald man, clearly irritated by my intrusion. “I mean that you’ll break his arm if you do it like that,” [...] “You have to get the bone of the upper arm at the proper angle before it will slip back into its joint.”* (GABALDON, 2005, p. 63)

²⁵ Do original: “[...] *then I stopped dead, feeling much colder than the night chill justified. No city lights. ‘What town’ the woman inside had asked [...] the lights of Inverness should have been visible for miles.*” (GABALDON, 2005, p. 67).

alguns quilômetros da estrada. Para conseguir fugir dos bandidos, fora obrigada a abandonar meu cavalo e tudo que eu possuía. E, enquanto vagava pelo bosque, me deparei com o capitão Randall e seus homens. (GABALDON, 2016, p. 96)²⁶.

Embora Colum fosse um homem educado, ele não poderia confiar em uma mulher inglesa e colocar seu clã em risco. Sabendo das habilidades médicas de Claire, ele a mantém como convidada no castelo (ou prisioneira) para trabalhar como curandeira, cargo vago desde que o último médico falecera: “Este homem, disse a mim mesma, era a lei, o júri e o juiz para o povo que vivia em seus domínios, e obviamente acostumara-se a impor sua vontade” (GABALDON, 2016, p. 121)²⁷. Ela precisava escapar e voltar para o futuro, na colina de Craigh na Dun, local onde tudo começou.

A amizade com James aumentava no decorrer do tempo. O jovem escocês lhe conta que é sobrinho de Dougal e Colum. Além disso, ela descobre o quanto Randall é um homem cruel e sádico. James foi acusado injustamente, preso e açoitado diversas vezes pelo capitão inglês. Foragido, com a vida em risco, ele não pode voltar para casa, sendo obrigado a viver com seus tios.

Não eram somente os homens do clã Mackenzie que desejavam saber a verdadeira identidade de Claire. Black Jack Randall também ficou obcecado por ela e tentaria a todo custo extrair a verdade. Enquanto, Colum e Dougal pensavam ser ela uma espiã inglesa, Randall acreditava na possibilidade de ela ser uma jacobita. Acompanhando Dougal pelo interior das terras dos Mackenzie na tarefa de coletar o aluguel dos arrendatários, Claire descobre que ele é um dos apoiadores do rei deposto. O chefe de armas usa os ferimentos das costas de James para comover e revoltar os escoceses contra os ingleses para angariar dinheiro para a causa.

Dougal havia a convocado para essa jornada com o objetivo de levá-la até Forte William e entregá-la ao comandante Jonathan Randall:

— No meio dessa perseguição por força da lei — continuou ele, medindo as palavras — , encontrei uma inglesa semivestida, em um lugar onde nenhuma inglesa deveria estar, [...]. E agora, madame, você aparece na companhia do comandante de guerra do

²⁶ Do original: *I was a widowed lady of Oxfordshire, I replied (true, so far as it went), traveling with a manservant en route to distant relatives in France (that seemed safely remote). We had been set upon by highwaymen, and my servant had either been killed or run off. I had myself dashed into the wood on my horse, but been caught some distance from the road. While I had succeeded in escaping from the bandits, I had perforce to abandon my horse and all property thereon. And while wandering in the woods, I had run afoul of Captain Randall and his men.* (GABALDON, 2005, p. 97).

²⁷ Do original: *“This man, I reminded myself, was law, jury, and judge to the people in his domain—and clearly accustomed to having things his own way”* (GABALDON, 2005, p. 125).

clã MacKenzie, que me diz que **seu irmão Colum está convencido de que é uma espiã**, provavelmente trabalhando para mim! [...] não sei é quem diabos você é! Mas pretendo descobrir, madame, não tenha dúvidas quanto a isso. Sou o comandante desta guarnição. Como tal, tenho o poder de tomar certas medidas a fim de garantir a segurança desta região contra traidores, espiões e qualquer outra pessoa cujo comportamento eu considere suspeito. (GABALDON, 2016, p. 224-225, grifo nosso)²⁸.

Ao notar seu erro, pois Claire não se tratava de uma espiã inglesa, Dougal planeja salvá-la das perseguições do capitão casando-a com James. Ao tornar-se escocesa, Randall não poderia levá-la a interrogatório ou prendê-la sem autorização do chefe do clã. Entretanto, isso significava também ficar presa no passado. James não se opõe, dando conforto a toda situação: “Tive a impressão de que um estava sustentando o outro; se um de nós soltasse a mão ou desviasse os olhos, ambos cairiam. Estranhamente, a sensação era reconfortante. Onde quer que estivéssemos nos metendo, ao menos estávamos juntos nisso.” (GABALDON, 2016, p. 250)²⁹. A intenção de Dougal não era apenas proteger Claire, mas tirar James da linha de sucessão à chefia do clã Mackenzie, pois havia aqueles que preferiam o sobrinho a Dougal. Ora, um casamento com uma inglesa não seria bem visto; além disso, teria domínio das terras de Lallybroch (casa do sobrinho), ótimo local de passagem em caso de novos levantes. Com o casamento, Claire não esperava no conforto, proteção e segurança que James lhe proporcionava, tornar a amizade que tinham em uma paixão. Mesmo apaixonada, Claire tenta fugir para Craigh na Dun quando teve oportunidade, mas é presa por soldados ingleses e levada novamente à presença do capitão. O sádico vilão descobre, então, quem é o atual marido de Claire, o jovem ruivo procurado, prisioneiro açoitado por ele até a beira da morte, aumentando sua obsessão sobre os dois.

No castelo, Claire havia conhecido Geillis Duncan, esposa de Arthur Duncan, procurador da vila próxima a Leoch, Cranesmuir. Geillis tinha um caso escondido com Dougal, estava grávida e planejava matar o marido para casar-se com o chefe de guerra dos Mackenzie antes de a barriga da gravidez aparecer. Assim como Dougal, ela arrecadava

²⁸ Do original: “*In the midst of this lawful pursuit,*” he went on, in measured tones, “*I encounter a half-dressed Englishwoman—in a place where no Englishwoman should be [...]. And now, Madam, you turn up in company with the war chieftain of clan MacKenzie, who tells me that his brother Colum is convinced you are a spy, presumably working for me!*” “*Well, I’m not, am I?*” I said, reasonably. “*You know that, at least.*” “*Yes, I know that,*” he said with exaggerated patience. “*What I don’t know is who the devil you are! But I mean to find out, Madam, have no doubts as to that. I am the commander of this garrison. As such, I am empowered to take certain steps in order to secure the safety of this area against traitors, spies, and any other persons whose behavior I consider suspicious.* (GABALDON, 2005, p. 237).

²⁹ Do original: “*I had the impression that we were holding each other up; if either of us let go or looked away, we would both fall down. Oddly, the feeling was mildly reassuring. Whatever we were in for, at least there were two of us.*” (GABALDON, 2005, p. 265).

dinheiro desviando do procurador, falsificando sua assinatura, para a causa jacobita. Com o assassinato de Arthur por envenenamento, os planos deles teriam sucesso não fosse a intromissão de Colum, contrário a essa união adúltera. O líder do clã arma uma acusação de bruxaria para Geillis (já haviam boatos pelo seu conhecimento botânico), estendida a Claire, por estar na presença dela quando os guardas vieram buscá-la: “eu duvido que pretendessem prender você. É uma questão pessoal entre mim e Colum, você teve a má sorte de estar comigo quando o pessoal da vila veio me pegar. Se você estivesse com Colum, estaria completamente a salvo, Sassenach ou não.” (GABALDON, 2016, p. 486-487)³⁰.

James estava fora em uma caçada com um nobre inglês que poderia limpar suas acusações. Ninguém em nome do castelo veio interceder por ela, a não ser Ned Gowan, advogado de Colum. Ned consegue apenas ganhar tempo até James retornar. O jovem escocês tenta provar que ela não é uma bruxa encostando um crucifixo em sua pele. Os juízes não pareciam resolutos a deixá-los sair até Geillis confessar ser uma bruxa e tirar suas roupas para chamar atenção da multidão para poderem fugir: “Eu, Geillis Duncan, confesso que sou uma bruxa e amante de Satanás” (GABALDON, 2016, p. 509)³¹. Claire ficou surpresa não com o espetáculo causado, mas com a marca no braço de Geillis: “vi o que ela vira quando minhas próprias roupas foram arrancadas. Uma marca em um dos braços igual à que eu carregava. Ali, naquela época, a marca da feitiçaria, a marca de um mago: a cicatriz pequena e feia de uma vacina contra varíola.” (GABALDON, 2016, p. 511)³². Geillis, assim como ela, havia vindo do futuro. Nesse momento, era preciso contar toda a verdade a James.

James, então, compreende o porquê de ela ter fugido ao ser capturada por Randall e a leva até a Colina das Fadas, a fim de ela poder retornar em segurança ao tempo ao qual pertence e voltar para Frank: “— Claire — disse ele, ansiosamente —, é a sua própria época do outro lado da... desta coisa. Você tem um lar, um lugar lá. Tudo com que está acostumada. E... Frank.” (GABALDON, 2016, p. 523)³³. Como alerta, Claire lhe conta o que está por vir

³⁰ Do original: “*I misdoubt ye were meant to be taken. It’s a matter between me and Colum—you had the ill-luck to be with me when the townfolk came. Had ye been wi’ Colum, you’d likely have been safe enough, Sassenach or no.*” (GABALDON, 2005, p. 519).

³¹ Do original: “*I, Geillis Duncan, do confess that I am a witch, and the mistress of Satan.*” (GABALDON, 2005, p. 543).

³² Do original: “*I saw what she had seen when my own clothes were stripped away. A mark on one arm like the one I bore. Here, in this time, the mark of sorcery, the mark of a magus. The small, homely scar of a smallpox vaccination.*” (GABALDON, 2005, p. 545).

³³ Do original: “*Claire,*” he said urgently, “*it’s your own time on the other side of ... that thing. You’ve a home there, a place. The things that you’re used to. And...and Frank.*” (GABALDON, 2005, p. 557).

nos próximos anos e lhe implora para se afastar e não se envolver no conflito. Haverá um levante jacobita e esse será o último. As consequências serão drásticas, milhares de pessoas irão morrer. Por fim, Claire decide ficar no passado por amar James. Entretanto, não havia mais espaço para eles em Castle Leoch devido ao envolvimento de Colum na acusação de Claire. Era o momento de eles voltarem para casa, para Lallybroch.

Contudo, James tinha receio de voltar não somente pelo medo de ser preso, mas também pela situação a ser encontrada. Dougal havia mentido que Janet, irmã de James, engravidou de Randall ao ser estuprada pelo capitão quando ele invadiu Lallybroch para cobrar impostos. Por defender a casa e a irmã, James havia sido agredido e preso, perdendo qualquer contato com sua família. Afastar James de Lallybroch fazia parte dos planos de Dougal para ter controle sobre seus bens. Ao descobrir a verdade (Jenny não havia sido violentada), James assume o posto de senhor das terras.

Aparentava ser seguro estar de volta à casa, mas James é denunciado por um inquilino insatisfeito e preso. Jenny e Claire seguem os rastros da patrulha e descobrem a fuga de James. Não faziam ideia de onde ele pudesse estar escondido até Dougal lhes dar a notícia que James havia sido encontrado em uma estrada e levado à prisão de Wentworth: “— Foi julgado há três dias — disse Dougal. — E condenado à forca.” (GABALDON, 2016, p. 642)³⁴. Com ajuda dos homens de Dougal em um plano ousado: colocar gados soltos dentro da prisão para distrair os soldados; Claire consegue salvá-lo. Pelo menos da morte, ela ainda precisava salvar sua alma que estava destrozada. A tortura fizera-o desistir de viver. Porém, Claire não pretendia desistir dele, da mesma forma como não desistira no círculo de pedras.

Seguros em um mosteiro, na França, longe dos perigos da Escócia, Claire reflete sobre sua situação no passado, sobre as consequências da sua presença no século XVIII, se ela teria algum poder de alterar o porvir. A cultura *highlander* que ela aprendeu a amar estava destinada a ter um fim, milhares de pessoas iriam morrer. Eles poderiam tentar a vida longe de tudo aquilo, as colônias na América seriam um novo começo, mas decidem ir para Roma, onde está a corte do rei exilado, para tentar impedir o levante.

2.3 Estrutura, tempo e espaço nas narrativas

A narrativa de *Outlander* é dividida em sete partes: Parte 1 - Inverness, 1945 (Capítulos 1-5); Parte 2 - *Castle Leoch* (Capítulos 6-10); Parte 3 - *On the road* (Capítulos

³⁴ Do original: “‘He stood his trial three days ago,’ Dougal said. ‘And was condemned to hang.’” (GABALDON, 2005, p. 682).

11-23); Parte 4 - *A whiff of Brimstone* (Capítulos 24-25); Parte 5 - Lallybroch (Capítulos 26-33); Parte 6 - *The search* (Capítulo 34), parte 7 - *Sanctuary* (Capítulos 35-41).

A escolha da autora em dar títulos tanto para as partes quanto para os capítulos (pois há narrativas em que o autor apenas enumera os capítulos) implica situar o leitor acerca do tempo e do espaço em que o narrado se ambienta, como na parte 2, *Castle Leoch*, morada do chefe do clã Mackenzie ou na parte 6, *The Search*, momento no qual Claire e Jenny saem em busca de James ao ser levado pela patrulha inglesa. Desse modo, trata-se de um capítulo cuja localização remete às estradas e florestas seguindo o rastro dos soldados. Sobre o tempo, consideramos essa marcação importante, pois há mais de uma linha do tempo na história. Destacamos o recurso utilizado na parte 1 “Inverness, 1945”. Nos capítulos, por sua vez, o recurso de intitulação antecipa os acontecimentos a seguir na trama, permitindo ao leitor especular o que pode ou não ocorrer, como no título *Standing Stones*, da parte 1, cujo acontecimento central é o primeiro contato da protagonista com o círculo de pedras.

A mesma estrutura é utilizada em *Dragonfly in Amber*, divisão em sete partes com capítulos intitulados: Parte 1 - *Through a Looking Glass, Darkly; Inverness 1968* (Capítulos 1-5); Parte 2 - *The Pretenders, Le Havre, France: February 1744* (Capítulos 6-17); Parte 3 - *Malchance* (Capítulos 18-21); Parte 4 - *Scandale* (Capítulos 22-29); Parte 5 - “*I am come home*” (Capítulos 30-35); Parte 6 - *The flames of Rebellion* (Capítulos 36-46); Parte 7 - *Hindsight* (Capítulos 47-49). Os títulos permitem-nos presumir os eventos de acordo com o contexto do enredo e também definir o tempo da narrativa (1968 em Inverness; 1744 em Le Havre).

Salientamos a escolha do título da primeira parte que faz intertexto com as obras da personagem *Alice*, de Lewis Carroll. *Dragonfly in Amber* é o segundo livro da saga, assim como *Alice Through the Looking Glass and What Alice Found There*, segunda aventura de *Alice no país das maravilhas*. No primeiro livro, ela viaja pela toca de coelho e no segundo pelo espelho (CARROLL, 1998). A autora traz uma alusão para a viagem no tempo de Claire pelo círculo de pedras, comparada a ida de Alice de maneira inexplicável para o País das Maravilhas. *Alice* é um livro repleto de elementos fantásticos, de certo modo, *Outlander* também possui esses elementos como as pedras com sons guturais que invocam os viajantes para o passado. Além disso, encontramos titulações poéticas como em *A whiff of Brimstone*, “Um leve sopro de Enxofre”, para designar a parte relacionada ao julgamento de Claire e Geillis por bruxaria, sendo o enxofre o elemento presente no inferno.

No tocante aos títulos das obras, como abordamos, o nome inicialmente pretendido por Gabaldon para o primeiro livro era *Cross Stitch*. Título não aceito para publicação nos

Estados Unidos, pois os editores desejavam um título que expressasse aventura, sendo escolhido no lugar, *Outlander*. O segundo título é *Dragonfly in Amber* que faz relação ao presente de casamento de Claire. Quando James tentou limpar seu nome de suas acusações, ele contou com a ajuda de um velho amigo, Hugh Munro. No passado, Hugh havia sido capturado pelos turcos e sido escravizado. Por não querer se converter à religião islâmica, sofreu torturas, como ter as pernas quebradas e a língua arrancada. Impossibilitado de trabalhar, ele tornou-se um *garbelunzie*, um pedinte oficial de paróquias. Poder transitar entre as paróquias das vilas nas *Highlands* permite a Hugh ajudar James a encontrar um soldado inglês desertor, testemunha de quem realmente cometeu o assassinato do qual ele é injustamente acusado. Hugh não só ajuda James, mas também, ao saber da notícia de seu casamento, presenteia Claire com uma libélula eternizada dentro de um âmbar:

[...] sobre o meu cobertor havia um pequeno pacote, embrulhado em uma folha de papel fino, com uma pena da cauda de pica-pau enfiada nele. Abrindo-o cuidadosamente, encontrei um grande pedaço de âmbar bruto. Uma das faces do bloco fora aplainado e polido e, nessa janela, podia-se ver a forma escura e delicada de uma pequena libélula, suspensa num voo eterno. (GABALDON, 2016, p. 332-333)³⁵.

Desse modo, o segundo título é tão simbólico quanto o primeiro, pois, conforme Gabaldon (c2022), em seu site oficial, a libélula dentro do âmbar significa o amor dos protagonistas preservado, intacto, pelo tempo. Não importando o tempo que fiquem distantes, Claire o amaria na mesma intensidade e sofreria sua perda.

Em relação ao tempo da narrativa, a saga *Outlander* possui duas linhas do tempo concomitantes que se cruzam em um ponto comum: a protagonista Claire Beauchamp. Como vimos, a primeira linha inicia-se em 1945, logo após o final da 2ª Guerra Mundial. Enquanto, a segunda linha do tempo dá-se início em 1743, aproximadamente duzentos anos antes do início da narrativa. Por serem concomitantes, o tempo passa igualmente para as duas épocas. Claire fica por volta de três anos no passado na história de *Outlander* e *Dragonfly in Amber*. Ela havia retornado próximo ao festival de Beltane:

“Era final de abril. A apenas alguns dias do Beltane, o festival da primavera. Foi quando eu mesma fiz minha viagem inesperada ao passado. Seria possível que houvesse alguma coisa a respeito da data — ou apenas a época geral do ano? Era

³⁵ Do original: [...] on my blanket rested a small parcel, done up in a sheet of thin paper, fastened with the tail-feather of a woodpecker thrust through the sheet. Unfolding it carefully, I found a large chunk of rough amber. One face of the chunk had been smoothed off and polished, and in this window could be seen the delicate dark form of a tiny dragonfly, suspended in eternal flight. (GABALDON, 2005, p. 354).

meados de abril quando retornei — isso tornara possível a assustadora passagem.” (GABALDON, 2018, p. 866)³⁶.

Quando Claire encontra a carta que Colum estava escrevendo antes de recebê-la, ela se depara com a data de 20 de abril de 1743. Assim, Claire retornou no dia 19 de abril, levando-se em consideração sua cavalgada durante a noite até o castelo. A batalha de Culloden ocorreu no mesmo mês, três anos depois, exatamente no dia 16 de abril de 1746; porém, James a leva em segurança no dia anterior da batalha. Ele ainda teria tempo de voltar e encaminhar seus homens para fora da charneca. Portanto, Claire retorna no dia 15 de abril, três anos depois.

Sobre as localizações geográficas, assim como as narrativas trazem uma mistura de história, ficção, alguns locais onde o enredo se passa, também são inventados para esse universo. Inverness é a capital da região das Terras Altas, na Escócia, descrita por Claire como uma cidade chuvosa e fria no mês de abril. A cidade foi palco de importantes acontecimentos históricos, como a fatídica Batalha de Culloden, em 1746, que a narrativa resgata.

No mapa abaixo, conseguimos observar a distância da cidade de Inverness até o local onde aconteceu a última batalha jacobita.

FIGURA 2 - CULLODEN BATTLEFIELD



³⁶ Do original: “It was late April. Only a few days until May Day—the Feast of Beltane. That was when I had made my own impromptu voyage into the past. I supposed it was possible that there was something about the date—or just the general time of year? It had been mid-April when I returned—that made that eerie passage possible.” (GABALDON, 2016, p. 935).

FONTE: GOOGLE MAPS, c2022. Acesso em 30 ago. 2022

Forte William, local chefiado pelo vilão Jonathan Randall, de fato existe, foi construído por William de Orange após a Revolução Gloriosa. Contudo, a prisão de Wentworth, local impenetrável em que James é torturado por Randall é ficcional, assim como, o castelo Leoch e a vila vizinha, Cranesmuir. Claire situa a localidade ficcional do castelo ao dizer já ter visitado suas ruínas no futuro, próximo a uma vila escocesa: “Quando o conheci, o Castelo Leoch era uma ruína pitoresca, **uns cinquenta quilômetros ao norte de Bargrennan**. Era bem mais pitoresco agora [...]” (GABALDON, 2016, p. 81, grifo nosso)³⁷.

Por fim, Lallybroch, morada da família de James, também foi imaginada por Gabaldon; porém podemos também ter uma noção de sua localização de acordo com as descrições de Claire: “a mesma fronteira, correndo lado a lado da costa marítima e continuando pela parte inferior do lago Ness. [...] no extremo sul das terras do clã Fraser, ficava a pequena propriedade Broch Tuarach, de Brian Fraser, pai de Jamie”. (GABALDON, 2016, p. 261)³⁸. Desse modo, historicamente, Frasers e Mackenzies eram vizinhos. No sul das Terras Fraser, na narrativa, os pais de James construíram suas vidas longe da rivalidade dos líderes dos clãs. O casamento não havia sido fruto de negociações para expansão das terras, pelo contrário, Brian e Ellen quebraram as tradições das Terras Altas ao fugirem e se casarem por amor.

³⁷ Do original: *When I had known it, Castle Leoch was a picturesque ruin, some thirty miles north of Bargrennan. It was considerably more picturesque now [...].*” (GABALDON, 2005, p. 81).

³⁸ Do original: *running side by side from the seacoast past the lower end of Loch Ness. Along this border, at the southern end of the Fraser clan lands, lay the small estate of Broch Tuarach, the property of Brian Fraser, Jamie's father.* (GABALDON, 2005, p. 277).

Capítulo 3: História interrompida: cultura *Highlander*

3.1 Cultura *Highlander*

A destruição de um povo não se dá somente pelo genocídio, mas também pela proibição das expressões culturais, como aconteceu com os *highlanders*, suprimidos por um país de maior poderio financeiro e militar. Os puritanos viram como solução para professarem a sua fé migrar para as colônias na América. O mesmo caminho foi adotado pelos *highlanders*, jacobitas ou não, não apenas por não poderem expressar sua cultura, mas devido à fome que se alastrou forçando-os a migrar. Em outras palavras, eles foram obrigados a deixarem a terra de seus antepassados, em busca de uma vida melhor.

Gabaldon utilizou diversos aspectos culturais da antiga cultura *highlander* para compor e enriquecer suas narrativas, como uma forma de resgatar por meio da literatura a cultura suprimida. Em um primeiro momento, há um estranhamento cultural vivido por Claire ao se deparar com uma sociedade patriarcal com um sistema de clãs, completamente diferente da cultura inglesa de seu próprio tempo, duzentos anos à frente no século XX. Consciente dos acontecimentos do passado, Claire decide interferir na história devido ao afeto nutrido por essa cultura, principalmente, pelas pessoas que a representavam. Ela sabia o porvir: morte em Culloden, e para os sobreviventes, a fome e a proibição de sua cultura.

Antes de prosseguirmos, destacamos o significado etimológico de cultura adquirido no decorrer do tempo, oriundo de duas palavras distintas, importantes para a compreensão dos aspectos da cultura *highlander* retratados na narrativa. Primeiramente, cultura originou-se da palavra alemã *kultur* que significa aspectos espirituais, ou seja, as crenças, os costumes, as tradições de uma determinada comunidade (DE BARROS LARAIA, 1986). Em segundo, cultura teve também contribuições da palavra francesa *civilization*, significando realizações materiais, portanto, a capacidade humana de mudar o ambiente ao redor. Esse segundo significado remete ao trabalho. Diferentemente dos animais que se adaptam à natureza, o ser humano adquiriu a capacidade de modificá-la, como construir casas para abrigar-se da adversidade do tempo e desenvolver ferramentas para caça ou para cultivar o solo para produzir o próprio alimento. Desse modo, cultura significa transmissão: a humanidade comunica e transmite para seus descendentes a herança do conhecimento adquirido, desde as tradições até os conhecimentos de sobrevivência (DE BARROS LARAIA, 1986).

Segundo Ommer (1986), há uma romantização nos trabalhos acadêmicos sobre a cultura *highlander* e o sistema de clãs acerca das expressões culturais como os tartãs contendo

cores distintas para cada clã, além do uso da gaita de fole. A romantização teve seu papel em construir uma identidade nacional para um povo, realçando características que uniam um país tão diverso; entretanto, impede leituras críticas sobre essa cultura além das expressões. Em consonância com o apontamento de Ommer (1986), destacamos a dificuldade de encontrar materiais acerca da história *highlander* pela perspectiva das camadas populares, por um diferente ponto de vista de quem sofreu as consequências das políticas da Inglaterra. Daí, a crítica de se encontrar uma vasta bibliografia acerca da história oficial, mas nem sempre com uma perspectiva dos plebeus, dos camponeses. Coube à literatura também, a partir dos materiais existentes, resgatar essa outra perspectiva por meio de uma ficção especulativa, retratando o homem comum em meio aos conflitos históricos. Por outro lado, há bibliografias que expressam como era constituída essa peculiar cultura, nas quais nos apoiamos, ou seja, uma forma de resgate realizado por historiadores a fim do registro desse meio de vida não se perder.

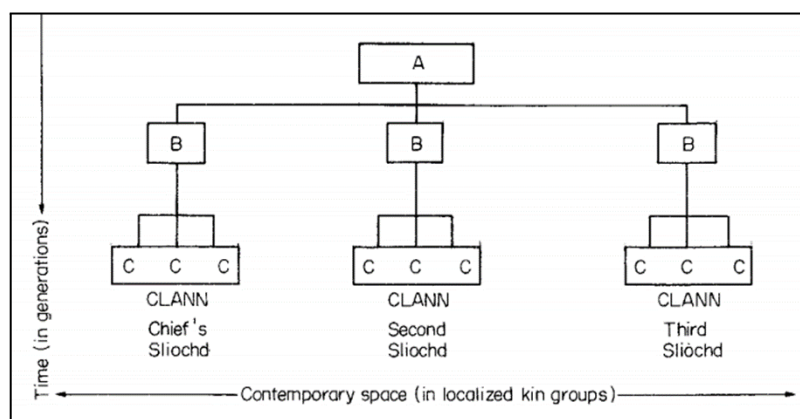
Ommer (1986) destaca trabalhos com características além da romantização, cujos conteúdos discutem se o sistema de clãs era um sistema feudal ou um sistema tribal. O sistema de clãs da Escócia pode ser definido, conforme a própria etimologia da palavra clã explicita, como um sistema de parentesco (KELTIE, 2019). Os membros de um clã consideram-se uma grande família, primos que descendem de um ancestral em comum para todos (MACPHERSON, 1966). É difícil resgatar se de fato um clã originou-se de um único ancestral, mas a composição e disposição dos membros de um clã se dá a partir dessa crença, ou seja, como aponta Ommer (1986, p. 123, tradução nossa), “pode ser visto tanto como um sistema de descendência ou como uma organização de comunidade baseada em um sistema de descendência.”³⁹.

Os dois grandes clãs trazidos por Gabaldon para o centro das narrativas foram Mackenzie e Fraser. Os Mackenzies são representados pelo seu chefe, Colum, e pelo irmão, Dougal, chefe de armas. Os Frasers, por sua vez, são representados não pelo seu chefe, Lorde Lovat, apesar de ele aparecer em um momento crucial na narrativa, mas por James, neto de Lovat. O sobrenome é algo extremamente importante para esse povo, pois demonstra seu local de origem, geograficamente, como norte da Escócia, as Terras Altas, um vale ou montanha a qual um determinado clã pertence (MOFFAT, 2013). Mas vai muito além disso, pois o sobrenome que carregam em conjunto com seus parentes demonstra sua descendência de ancestral distante, ou seja, “o primeiro de seu nome” (MOFFAT, 2013, p. 7). Enquanto a

³⁹ Do original: “*the clan can be viewed either as a descent system or as an organization of community based on a descent system.*”

palavra clã já traz um sentido de parentesco por se originar da palavra gaélica *clann* (= filhos), os *highlanders* implementaram o prefixo redundante *mac*, que também significa “filho de alguém”, para não deixar dúvidas sobre suas origens. Desse modo, o clã Mackenzie significa filhos de Kenzie. Entretanto, nem todos os clãs utilizam o prefixo *mac*, como os próprios Frasers, por exemplo, pois a palavra clã já deixa claro que todos descendem de um Fraser que originou seu clã.

FIGURA 3 – ESTRUTURA DOS CLÃS ESCOCESSES NO TEMPO E ESPAÇO



FONTE: OMMER (1986, p. 123).

Conforme o esquema criado por Ommer (1986) para ilustrar a disposição dos membros de um clã, temos, na primeira linha, representado pela letra A, o progenitor do clã, quem deu origem, o ancestral comum. Essa tabela pode ser também vista em diferentes épocas, podendo a letra A representar o chefe de um determinado período. Apesar de todos se considerarem parentes, o chefe é considerado o descendente direto, desse modo, líder do clã. Na linha representada pela letra B temos as ramificações que se iniciam com os filhos do chefe, as principais linhagens, em gaélico *sliochdan* (OMMER, 1986) e a partir deles na letra C, a “multidão de primos”, destacada por Macpherson (1966). Os herdeiros terão como função dar assistência ao chefe e aconselhá-lo nas decisões.

Dentre as funções hierárquicas, temos o *tanist*, que assumirá a liderança do clã após a morte do atual chefe, sendo seguido pelo *toshach*, o líder militar do clã (KELTIE, 2019). Em *Outlander*, Dougal assume esse papel, sendo o chefe de armas do clã Mackenzie, como podemos observar na seguinte passagem:

Não havia dúvida, veja bem, sobre a coragem de Colum, nem mesmo de sua capacidade mental, mas apenas sobre seu corpo. Era óbvio que ele jamais poderia liderar seus homens em uma batalha outra vez. Mas havia Dougal, forte e saudável,

ainda que um pouco imprudente e exaltado. Ele colocou-se atrás do trono do irmão e prometeu seguir a palavra de Colum e ser suas pernas e seu braço armado no campo. Assim, foi sugerido que Colum pudesse se tornar o chefe do clã, como faria normalmente, e Dougal fosse nomeado comandante de guerra, para liderar o clã em tempos de batalhas. (GABALDON, 2016, p. 196)⁴⁰.

Colum sofria de síndrome de Toulouse-Lautrec, uma doença degenerativa dos ossos e dos ligamentos. Ele havia sofrido um acidente quando jovem, quebrou a perna e nunca mais sua saúde foi a mesma. Sua não recuperação colocava em risco sua sucessão ao clã. Dougal seria o próximo; entretanto, os membros do clã desconfiavam se o irmão poderia ser um bom líder devido seu comportamento tempestuoso. Colum, nesse aspecto, era mais bem preparado. Desse modo, ele assume a liderança do clã e Dougal torna-se o comandante de guerra. Um seria a cabeça do clã, enquanto o outro seria os braços e pernas para ir onde o líder não pudesse, em virtude de sua doença. Na qualidade de líder de armas, é ele quem comanda o clã nas batalhas, como aconteceu no último levante jacobita.

Do mesmo modo que é difícil remontar se de fato há um ancestral em comum, há uma dificuldade de delimitar quando o sistema de clãs iniciou-se. Aponta-se como marco, o fim do domínio nórdico nas ilhas ocidentais e ascensão da dinastia Somerled, em 1263, sendo Somerled o antepassado do clã Donald (OMMER, 1986). O fim do sistema de clãs perante a lei ocorreu em 1746, após a Batalha de Culloden e aprovação das leis de supressão e perda do direito hereditário das jurisdições. Desse modo, o sistema durou quase quinhentos anos. Entretanto, Keltie (2019) aponta que o costume de seguir o líder de uma tribo é muito mais antigo, sendo provavelmente uma tradição herdada pelos caledônios, antigo povo celta habitante de Alba (Escócia em gaélico), antes da chegada dos romanos. Com a migração, as terras foram divididas em diversas tribos, cada uma independente das outras com um líder próprio. Havia conflito entre elas, apenas unindo-se em necessidade extrema para combater um inimigo em comum, elegendo um único líder representante de todas. Seguindo o padrão de outros povos celtas, a fidelidade das pessoas da tribo aos seus líderes era devido à noção de parentesco, tão forte como a dos clãs das *Highlands*. Essa prática era comum antigamente, mas não só no ocidente. No Oriente Médio, outro grande exemplo foi a divisão das terras da Palestina em doze tribos, com um ancestral em comum, Jacó (KELTIE, 2019).

⁴⁰ Do original: *There was nae doubt, ye see, of Colum's courage, nor yet of his mind, but only of his body. 'Twas clear he'd never be able to lead his men into battle again. But there was Dougal, sound and whole, if a bit reckless and hot-headed. And he stood behind his brother's chair and vowed to follow Colum's word and be his legs and his sword-arm in the field. So a suggestion was made that Colum be allowed to become laird, as he should in the ordinary way, and Dougal be made war chieftain, to lead the clan in time of battle.* (GABALDON, 2005, p. 207).

A união em períodos de guerra contra inimigos comuns, como foi o caso da união das tribos contra a tentativa de invasão romana, possibilitou a divisão das Terras Altas em distritos, Mormaordoms (KELTIE, 2019). Cada distrito continha várias tribos sob um único líder, conhecido como Mormaor. Com o avanço de um poder centralizado em um rei, os Mormaordoms tornaram-se condados subjugados à Coroa. Ao perderem seus chefes, pois os condados passaram a ser comandados por barões das Terras Baixas em um sistema feudal, as tribos ramificaram-se formando diversos clãs com novos líderes. Mesmo tendo uma nova ordem, o sistema de clãs conseguiu coexistir e manter suas independências e força, adquirindo, com o tempo, a jurisdição hereditária das terras. Isso se deve principalmente à formação natural das Terras Altas, repleta de montanhas e vales que impossibilitavam invasões militares e favoreciam a defesa. A Coroa precisava de uma boa relação para evitar insurgências.

Apesar da aparente semelhança a um sistema feudal: divisão de terras subordinadas a uma coroa; há diferenças de um sistema para o outro. Quando William, o Conquistador, instaurou o sistema feudal na Inglaterra, as terras foram divididas em baronatos para estrangeiros normandos de sua confiança (HUME, 2014). Por sua vez, os barões dividiram as terras para vassalos subordinados a eles. Na Escócia, não se tratavam de estrangeiros, mas sim de nativos cujas terras lhes pertencia, pois eram de seus antepassados e, portanto, conheciam-as bem. Ora, a principal diferença se dá no parentesco. Todos se consideram da mesma família, não há uma subordinação do tipo barão e vassalo com uma pessoa estranha subordinada pertencente a outra família. O chefe é o representante do ancestral (KELTIE, 2019). Desse modo, possui um direito hereditário, não podendo perder esse direito, enquanto o barão presta um serviço militar ao rei, sob ameaça de perder as terras em seu domínio. No sistema de clãs, a terra é de todos, pois todos os membros descendem do ancestral. Assim, o chefe não sendo dono, apenas possuidor do direito de posse hereditário, não pode desfazer-se da terra, vendê-la para lucro, muito menos abandoná-la (OMMER, 1986).

Em relação à fidelidade, mesmo reconhecendo a autoridade de um rei, os *highlanders* respondiam e obedeciam a seu chefe primeiramente, a ele dedicavam suas vidas. Mesmo com o fim do sistema de clãs em 1746, o sentimento de fidelidade aos seus chefes permaneceu para muitos *highlanders*. Na Guerra de Independência das colônias na América, os homens de Lochiel somente lutaram do lado do rei George não por devoção à Coroa, mas por ordens de Lochiel. Ele era o único líder que eles reconheciam e seguiam (OMMER, 1986). Enquanto o sistema perdurou, o rei não tinha alcance dentro da jurisdição de um clã, ou seja, não conseguiria resolver contendas entre clãs rivais, muito menos perseguir e julgar um membro

de um clã que havia praticado algum crime sem a autorização do chefe (KELTIE, 2019). Dentro dos limites do clã, o chefe é a lei, podendo proteger seus parentes da justiça real. Em *Outlander*, temos uma amostra desse poder quando Dougal propõe a Claire casar-se com James para protegê-la do capitão Randall:

Randall tem o direito de levá-la a interrogatório porque é súdita da coroa inglesa. Bem, então, temos que mudar isso. [...] A lei escocesa e a lei inglesa são muito semelhantes — disse ele, franzindo a testa —, mas não são iguais. E um oficial inglês não pode forçar um escocês, a menos que tenha prova concreta de um crime cometido ou base para graves suspeitas. Mesmo com suspeitas, ele não pode retirar um súdito escocês das terras do seu clã sem a permissão do senhor desse clã. [...] a única maneira de me recusar legalmente a entregá-la a Randall é mudá-la de inglesa para escocesa. (GABALDON, 2016, p. 237)⁴¹.

Ao casar com James, Claire tornaria-se escocesa; não só uma Fraser pelo sobrenome do cônjuge, mas também Mackenzie devido ao parentesco de James com os tios Colum e Dougal. Estaria, desse modo, protegida perante a lei. Dentro dos domínios do clã, Colum é soberano, caso recusasse entregar um de seus súditos, nada fariam os soldados ingleses. Não poderiam sequer invadir e tentar retirar alguém à força, mesmo tendo infringido a lei. Havia, portanto, uma justiça externa, do poder centralizado na Coroa e a justiça dentro dos domínios dos clãs, representada pelo líder.

Para tentar ter algum domínio, era comum a Coroa, em diferentes épocas, tentar se aliar com clãs inimigos com o objetivo de diminuir o poder de outro clã também seu opositor, incentivando conflitos (KELTIE, 2019). Esse era o máximo que a Coroa conseguia interferir na política dos clãs, a uma certa distância, sem alcance efetivo. No último levante jacobita de 1745, por exemplo, nem todos os clãs das Terras Altas eram partidários de Charles Stuart, pois havia aqueles que se aliaram ao governo Hanover. Como analisamos nos capítulos anteriores, houve um momento na história *highlander* em que as forças do Governo não se uniram a um clã inimigo para derrubar outro, mas com um clã amigo, ficando conhecido como Massacre de Glencoe. O clã Macdonald de Glencoe seria o bode expiatório do movimento jacobita por não ter chegado a tempo de jurar lealdade a William de Orange. Foi enviado para a tarefa um parente por parte de casamento do líder do clã e, desse modo, não

⁴¹ Do original: “Randall’s the right to take ye for questioning because you’re a subject of the English crown. Well, then, we must change that. [...] “Scots law and English law are verra similar,” he said, frowning, “but no the same. And an English officer canna compel the person of a Scot, unless he’s firm evidence of a crime committed, or grounds for serious suspicions. Even with suspicion, he could no remove a Scottish subject from clan lands without the permission of the laird concerned.” [...] the only way I can legally refuse to give ye to Randall is to change ye from an Englishwoman into a Scot. (GABALDON, 2005, p. 250-251).

despertou qualquer suspeita. Confraternizaram, beberam, comeram, festejaram até chegar a ordem de matar todos os membros do clã (MACLEAN, 2019).

Quando um chefe morre, a sucessão de liderança do clã configura outra grande diferença desse sistema com o sistema feudal. No feudalismo, o direito hereditário é transmitido do pai para o filho mais velho, excluindo-se mulheres. Na Inglaterra, houve a excepcionalidade de mulheres assumirem o poder devido a lei de Henry VIII promulgada pelo Parlamento da sucessão passar de seu filho Edward para Mary I e posteriormente para Elizabeth (LEVINE, 1962), com o objetivo de evitar que o trono inglês passasse para os parentes da Escócia, os Stuarts. No sistema de clãs, a linhagem de sucessão também é masculina, entretanto, a liderança não é herdada pelo filho mais velho, mas sim pelo irmão mais velho do falecido líder. Isso se deve, pois, na tradição dos clãs, o irmão mais velho tem maior direito sobre o filho por ele ser o representante mais próximo do ancestral em comum (KELTIE, 2019). Os dois sistemas coexistiam e apenas se chocavam quando o direito feudal tentava suplantar o direito hereditário dos clãs (OMMER, 1986).

Na narrativa de *Outlander*, Dougal pretendia casar Claire e James não só para protegê-la, mas também para tirar James da linha de sucessão como líder do clã:

— Ser metade MacKenzie é uma coisa — explicou ele. — Ser metade MacKenzie com uma mulher inglesa é outra bem diferente. Não há muita chance de uma Sassenach se tornar senhora de Leoch, independente do que os membros do clã pensem de mim. Foi por isso que Dougal me escolheu para casar com você. (GABALDON, 2016, p 283).⁴²

Existiam membros do clã que preferiam James como líder em vez Dougal quando Colum morresse. Entretanto, casar-se com uma mulher inglesa, descendente de um antigo inimigo, não era bem visto pelos membros do clã. Não haveria qualquer motivo para preocupação de Dougal. Colum tinha um herdeiro, Hamish, mas, de acordo com a tradição *highlander*, a liderança do clã iria para Dougal por ser o herdeiro mais velho, próximo ao ancestral, enquanto o segundo mais velho seria James e depois viria Hamish para herdar a liderança do clã Mackenzie. Desse modo, o receio de James tornar-se líder é infundável, pois, por ser sobrinho, só poderia assumir se Dougal morresse. Outro fator era a idade de Hamish. Os membros do clã prezavam por uma liderança apta e capaz de guiá-los, levando-se em

⁴² Do original: “*Being half MacKenzie is one thing,*” he explained. “*Being half MacKenzie wi’ an English wife is quite another. There isna much chance of a Sassenach wench ever becoming lady of Leoch, whatever the clansmen might think of me alone. That’s why Dougal picked me to wed ye to, ye ken.*”. (GABALDON, 2005, p. 300)

consideração as características militares dos clãs. Enquanto não fosse adulto e demonstrasse que seria um bom líder, não teria apoio.

Por falarmos em casamentos, eles possuíam um importante papel nas Terras Altas. Tratavam-se de uniões com objetivos políticos, permitindo que essa cultura durasse por muito tempo. Os casamentos eram divididos em dois tipos: exogâmicos e endogâmicos. As uniões exogâmicas eram de pessoas de clãs diferentes e seu objetivo era expandir terras, alianças; enquanto as uniões endogâmicas, como o próprio prefixo “endo” exprime, ocorre dentro de uma mesma comunidade. Seu principal objetivo era reforçar o direito de um determinado território (OMMER, 1986). Foi por meio de múltiplos casamentos que os herdeiros de Somerled, do clã Donald, ramificaram-se, sendo identificados posteriormente pelos seus respectivos locais de moradas, como os MacDonalds de Clan Ranald, MacDonalds de Sleat, MacDonells de Keppoch (OMMER, 1986).

No sistema feudal, filhos fora do casamento não têm qualquer direito hereditário. A partir dessa premissa, houve toda a confusão acerca da sucessão de Mary I para Elizabeth, pois essa era considerada bastarda pela Igreja Católica após a Reforma e mudanças na lei (MASON, 2005). Entretanto, na antiga cultura *highlander*, bastardos não perdiam seus direitos, pois eram considerados também herdeiros do ancestral distante, tinham direito sobre a terra e também de liderar um clã. Brian Fraser, pai de James, é um dos filhos fora do casamento de Simon Fraser, Lorde Lovat. Independentemente das condições de sua concepção, ele herdou as terras de Lallybroch quando casou com Ellen Mackenzie (GABALDON, 2005).

Outra importante tradição matrimonial *highlander* era o *hand-fasting*, em tradução livre, “união de mãos”. Esse tipo de união era como um contrato entre dois clãs com a duração de doze meses e um dia em que o casal, filhos dos chefes, viveriam juntos como casados. Entretanto, dentro desse período, o casamento somente se efetivaria perante a lei se eles concebessem uma criança. Caso não, a união seria facilmente desfeita, pois não houve cerimônia religiosa com um padre (KELTIE, 2019) e os dois estariam livres para assumirem novos contratos de *hand-fasting* ou novos casamentos. Vemos uma valorização na concepção de uma criança, pois com um herdeiro, os objetivos econômicos de expansão de terras e fortalecimento de clãs aliados por meio de um casamento se concretizariam. Por outro lado, há a valorização para assegurar a continuação da linhagem dos chefes, ou seja, ter herdeiros para a sucessão.

Quando o casamento não era por meio do *hand-fasting*, havia uma cerimônia. Os noivos convidavam pessoalmente seus familiares próximos e os que viviam em fazendas

distantes. Os convidados traziam presentes para os noivos, em especial as matriarcas, como diversas comidas e bebidas para a festa (KELTIE, 2019). A quantidade de alimento muitas vezes era alta ao ponto de deixar os noivos abastecidos por um bom tempo. Gaitas de fole tocando, não poderiam faltar para as danças, além de tiros disparados em comemoração. Segundo a tradição, os noivos não poderiam se ver durante o dia e a cerimônia seria feita após o jantar. Portanto, não dividiam a mesa. O noivo deveria jantar com os amigos próximos e a noiva também faria o mesmo com suas amigas. Dentre os ritos de casamento, havia o desatar de nós. Cordas eram postas sobre os noivos para serem retiradas. Isso era símbolo de tudo o que poderia prendê-los na vida pré-nupcial estava sendo desfeito. Um único nó era deixado para lembrá-los da morte. Somente ela poderia desfazer a última corda que os ligava (KELTIE, 2019).

Se pudéssemos resumir o caráter dos *highlanders* em apenas duas palavras seriam parentesco (a forte união entre os membros do clã) e guerra (constantes conflitos entre clãs rivais). A cultura sobreviveu por muito tempo sem contato com o mundo exterior. Isolamento proporcionado, como dissemos, pela configuração geográfica das Terras Altas. Além disso, não enxergavam outra lei ou comando a não ser de seus próprios chefes. Em contrapartida, o líder do clã tinha a função de protegê-los como se fossem seus filhos. Eles tinham uma forte ligação com sua terra e natureza e dividiam o país com os *lowlanders*, porém os consideravam intrusos (KELTIE, 2019). Pela perspectiva dos *highlanders*, a Escócia lhes pertencia, pois eles eram descendentes dos povos originários e os *lowlanders* descendentes dos saxões, apenas invasores.

Keltie (2019) descreve-os como homens altos, fortes e robustos que preferiam casar-se com mulheres de estatura parecida. As delicadas tinham dificuldade de encontrar um marido. Os homens eram resistentes ao frio, claramente acostumados ao clima das Terras Altas e as crianças não costumavam usar qualquer tipo de sapato até aproximadamente os oito anos de idade. Ora, os homens costumavam dormir ao relento sem armar barracas ou tampouco usar qualquer capuz cobrindo suas cabeças. O estereótipo de serem resistentes ao frio é destacado por Claire ao entrar em contato com um *highlander* contemporâneo, motorista de táxi:

o motorista estava enrolado até as orelhas num cachecol e num casaco grosso, com um gorro achatado protegendo o topo de sua cabeça das correntes de vento extraviadas. Os escoceses modernos haviam se tornado mais frágeis, refleti; muito

diferentes da época em que os vigorosos homens das Terras Altas dormiam nas urzes com nada além de uma camisa e uma manta escocesa. (GABALDON, 2018, p. 52)⁴³

Claire, nessa passagem, brinca sobre como o homem *highlander* mudou ao observar a quantidade de roupa que ele está usando em um dia frio. No passado, ela acompanhou os homens dos clãs pelas estradas e florestas das Terras Altas, vivenciou a cultura, dormiu junto a eles ao relento no rigoroso frio. Eles precisavam apenas de uma manta. O *highlander* moderno, por sua vez, não é mais resistente como foram seus antepassados.

Por falarmos em vestimentas, o *Breacan-feile*, um tipo de kilt, pano axadrezado feito de lã, era uma roupa comum (KELTIE, 2019). Ele era amarrado a um cinto de couro na cintura formando uma saia. A parte sobrando atravessava o ombro esquerdo e era presa a um broche, deixando o braço direito livre. Sob o tempo frio ou úmido, ambos braços poderiam ser cobertos pelo *breacan-feile*. Em um momento de conflito, o pano poderia ser solto deixando os braços livres para a batalha. Para completar o figurino, pela falta de bolsos, uma espécie de pochete chamada *sporan*, feita de pele de animais, era amarrada à frente, podendo carregar dinheiro ou munição. Em relação aos pés, nem todos tinham o hábito de usar algum tipo de sapato, preferiam andar descalços. Os que calçavam utilizavam uma espécie de sandália, um pedaço de couro do tamanho dos pés com tiras de mesmo material.

Já a vestimenta das mulheres, Keltie (2019) destaca o uso de uma cobertura dos cabelos para as casadas com uma espécie de lenço. As crianças podiam manter os cabelos descobertos, amarrados com fita, mas ao atingirem maturidade, mesmo solteiras, precisavam cobri-los. Das vestimentas *highlander*, não podemos deixar de destacar o tartã, devido à sua grande fama. Os *highlanders* tingiam seus panos de diferentes cores para representar seus clãs, muito antes de qualquer avanço na química de tingimento de roupas. O governo hanoveriano proibiu a utilização por sua simbologia estar associada aos jacobitas. Entretanto, segundo Keltie (2019), a tradição de ter tipos de tecidos variados vinha das tribos celtas.

Superstição é algo muito forte na cultura *highlander*. Mesmo o catolicismo tendo sido disseminado, muitas crenças permaneceram presentes. Elementos da natureza, como tempestades, são entendidas como provenientes de um poder superior, vingando-se da raça humana. Dentre as muitas criaturas mitológicas presentes no dia a dia, destacamos aquela que possui forte relação com a narrativa, as fadas, em gaélico *Daoine Shith* (KELTIE, 2019). Segundo as crenças dos *highlanders*, as fadas eram seres infelizes e invejavam a felicidade

⁴³ Do original: “the driver was muffled to the ears in a scarf and thick jacket, with a flat cap guarding the top of his head from errant drafts. Modern Scots had gone a bit soft, I reflected; a long way from the days when sturdy Highlanders had slept in the heather in nothing but shirt and plaid.” (GABALDON, 2016, p. 48).

humana. Gostavam da cor verde e somente elas poderiam vesti-las. A partir dessa cultura popular, vestir verde trazia azar. Na batalha de Killiecrankie contra as tropas de William, após a Revolução Gloriosa, para os *highlanders*, a morte do líder da revolta, Visconde Dundee, foi devido a cor de roupa que o nobre usou naquele dia: verde. Mesmo vitoriosos contra o Governo, a perda do líder foi culpa da cor emprestada das fadas.

Segundo o folclore, as fadas viviam nas profundezas, debaixo de gramados ou de colinas. Saíam à noite para dançar e festejar à luz da lua. Elas eram perigosas, utilizavam como uma armadilha a beleza para atrair pessoas até as suas moradas. Um banquete e vinhos eram oferecidos para o estrangeiro, mas quem provasse tornaria-se um deles e não teria mais permissão de voltar para o mundo dos mortais, para a superfície (KELTIE, 2019). História muito similar à de Perséfone na mitologia grega. Raptada por Hades, a deusa não podia provar nada do submundo com a penalidade de não poder retornar à superfície.

A colina onde se encontra o círculo de pedras, responsável pela ida de Claire ao passado, é conhecida pelos *highlanders* como Colina das Fadas:

A visão das rochas estava nítida em minha mente. Um pequeno círculo, pedras verticais no topo de uma colina verde e íngreme. O nome da colina é Craigh na Dun; a colina das fadas. Alguns dizem que a colina é encantada, outros, que é amaldiçoada. Todos têm razão. Mas ninguém conhece a função ou o propósito das pedras. Exceto eu. (GABALDON, 2018, p. 7)⁴⁴.

Na narrativa não há qualquer explicação para o nome recebido, há muita especulação sobre a colina ser encantada ou amaldiçoada pelas fadas. Claire é a única sabedora da verdadeira função do círculo de pedras no alto da colina: permitir às pessoas viajarem ao passado. O nome se dá por ser um local onde há desaparecimentos sem qualquer explicação, ou seja, as fadas que moram debaixo de colinas sequestravam pessoas para o seu mundo. Em 1968, Roger encontra um jornal que reporta o desaparecimento misterioso de Claire com o título de "Sequestrada pelas fadas". Não significava que os *highlanders* modernos acreditassem de fato nisso, mas como Claire não traz qualquer explicação plausível para seu desaparecimento, o jornal ironizou sua partida e retorno, agora grávida.

Como dissemos, o folclore aborda também a sedução das fadas, do perigo de provar a comida e a bebida sob a pena de não retornar para o mundo humano. Seguindo esse

⁴⁴ Do original: “*The sight of the stones was fresh in my mind. A small circle, standing stones on the crest of a steep green hill. The name of the hill is Craigh na Dun; the fairies’ hill. Some say the hill is enchanted, others say it is cursed. Both are right. But no one knows the function or the purpose of the stones. Except me.*” (GABALDON, 2016) - Prefácio não paginado na versão em língua inglesa.

pensamento, podemos fazer uma analogia sobre os motivos que levaram Claire a escolher ficar no passado em vez de voltar para o futuro. O amor por James seduziu-a nessa escolha:

Voltei-me para a emoção e comecei, encolhendo-me diante da tarefa, a reconstruir os detalhes das minhas vidas de casada — primeiro com Frank, depois com Jamie. O único resultado disso foi deixar-me arrasada e chorando, as lágrimas formando trilhas congeladas em meu rosto. Bem, se nem a razão nem a emoção, que tal o dever? Eu fizera votos matrimoniais a Frank e o fiz de todo o coração. Fizera o mesmo a Jamie, e o traí logo que pude. E qual deles eu iria trair agora? [...]
 — E você, Sassenach? Para que foi que você nasceu? Para ser a senhora de uma mansão ou para dormir nos campos como uma cigana? Para ser uma curandeira, a mulher de um professor universitário ou uma fora da lei?
 — Eu nasci para você — respondi simplesmente, estendendo os braços para ele. (GABALDON, 2016, p. 526; 610)⁴⁵.

Claire é casada com Frank no início da narrativa, mas é forçada a se casar com James para proteger-se das perseguições do capitão Randall. Impedida de voltar ao futuro, com o tempo, ela se aproxima cada vez mais de James e se apaixona por ele. O conflito se dá quando Claire precisa escolher entre dois tempos, se ela pertence ao futuro ou se pertence ao passado. Na analogia do folclore, se pertence ao mundo das fadas ou se pertence ao mundo dos homens. Desse modo, ela está dividida entre dois casamentos, expandindo para sua identidade, se ela é uma Randall ou se ela é uma Fraser. Ela terá de abrir mão de um dos dois homens, abrir mão de uma das vidas que se descortinam em seu futuro.

Outro grande exemplo construído por Gabaldon para representar a importância do folclore das fadas no dia a dia *highlander* é a troca de bebês:

— Não podemos simplesmente abandonar uma criança doente assim a céu aberto. E o que quer dizer com uma troca?
 [...] Quando as fadas roubam uma criança humana, deixam uma das suas no lugar. Você sabe que é uma criança trocada porque ela chora e se queixa o tempo todo e não cresce nem se desenvolve. [...]
 — Mas você não acredita nessa bobagem, não é? [...]
 — Não, não acredito — admitiu ela. — Mas as pessoas daqui acreditam. (GABALDON, 2016, p. 464-465)⁴⁶

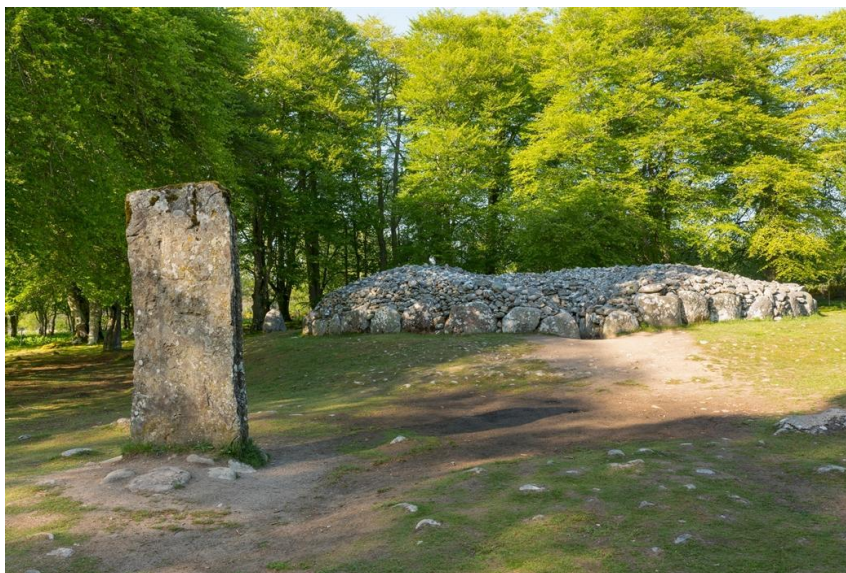
⁴⁵ Do original: *I turned to emotion, and began, shrinking from the task, to reconstruct the details of my married lives—first with Frank, then with Jamie. The only result of this was to leave me shattered and weeping, the tears forming icy trails on my face. Well, if not reason nor emotion, what of duty? I had given Frank a wedding vow, and had meant it with all my heart. I had given Jamie the same, meaning to betray it as soon as possible. And which of them would I betray now? [...]* “And you, my Sassenach? What were you born for? To be lady of a manor, or to sleep in the fields like a gypsy? To be a healer, or a don’s wife, or an outlaw’s lady?” “I was born for you,” I said simply, and held out my arms to him. (GABALDON, 2005, p. 560-561; 650).

⁴⁶ Do original: “We can’t just abandon a sick child, out in the open like that. And what do you mean, it’s a changeling? [...] When the fairies steal a human child away, they leave one of their own in its place. You know it’s a changeling because it cries and fusses all the time and doesn’t thrive or grow. [...] “But you don’t believe that nonsense, do you?” [...] “No, I don’t,” she admitted. “But the folk here do.” (GABALDON, 2005, p. 495).

Caminhando com Geillis pela floresta, Claire deparou-se com uma criança abandonada ao relento, tratava-se de uma troca das fadas. Nessa cena, havia a crença entre os *highlanders* de que uma criança doente sem desenvolver-se normalmente foi trocada. As fadas pegaram a criança humana e levaram ao mundo delas, deixando uma fada no lugar. Os pais deixam, então, a criança na colina para as fadas virem e desfazerem a troca. Claire ficou horrorizada com isso e tentou salvar a pobre criança. Por essa intromissão, ela é acusada de bruxaria, pois atrapalhou a substituição. De fato, os *highlanders* acreditavam que as fadas não gostavam de recém-nascidos e poderiam raptá-los também para seus covis (KELTIE, 2019). Desse modo, crianças jamais ficavam sozinhas, sem supervisão, até que fossem batizadas. Após o batismo, não haveria mais riscos, as crianças estariam a salvo.

Como podemos notar, Craigh na Dun é um elemento extremamente importante para a narrativa. A escolha de Gabaldon de utilizar um círculo de pedras deve-se pela fascinação e curiosidade que esses monumentos nos trazem, pois não sabemos de fato qual era a sua finalidade. Craigh na Dun é ficcional. Entretanto, a Escócia e a Europa em geral estão repletas de círculos de pedras. O mais famoso é *Stonehenge*, situado na cidade de Salisbury, na Inglaterra. Em Inverness, podemos citar Clava Cairns, bem próximo a Culloden:

FIGURA 4 - CLAVA CAIRNS



FONTE: VISIT SCOTLAND, c2022.

O círculo de pedras ao fundo é um cemitério da Era do Bronze, cercado por pedras erigidas como essa à frente da imagem (VISIT SCOTLAND, c2022). Para Martlew e Ruggles (1996), há uma possível interpretação do significado dos megalíticos para os povos nativos da

Escócia ao fazer uma relação da posição em que as pedras se encontram com algum evento astronômico. Analisando o megalítico *Recumbent Stone Circles*, em Aberdeenshire, concluiu-se que os construtores estavam interessados em trilhar o caminho da lua cheia no céu do sul. Os construtores eram cuidadosos na escolha das pedras e na escolha do solo. Possivelmente, havia também uma relação do local com as cerimônias do solstício ou com cerimônias que acompanhavam o ciclo lunar, como em *Recumbent*.

Portanto, há uma ligação entre espaços geográficos e crenças religiosas. Arponen e Ribeiro (2019) explicam que rituais e crenças religiosas podem se manifestar de diversas maneiras, unindo, inclusive, ideologia e geografia, na chamada “paisagem ritual” (Arponen; Ribeiro, 2019, p. 77, tradução nossa)⁴⁷. Desse modo, encontramos construções de monumentos em determinadas paisagens, no decorrer da história humana, que não são escolhidas por acaso, pois há critérios seguidos por cada cultura, havendo um significado místico para a escolha de um local para culto. Os autores trazem como exemplo cavernas nas quais foram encontradas ossadas, possivelmente, sendo provenientes de rituais de sacrifício. O fascínio dos povos antigos por cavernas pode ser entendido pela estrutura: escura, úmida e por significar conexão com a terra, ou seja, uma passagem de entrada para a terra.

Outro marco de lugares sagrados de paisagem ritual são as construções de megalíticos (ARPONEN; RIBEIRO, 2019). Eles podem ser vistos como símbolos de uma identidade social pré-histórica, como uma memória coletiva. *Stonehenge*, nossa referência real de círculos de pedras, para as sociedades nativas, pode ter sido um espaço de significado de passagem do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, isto é, funerais (ARPONEN; RIBEIRO, 2019). Claire acredita que o círculo de pedras é um lugar sagrado; desse modo, foi construído pelos nativos para marcar um local onde acontece magia, onde algumas pessoas estão destinadas a retornar ao passado. Craigh na Dun é a conexão entre o passado e o futuro. Partindo para o campo do literário, esse elemento permite-nos fundir ficção e realidade (uma personagem ficcional do século XX podendo interagir com personagens históricos do século XVIII).

As habitações das Terras Altas, por sua vez, tinham uma configuração peculiar. As cabanas das pessoas comuns eram construídas com turfa, barro ou com pedras e, geralmente, não possuíam paredes que as dividissem em cômodos. Era comum uma fogueira no meio e, assim, a família dormia de um lado e a vaca que possuíam dormia do outro para proteger-se do frio externo. Keltie (2019) ressalta que a morada de muitos chefes não se diferenciava muito, apenas eram maiores. Essas moradias rudimentares demandavam reparos esporádicos.

⁴⁷ Do original: *ritual landscape*.

Nas reformas, o teto de palha era removido para colocar outro no local sendo aproveitado como adubo nas lavouras.

A economia *highlander* não visava o lucro. Até o último levante jacobita, tudo aquilo produzido nas terras era para subsistência dos membros do clã. Era comum produzirem trigo e cevada para alimentação. Além disso, os *highlanders* eram também pastores, criavam rebanhos de gados, ovelhas e cavalos (KELTIE, 2019). De acordo com o senso de comunidade em que os bens pertencem a todos, roubar gado de um membro de um mesmo clã era uma falta grave (OMMER, 1986). Entretanto, era comum roubar gado de um clã inimigo ou dos vizinhos *lowlanders*. Quando Claire depara-se com os homens dos clãs na floresta em luta com os soldados ingleses, ela não sabe que o motivo da perseguição é devido aos homens de Dougal estarem roubando gado:

Um mês atrás, eu estava com meus homens numa perseguição violenta a um bando de bandidos escoceses não identificados que havia fugido com um pequeno rebanho de gado de uma propriedade perto da fronteira, quando...
— Ah, então era isso que estavam fazendo! — exclamei. — Fiquei me perguntando.
(GABALDON, 2016, p. 224).⁴⁸

Apesar do espanto em constatar a facilidade que o bando de Dougal tinha em remanejar gado, esta habilidade foi usada por Claire para salvar James no fim da narrativa de *Outlander*.

A economia de subsistência começa a mudar para uma visão mercadológica, principalmente após 1745, quando o excedente de gado passa a ser vendido e em um segundo momento, outros tipos de produtos também são produzidos além do consumido em troca de dinheiro. Outra contribuição para essa mudança foi a construção de estradas militares nas *Highlands*. Como analisado, as Terras Altas são compostas por vales e montanhas e dificultavam o acesso do exército em rebeliões. Com as estradas, passa a ser necessário contratar mão de obra *highlander* por salários (OMMER, 1986). Desse modo, vemos o início de um meio de vida individual que suplantará o meio de vida comunitário.

3.2 A forasteira

⁴⁸ Do original: *A month ago I was, with my men, in hot pursuit of a band of unidentified Scottish bandits who had absconded with a small herd of cattle from an estate near the border, when—* “*Oh, so that’s what they were doing!*” *I exclaimed. “I wondered,”* (GABALDON, 2005, p. 236).

Claire Elizabeth Beauchamp Randall Fraser é a *outlander* do título, a estrangeira inserida na cultura que ilustramos:

— Ouvi perfeitamente o barman daquele pub ontem à noite se referir a nós como Sassenachs.
 — Bem, por que não? — disse Frank tranquilamente. — Afinal, significa apenas “ingleses” ou, na pior das hipóteses, “forasteiros”, e é o que nós somos.
 — Sei o que significa. Foi o tom que ele usou que me incomodou. (GABALDON, 2016, p. 12)⁴⁹.

Ela é uma forasteira não só geograficamente: uma mulher inglesa em terras escocesas, mas também temporalmente, uma viajante do tempo, partindo do ano de 1945 para 1743, tornando as diferenças culturais mais acentuadas, em um período histórico de conflitos entre as nações. Significando “estrangeiro”, *Sassenach* é uma palavra pejorativa em gaélico para se referir aos ingleses. Contudo, esse vocábulo é ressignificado por James, tornando-se um apelido carinhoso para Claire.

Claire é descrita como uma mulher de 27 anos, nascida em 20 de outubro de 1918, de pele branca, com rebeldes cabelos cacheados castanhos e olhos de mesma cor, como descritos por Roger, em *Dragonfly in Amber*:

Era de altura mediana e muito bonita, dando a impressão de uma boa constituição física sob o linho branco, tudo encimado por cabelos castanhos cacheados abundantes, presos numa espécie de coque rebelde. E no meio de tudo, o mais extraordinário par de olhos claros, da cor do xerez envelhecido. (GABALDON, 2018, p. 12-13)⁵⁰.

Ela perdeu os pais quando tinha 5 anos de idade, sendo criada pelo seu tio Quentin Lambert. Tio Lamb, forma carinhosa pela qual era chamado, foi um arqueologista. Negando-se a ser matriculada em um internato para meninas, Claire o acompanhava pelas expedições em sítios arqueológicos mundo a fora, até conhecer Frank, um homem “atraente, de cabelos escuros, que tinha ido consultar tio Lamb a respeito de uma questão da filosofia francesa relacionada à prática religiosa egípcia” (GABALDON, 2016, p. 14)⁵¹.

⁴⁹ Do original: “*I distinctly heard the barman at that pub last night refer to us as Sassenachs.*’ ‘Well, why not?’ said Frank equably. ‘It only means ‘Englishman,’ after all, or at worst, ‘outlander,’ and we’re all of that.’ ‘I know what it means. It was the tone I objected to.’” (GABALDON, 2005, p. 6).

⁵⁰ Do original: “*She was middle height and very pretty. He had an overall impression of fine bones and white linen, topped with a wealth of curly brown hair in a sort of half-tamed chignon. And in the middle of it all, the most extraordinary pair of light eyes, just the color of well-aged sherry.*” (GABALDON, 2016, p. 5).

⁵¹ Do original: “*the handsome, dark-haired historian who came to consult Uncle Lamb on a point of French philosophy as it related to Egyptian religious practice*” (GABALDON, 2005, p. 8).

Claire sempre levou uma vida nômade ao ponto de refletir sobre nunca ter construído um lar em um lugar fixo. Em Inverness, 1945, ela depara-se com uma loja de vasos. A simbologia desse objeto é importante para entender um pouco mais sobre a personalidade de Claire. Possuir um vaso seria o mesmo que possuir uma casa, ter um lugar para chamar de seu. Ela cresceu viajando com o tio e também, após casada com Frank, a profissão de acadêmico levava-os a constantes viagens e hospedagens em apartamentos temporários e logo veio a guerra que os separou. A segunda lua de mel seria um recomeço, teriam uma casa em Oxford quando ele assumisse o trabalho de professor. Porém, ela não contava que o círculo de pedras a levaria de volta ao passado e sua vida mudaria completamente, mais uma vez de forma nômade, pelo interior da Escócia do século XVIII, sem uma casa.

Claire não é o que se espera de uma mulher na década de 40:

No começo, tudo corra muito bem em nossa visita à casa do sr. Bainbridge na tarde do dia anterior. Eu me mostrara recatada, bem-educada, inteligente, mas modesta, elegante e discretamente vestida — tudo que a mulher perfeita do professor universitário deveria ser. Até o chá ser servido. [...] não era culpa minha que o sr. Bainbridge, um viúvo, se contentasse com um bule barato de metal [...]. Nem que a luva de panela que ele me deu apresentasse uma parte gasta que permitiu que o cabo em brasa do bule entrasse em contato direto com minha mão quando o segurei. [...] Foi minha exclamação “Putá que pariu!” em voz mais alta do que o berro de dor do sr. Bainbridge que fez Frank me olhar enfurecido por cima dos pãezinhos. [...] — Receio que minha mulher acabou pegando algumas, hum, expressões mais pitorescas dos ianques e de outros — sugeriu Frank com um sorriso nervoso. (GABALDON, 2016, p. 20-21).⁵²

Ela elenca quais adjetivos são esperados de uma mulher: recatada, bem-educada, elegante e discretamente vestida. Portanto, não pode ser extravagante no vestir, precisa ser inteligente, mas também sem ser presunçosa, mostrar uma humildade em sua inteligência para não ofuscar o homem, pois, a atenção, deveria recair em Frank. Ela tenta seguir a cartilha da mulher perfeita do professor universitário, até se queimar com bule de metal. Sua primeira expressão foi xingar em bom som “Putá que pariu!” perdendo toda a figura de recatada. Podemos notar, pela surpresa do Sr. Bainbridge e pela irritação de Frank com esse linguajar,

⁵² Do original: “*At first, everything had gone quite well on our visit to Mr. Bainbridge’s home the afternoon before. I had been demure, genteel, intelligent but self-effacing, well groomed, and quietly dressed—everything the Perfect Don’s Wife should be. Until the tea was served. [...] it was not my fault that Mr. Bainbridge, a widower, made do with a cheap tin teapot instead of a proper crockery one [...] Nor that the potholder he provided had a worn patch that allowed the red-hot handle of the teapot to come into direct contact with my hand when I picked it up. [...] It was my exclaiming “Bloody fucking hell!” in a voice that topped Mr. Bainbridge’s heartcry that had made Frank glare at me across the scones. [...] “I’m afraid my wife picked up a number of, er, colorful expressions from the Yanks and such,” Frank offered, with a nervous smile.* (GABALDON, 2005, p. 15-16)

que isso não era algo esperado para uma mulher de 1940. Frank justifica isso pelo convívio com os ianques durante a guerra.

Em uma sociedade dominada e comandada por homens, como vimos na sociedade *highlander*, era de se esperar a ocorrência de conflitos. A começar pela roupa, o vestido que Claire usa no século XX expõe braços e pernas. Ao chegar no século XVIII, eles classificam-na como uma prostituta, pois estava andando somente com uma “camisola”.

A protagonista de *Outlander* é extremamente corajosa. Em diversas situações, ela expressa sua opinião, tece comentários críticos perspicazes e até irônicos. Mesmo em perigo, ela não se intimida, não se deixa ser rebaixada pelos homens do passado pelo fato de ser mulher, pois a palavra é a única arma da qual ela dispõe:

— Volte aqui, seu... ah, seu desgraçado maldito filho da mãe! — Jamie mexera-se e a ponta que já estava amarrada se soltou. Fez-se um momento de silêncio chocado.
 — Nossa! — exclamou o gordo de nome Rupert. — Nunca ouvi uma mulher usar essa linguagem em toda a minha vida. [...].
 — Seu marido devia lhe ensinar, dona — retorquiu uma voz austera saída da escuridão atrás de uma árvore. — São Paulo disse: “Que uma mulher fique em silêncio e...”
 — Meta-se com sua vida — falei entre dentes, o suor escorrendo por trás de minhas orelhas — e São Paulo também. (GABALDON, 2016, p. 78)⁵³.

Rupert, um dos homens do clã Mackenzie, surpreende-se com a forma como Claire, uma mulher, trata James por teimar em receber seus cuidados médicos. Podemos chamá-la de subversiva, pois subverte as convenções sociais esperadas para o gênero feminino. Uma possível explicação para sua corajosa personalidade pode ser o fato de ter sido educada pelo tio, em sítios arqueológicos, conhecendo culturas variadas, sem qualquer luxo e longe de padrões da sociedade. Outro ponto seria o fato de ter vivenciado a crueza da Segunda Guerra Mundial, ter lutado pela vida dos feridos e ter visto a morte de perto.

Ao ser julgada pela Igreja como bruxa, Claire brinca sobre a possibilidade de ser salva pelo seu herói escocês: “o arrojado herói deveria surgir cavalgando em meio à multidão, açoitando a população que se encolhia de medo e arrebatando a heroína quase desmaiada para a sua sela” (GABALDON, 2016, p. 499)⁵⁴. Poderíamos pensar no arquétipo da heroína

⁵³ Do original: “Come back here, you...oh, you goddamned bloody bastard!” Jamie had moved and the original end had come untied. There was a moment of shocked silence. “Christ,” said the fat man named Rupert. “I’ve ne’er heard a woman use such language in me life.”[...] “Your husband should tan ye, woman,” said an austere voice from the blackness under a tree. “St. Paul says ‘Let a woman be silent, and—’ ” “You can mind your own bloody business,” I snarled, sweat dripping behind my ears, “and so can St. Paul. (GABALDON, 2005, p. 76-77).

⁵⁴ Do original: “the dashing young hero was meant to ride through the crowd, beating back the cringing townspeople and scooping the fainting heroine up onto his saddle.” (GABALDON, 2005, p. 532).

indefesa, não fosse sua participação ativa nos acontecimentos da narrativa, seja por meio do conhecimento histórico para tentar mudar o passado ou pelo seu conhecimento médico, para tentar salvar o máximo de pessoas possíveis nas batalhas jacobitas:

— Você me deve sua vida, Jamie. Não uma, mas duas vezes. Salvei-o de ser enforcado em Wentworth e quando teve febre na abadia. Você me deve uma vida, Jamie! [...]
 — Se você salvou minha vida, e realmente salvou, eu também salvei a sua, e no mesmo número de ocasiões. Eu a salvei de Jack Randall em Fort William, você se lembra, e eu a arranquei da multidão enfurecida em Cranesmuir, não foi? (GABALDON, 2018, p. 362; 373)⁵⁵.

Os protagonistas salvam um ao outro em diversos momentos nas duas narrativas, a prisão de Wentworth é um dos exemplos, em que Claire elabora um plano para resgatá-lo, mas não o único.

Mesmo sendo corajosa, não tem como fugir do modo que uma cultura é estabelecida. Para ter a proteção dos clãs, ela é obrigada a se casar com James. O par romântico da narrativa, James Alexander Malcolm MacKenzie, tem 23 anos, possui cabelos e barbas ruivas. Proveniente de uma família abastada, teve uma boa educação formal, diferente da maioria das pessoas do castelo Leoch. Ele é descrito como um homem bondoso e honrado, que faz escolhas sem esperar algo em troca, apenas por acreditar ser aquilo o certo a ser feito no momento. Compromete-se a proteger Claire, mesmo mal a conhecendo, com o risco de ela ser uma espiã. Apesar dessa descrição romântica, ele é um homem de seu tempo e age como tal na forma de tratar Claire:

Agora, eu vou ter que puni-la e por duas razões: primeiro, para que você realmente saiba. — Sorriu, de repente. — Posso dizer-lhe pela minha própria experiência que uma boa surra faz você ver as coisas sob uma luz mais séria. [...] — A outra razão — continuou ele — é por causa dos outros homens. Notou como se comportaram esta noite? Eu notei; o ambiente estava tão desagradável no jantar que foi um alívio vir para o quarto. Existe uma coisa chamada justiça, Claire. Você agiu mal com todos eles e terá que sofrer por isso. — Respirou fundo. — Sou seu marido; é meu dever resolver isso e é o que pretendo fazer. (GABALDON, 2016, p. 367).⁵⁶

⁵⁵ Do original: *"You owe me your life, Jamie. Not once, twice over. I saved you from hanging at Wentworth, and when you had fever at the Abbey. You owe me a life, Jamie!"* [...] *"If you've saved my life—and ye have—well, I've saved yours as well, and at least as often. I saved ye from Jack Randall at Fort William, you'll recall—and I took ye from the mob at Cranesmuir, no?"* (GABALDON, 2016, p. 387; 399).

⁵⁶ Do original: *"I will have to punish you, and for two reasons: first, so that ye will know."* He smiled suddenly. *"I can tell ye from my own experience that a good hiding makes ye consider things in a more serious light."* [...] *"The other reason,"* he went on, *"is because of the other men. Ye'll have noticed how they were tonight?"* I had; it had been so uncomfortable at dinner that I was glad to escape to the room. *"There's such a thing as justice, Claire. You've done wrong to them all, and you'll have to suffer for it."* He took a deep breath. *"I'm your husband; it's my duty to attend to it, and I mean to do it."* (GABALDON, 2005, p. 392).

Pela sua cultura, uma mulher não pode desrespeitar um homem. Como Claire desrespeitou-o ao tentar fugir para a colina das fadas, James precisa puni-la. Além disso, em outros momentos, James é ciumento e possessivo com Claire em relação a outros homens. Curiosamente, algumas cenas foram cortadas na adaptação televisiva. Talvez o personagem não teria uma boa aceitação do público devido às suas atitudes, mesmo Claire tendo construído com ele uma relação de forma igualitária posteriormente.

A troca das fadas não foi o único choque cultural que Claire teve ao se deparar com a cultura *highlander*. A maneira como o conhecimento médico se dava no século XVIII também foi problemática:

— Primeiro, o ferimento tem que ser desinfetado, depois coberto com um pano limpo se não houver ataduras esterilizadas.
Levantaram as sobrancelhas por todo o aposento.
— Desinfetado? — disse o homenzinho, cautelosamente.
— Sim, isso mesmo — retruquei com firmeza, achando-o um pouco simplório, apesar do seu sotaque educado. — Toda a sujeira tem que ser removida do ferimento e ele tem que ser tratado com um composto que desencoraje a proliferação de germes e promova a cura.
— Como o quê, por exemplo?
— Como iodo — respondi. Não vendo nenhum sinal de compreensão nos rostos à minha frente, tentei de novo. — Mertiolate? Ácido carbólico diluído? — sugeri. — Ou talvez apenas álcool?
Olhares de alívio. Finalmente, eu encontrara uma palavra que pareciam reconhecer. (GABALDON, 2016, p. 66-67)⁵⁷.

Nessa cena, Claire preocupa-se em limpar o ferimento de James para impedir uma possível infecção. Entretanto, o conhecimento de um universo microscópico que nos rodeia, composto por vírus, bactérias, entre outros, foi somente disseminado no século XIX. Se não existe ainda o conhecimento, não haverá palavras inventadas para nomeá-lo. Claire teve muita dificuldade nas batalhas para convencer as pessoas da necessidade de estar com as mãos limpas para tratar dos feridos. Essa ação seria decisiva para salvar vidas. Ninguém acreditava que seres invisíveis pudessem ser prejudiciais à saúde. Para conseguir comunicar-se, Claire tinha a necessidade de adaptar as palavras. Enfermeira, sua profissão, *nurse* em inglês, foi confundida com *nurse wet* - ama de leite, pois o nome para o profissional de enfermagem

⁵⁷ Do original: “The wound needs to be disinfected first, then bandaged with a clean cloth, if there are no sterile bandages. Eyebrows rose all around. “Disinfected?” said the small man, carefully. “Yes, indeed,” I said firmly, thinking him a bit simpleminded, in spite of his educated accent. “All dirt must be removed from the wound and it must be treated with a compound to discourage germs and promote healing.” “Such as?” “Such as iodine,” I said. Seeing no comprehension on the faces before me, I tried again. “Merthiolate? Dilute carbolic?” I suggested. “Or perhaps even just alcohol?” Looks of relief. At last I had found a word they appeared to recognize” (GABALDON, 2005, p. 64-65).

ainda não havia sido instituído. Para dizer que ela trabalhava como se fosse médica, ela precisou apresentar-se como *healer*, curandeira.

3.3 Escócia x Inglaterra

Em relação à linguagem, a língua nativa dos escoceses das *Highlands* no século XVIII é o gaélico. Entretanto, as personagens utilizam o inglês durante a narrativa para se comunicarem. O gaélico está presente em alguns léxicos, como a palavra *Sassenach* para estrangeiro ou em topônimos, como *Craigh na Dun*. Dentre as marcas linguísticas indicamos o uso dos personagens *highlanders* de *ye* em detrimento de *you*. *Aye* em vez de *yes*. *Nae* para não, entre outros. Esse recurso foi criado pela autora como uma forma de representar o falar escocês.

Gabaldon não apenas tentou incorporar o sotaque escocês, mas também construiu em seus personagens o arquétipo do homem *highlander*: honrado e disposto a morrer pelo seu clã. Covardia não era um adjetivo que poderia ser dado a esse povo. Seus membros estavam preparados para as batalhas entre clãs ou contra a Coroa sem demonstrar medo (KELTIE,2019), pois esse sentimento seria uma desonra para um membro e para seu clã. Como a honra era algo caro para eles, a palavra do *highlander* era suficiente em uma promessa como garantia de cumprimento, sem a necessidade de ter testemunhas para assegurá-la. Como vimos, James detém essas características que chegaram até a atualidade sobre aquele povo.

Desse modo, podemos ler a relação entre James e o capitão inglês Jonathan Randall como personificações da relação entre a Escócia e a Inglaterra, cada qual representando sua nação. Randall era o líder do forte William responsável por manter a ordem nas Terras Altas e responsável por averiguar se havia clãs com sentimentos jacobitas, a fim de evitar novos levantes. Extrapolando sua tarefa, ele abusava do poder, perseguindo os *highlanders*. Um soldado com ares de juiz e de carrasco.

O forte será um dos lugares em que diversas cenas irão acontecer durante a narrativa. Nesse local, James é preso, açoitado e estuproado por Randall. Claire, do mesmo modo, em um momento, torna-se prisioneira, pois Jonathan está obcecado em saber sua verdadeira identidade e motivação para estar nas Terras Altas, ou seja, se ela é da causa jacobita por ter contato com os *highlanders*. Randall representa o abuso de poder que a Inglaterra exerce sobre a Escócia, independente se suas ações são individuais, ele está nas Terras Altas em nome da Coroa: “As queixas não são incomuns para a época; os ingleses de um modo geral, e

o exército em particular, eram bastante impopulares nas Terras Altas.” (GABALDON, 2016, p. 34)⁵⁸.

Bauman (2012) traz um importante conceito para ajudar-nos a compreender a relação entre Inglaterra e Escócia, no século XVIII: cultura como hierarquia. Alguém que não se enquadra nas expectativas e padrões de determinados grupos sociais é considerado uma pessoa sem cultura. Seguindo essa linha de pensamento, ter cultura é o contrário de ser inculto, no sentido de não possuir certos conhecimentos ou não seguir normas. Como vimos, cultura é algo adquirido, aprendido. Ora, nascemos e desenvolvemo-nos em uma determinada cultura ou, em um termo mais apropriado, em determinadas culturas. Quando comparamos a nossa cultura com a do outro, dando valor, por consequência, em um sentido hierárquico (uma cultura melhor do que outra), deixamos de utilizar a palavra no plural, pois há apenas a “Cultura”, em um sentido de um ideal humano a ser alcançado por meio dessa única cultura Bauman (2012).

Segundo Bauman (2012), os grupos dominantes ditam a hierarquia e o saber cultural, taxando como inalcançável para outros grupos. Entretanto, há um contraponto: “o ideal hierárquico de cultura transmite, de uma das maneiras possíveis, o descontentamento de um dos grupos mais despossuídos e desprivilegiados” (BAUMAN, 2012, p. 82). Como podemos ver em *Outlander*, a Inglaterra é retratada como essa cultura elevada, com maior poderio financeiro e militar. Os ingleses, representados pelo capitão Jonathan Randall, consideram os escoceses primitivos, selvagens e incultos. Esse tipo de tratamento ajudou a endossar o desejo de independência escocês.

A concepção de Bauman (2012) é que esse descontentamento do grupo sem privilégios leva a uma mudança, incentivada por esse conflito, como se o conceito de hierarquia não se estabelecesse por muito tempo. Sempre há um grupo no decorrer da história que se considera melhor, superior, e se sobrepõe a outro. Porém, isso acaba ocasionando uma contenda e pode levar a uma cisão do ponto em que a sociedade se encontra: “conceitos hierárquicos de cultura – sempre presentes – desempenham papel importante, embora mutável. Emergem como gritos de guerra de oprimidos e dissidentes” (BAUMAN, 2012, p. 83), mas acabam caindo, se tornando um novo padrão, como um ciclo que se quebra e outro grupo com poder assume. A cisão daquela sociedade foi a supressão da cultura *highlander* e o fim dos sistema de clãs após o último levante jacobita. Isso permitiu grandes mudanças, tais como a evasão dos moradores e o início de uma sociedade moderna e capitalista.

⁵⁸ Do original: “The complaints aren’t all that odd, for that particular time period; the English in general, and the army in particular, were rather notably unpopular throughout the Highlands.” (GABALDON, 2005, p. 30).

Capítulo 4. O outro olhar da história: *metaficção historiográfica*

4.1 Papel do historiador no fazer histórico

O positivismo histórico, muito utilizado até meados do século XX, tinha como máxima a busca por uma verdade universal, ou seja, uma história definitiva. Nessa linha, o historiador deveria apenas reunir os fatos e estes falariam por si próprios. Portanto, não se deveria, de forma alguma, colocar a subjetividade sobre o objeto de estudo, pois comprometeria o fazer ciência na visão empírica. A visão positivista de fazer história era limitada, pois servia meramente como catalogação de acontecimentos. Não existe história sem a construção interpretativa de um historiador. O historiador passivo, neutro, que apenas coloca os acontecimentos em ordem cronológica e não busca neles um significado para suas causas, não passa de um mito. Seria o equivalente a afirmar que não há ideologia ao se fazer história, apesar de tudo estar permeado de ideologias. O simples fato de escolher estudar um período em detrimento de outro já é uma seleção baseada no *background* do historiador.

Carr (1982), historiador britânico, nas conferências George Macaulay Trevelyan, em 1961, intituladas “What is history?” faz uma simples analogia do papel do historiador comparado à função de um cozinheiro:

História consiste num corpo de fatos verificados. Os fatos estão disponíveis para os historiadores nos documentos, nas inscrições, e assim por diante, como peixes na tábua do peixeiro. O historiador deve reuni-los, depois levá-los para casa, cozinhá-los, e então servi-los da maneira que o atrair mais. Acton, cujo gosto culinário é austero, queria que fossem servidos simples. (CARR, 1982, p. 45).

John Dalberg-Acton foi o historiador responsável pela publicação da primeira edição da *Cambridge Modern History*. Positivista, acreditava que com esse livro não alcançaria a história definitiva do mundo moderno a partir do século XV, mas ficaria no entre caminho. Não se trata de negar a importância de se verificar as fontes dos fatos com uma visão crítica, ainda mais levando-se em conta a falsificação de documentos. Acabamos caindo em um paradoxo, ao verificarmos criticamente as fontes, perguntamo-nos se conseguimos chegar perto da “verdade”, pois ela é subjetiva e interpretativa. Seguindo a analogia de Carr, Acton queria servir a história sem qualquer aspecto pessoal, de preferência crua, pois em sua visão seria possível conhecer a história de fato como ocorreu, sem o historiador tentar interferir com sua própria visão do presente. Nessa visão utópica, escrever um acontecimento histórico de forma neutra deveria agradar igualmente todos os países envolvidos, fossem eles ingleses,

franceses, ou qualquer outra etnia. Do mesmo modo, o leitor não deveria saber quem está escrevendo, pois todos escreveriam com a mesma forma objetiva.

Poderia-se falar que, ao lançarmos o olhar do presente, anacronismos seriam cometidos. Entretanto, como aponta Borges (1993) é um fato inegável que a história seja feita com esse olhar e, por esse motivo, ela é sempre reescrita:

Conforme o presente vivem os historiadores, são diferentes as perguntas que eles fazem ao passado e diferentes são as projeções de interesses, perspectivas e valores que lançam no passado. Eis por que a história é constantemente reescrita. Mesmo quando se analisa o passado que nos parece remoto, portanto, seu estudo é feito com indagações, com perguntas que nos interessam hoje, para avaliar a significação desse passado e sua relação conosco. (BORGES, 1993, p. 56).

Para compreendermos a sociedade atual, pois ela é fruto da nossa história, lançamos diferentes questionamentos ao passado. Nossa visão atual não é estática, vem sendo reconstruída a partir de novas descobertas. Temos consciência de que muito da história foi escrita por grupos dominantes, pelos “vitoriosos”. Ao resgatarmos uma perspectiva diferente da história, de um grupo propositalmente excluído para se manter a hegemonia, podemos reescrever e mudar o que acreditávamos até então ser verdade histórica. O mesmo ocorre na literatura na composição de um cânone literário. Novos livros, publicados por grupos outrora silenciados, apresentam diferentes visões de mundo e são inseridos nos estudos acadêmicos.

Definitivamente, não é possível que a história seja objetiva como desejavam os positivistas. Portanto, o que torna um fato do passado um fato histórico? Carr (1982) cita como exemplo a ação do antigo imperador romano Júlio César ao atravessar o rio Rubicão ter se tornado um fato histórico, enquanto, o fato de milhões de pessoas atravessarem uma determinada rua diariamente não se tornar. Ambos são acontecimentos do passado, cabe ao historiador considerar se um determinado fato do passado é relevante. Assim como na analogia do cozinheiro, “o historiador é necessariamente um selecionador” (CARR, 1982, p. 48). Então qual seria o critério de avaliação para um acontecimento selecionado tornar-se um fato histórico? Segundo Carr (1982), isto dependerá simples e unicamente da interpretação do historiador. Outros historiadores verão essa importância e começarão a utilizar esse fato para explicar o passado de outras formas. Isso é decorrente das perguntas que a nossa contemporaneidade busca responder, pois não são as mesmas dos nossos antecessores.

Com isso em mente, adentramos em uma outra problemática: há muitos fatos do passado os quais não se tornaram históricos, pois não foram considerados relevantes pelos antigos historiadores da época, ou seja, existe uma vasta história não contada. De fato há

muitas lacunas, a história é contada a partir de registros, sejam eles documentos oficiais, recibos, declarações de testemunhas, anotações pessoais, etc.; entretanto, o maior problema se dá em quem registrou a história. Quando citamos a Grécia Antiga, sabemos da história por meio de um ateniense, não temos registros de uma pessoa escravizada: “nossa imagem foi pré-selecionada e predeterminada para nós, não tanto por acaso mas por pessoas que estavam consciente ou inconscientemente imbuídas de uma visão particular e que consideravam os fatos que sustentavam essa visão dignos de serem preservados” (CARR, 1982, p. 49).

Um ótimo exemplo de resgate na literatura clássica que retrata uma outra visão da história da Roma antiga é o livro *Satiricon* (2021). A narrativa acompanha as peripécias das personagens Encólpio, Gitão e Ascilto. Em uma passagem, eles comparecem ao banquete de Trimalquião, representante de uma nova classe social: ex-escravizados que compraram suas liberdades e enriqueceram, ascendendo socialmente. Além de nos proporcionar um melhor entendimento do funcionamento da sociedade da época, a qual não era totalmente estática, retratava também o modo de fala popular. *Satiricon* é extremamente útil como registro de uma diversidade linguística das classes populares além do Latim erudito. Contudo, o livro pode ter sido escrito por Petronio, um homem da elite financeira e intelectual. Podemos nos questionar se, de fato, as classes populares falavam da forma retratada por ele ou se era o ponto de vista escrachado e crítico de um homem da elite sobre as classes baixas (tendo em vista o humor da trama). Precisariamos de outros materiais comparativos para poder recuperar como funcionava o falar popular, como gramáticas normativas latinas.

O mesmo ocorreu na Idade Média, pois as pessoas eram extremamente religiosas, porém, quem registrava a história eram os componentes do clero. Se a população no geral era religiosa ou não (ainda mais que a religião era imposta a duras penas) jamais saberemos. Não há registro, por exemplo, de um camponês contra a religião:

os fatos conhecidos sobre ele - homem medieval - foram pré-selecionados para nós por pessoas que acreditavam nisto, que queriam que outros acreditassem, e uma quantidade de outros fatos em que possivelmente teríamos encontrado evidências do contrário perdeu-se irrevogavelmente (CARR, 1982, p. 50).

Portanto, a história é o que aceitamos a partir dos fatos registrados. Documentos apresentam fatos ocorridos; entretanto, eles passam pela interpretação de um historiador. Há muito o que se levar em consideração quando lemos documentações, pois até esse tipo de escrita não é isento de ideologias. Mesmo sendo oficial, o documento não é neutro, ou seja, trará as percepções de seu autor sobre um ocorrido, contendo um ponto de vista:

Se está nos documentos é porque é verdade. Mas o que dizem esses documentos - decretos, tratados, registros de arrendamento, publicações parlamentares, correspondência oficial, cartas e diários particulares - quando nos ocupamos deles? Nenhum documento pode dizer mais do que aquilo que o autor pensava - o que ele pensava que havia acontecido, o que devia acontecer ou o que aconteceria, ou talvez apenas o que ele queria que outros pensassem que ele pensava, ou mesmo apenas o que ele próprio pensava pensar. (CARR, 1982, p. 52).

Segundo Carr (1982), ao lermos história, não deveríamos nos preocupar com os fatos em si, mas sim com o historiador que a escreve. Isso não significa os fatos terem perdido a sua importância. Pelo contrário, os fatos sustentam a história e, a partir deles, fazemos uma interpretação. A discussão posta visa quebrar o culto aos fatos e à visão de haver neutralidade do historiador, pois a história é uma combinação dos dois: fatos e aqueles que os interpretam. Conforme assevera Carr,

O historiador não é um escravo humilde nem senhor tirânico de seus fatos. A relação entre o historiador e seus fatos é de igualdade e de reciprocidade. Como qualquer historiador ativo sabe, se ele para de avaliar o que está fazendo enquanto pensa e escreve, o historiador entra num processo contínuo de moldar seus fatos segundo sua interpretação e sua interpretação segundo seus fatos. É impossível determinar a primazia de um sobre o outro. O historiador começa com uma seleção provisória de fatos e uma interpretação também provisória, a partir da qual a seleção foi feita - tanto pelos outros quanto por ele mesmo. Enquanto trabalha, tanto a interpretação e a seleção quanto a ordenação de fatos passam por mudanças sutis e talvez parcialmente inconscientes, através da ação recíproca de uma ou da outra. Essa ação mútua também envolve a reciprocidade entre presente e passado, uma vez que o historiador faz parte do presente e os fatos pertencem ao passado. O historiador e os fatos históricos são necessários um ao outro. O historiador sem seus fatos não tem raízes e é inútil; os fatos sem seu historiador são mortos e sem significado. Portanto, minha primeira resposta à pergunta “Que é história?” é que ela constitui de um processo contínuo de interação entre o historiador e seus fatos, um diálogo interminável entre o passado e o presente. (CARR, 1982, p. 65).

Nos capítulos de contextualização histórica da narrativa, nosso objetivo era compreender o período antecedente e aquele que compreende a narrativa em si, seu pano de fundo histórico. Embora aparente ser algo simples, na prática, mostrou-se complexo. Isso prova o que Carr (1982) aponta como a não existência de neutralidade na história. Ler um único historiador não era suficiente para sanar as dúvidas sobre um determinado recorte, obrigando-nos a recorrer a outras leituras, pois, em suas escolhas pessoais, o historiador focalizava determinados aspectos em detrimento de outros, e as perguntas lançadas ao passado mudam de acordo com o presente. Além disso, como tratávamos de duas nações distintas cujas histórias se cruzam, era importante ler tanto historiadores escoceses quanto historiadores ingleses, pois eles apresentavam diferentes opiniões políticas sobre o período

escrito. De maneira alguma negamos o caráter científico dos livros, os fatos estavam lá, mas a maneira como eles eram retratados mudava completamente de obra para obra.

4.2 História e Literatura

4.2.1 Há de fato uma delimitação?

A história nasceu da literatura, ambas são áreas irmãs (GOSSMAN 1990), pois a história, no sentido de contar o passado, nasceu junto com os mitos. Os mitos eram a única forma para os antigos de explicar o passado do mundo, sua origem, de onde vieram os humanos, ou para explicar e entender fenômenos naturais. Entretanto, Gossman (1990) não se refere somente à relação mitos-história. Ele aborda a forma como os próprios historiadores gregos enxergavam o fazer história. Apesar de se utilizar a prosa para narrar eventos passados, a história não deixava de ser poética, como se fosse um poema épico. O historiador deveria apenas narrar os acontecimentos valendo-se de figuras de linguagem e palavras rebuscadas, sem a necessidade de expressar sua opinião sobre o narrado. A história serviria apenas para preservar os acontecimentos passados (uma espécie de memória dos feitos).

Ao final do período greco-romano, começa a se delinear uma diferenciação entre as duas áreas. À literatura foi relegado o *status* de arte: “escrita figurativa e poética”⁵⁹ (GOSSMAN, 1990, p. 229, tradução nossa), enquanto à história foi dado o estatuto de escrever apenas a realidade. Assim, a literatura escreve somente ficção enquanto a história escreve somente o real.

Como sabemos, a literatura rompe fronteiras estipuladas. Ela também escreve o real, não só o ficcional. Os escritores fazem experimentações, há uma forte interdisciplinaridade, um diálogo constante com outras áreas, entre elas, a história. A literatura é transformada em “uma ferramenta autoconsciente de explorar a linguagem e estender seu alcance - isto é, o alcance da percepção social e do significado”⁶⁰ (GOSSMAN, 1990, p. 229, tradução nossa). O mesmo ocorre com a história, há uma forte interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento humano, dentre elas, a literatura (BORGES, 1993).

Sabemos da importância da averiguação dos dados e fatos que se tornarão históricos, todo o trabalho de seleção dos elementos importantes para se alcançar os objetivos do

⁵⁹ Do original: *poetic and figurative writing*.

⁶⁰ Do original: *turn it into a self-conscious tool for exploring language and extending its range - that is to say, the range of social perception and meaning*.

historiador (período histórico, documentações, etc.). A questão se encontra na maneira como esse conhecimento será transmitido, como o historiador irá construí-lo. Hayden White (1992), em seu livro, *Meta-História*, analisou grandes historiadores e filósofos da história do século XIX, dentre eles, Ranke, Michelet, Hegel, Marx, Nietzsche, para compreender a estrutura de seus trabalhos, a forma como eles escreviam, pois esses teóricos são utilizados até hoje como base do fazer histórico. Nesses trabalhos, há uma parte destinada a argumentar sobre os dados coletados e, a partir deles, os historiadores e filósofos tecem suas análises dos fatos. Entretanto, interessa-nos a intersecção com a literatura, ou seja, a estrutura narrativa em prosa que esses autores utilizaram para narrar os acontecimentos do passado: “As histórias (e filosofias da história também) combinam uma certa quantidade de ‘dados’, conceitos teóricos para ‘explicar’ esses dados e uma estrutura narrativa que os apresenta como um ícone de conjuntos de eventos presumivelmente ocorridos em tempos passados” (WHITE, 1992, p. 11).

Assim, o historiador é, além de tudo, um narrador e, a história, seu objeto narrado. Como narrador, uma perspectiva sempre é adotada, ou seja, a história é narrada por um determinado ângulo. O tom assumido por um narrador pode mudar completamente o significado do que está sendo narrado: “escolher um ponto de vista é escolher um modo de transmitir valores. Isso demonstra que a técnica está articulada com a visão de mundo. Ela não é inocente e está articulada com todos os outros aspectos da narrativa, isto é, com os temas” (ARRIGUCCI, 1998, p. 20). Dessa forma, o modo de narrar escolhido pelo historiador corrobora com a visão de não haver neutralidade alguma na escrita histórica, pois, independentemente do tipo de narração, ela foi concretizada a partir de nossas crenças e visões de mundo.

As semelhanças não se limitam à estrutura narrativa. No que concerne ao conteúdo, há uma poética inserida na elaboração do enredo narrativo, em outras palavras, um diálogo com gêneros literários: “A história é uma mescla de ciência e arte” (WHITE, 1992, p. 13). Para construir o enredo, o historiador utiliza primeiramente o que White (1992) chama de crônica, isto é, a seleção dos eventos em ordem cronológica - o historiador é um selecionador, ele intermedia os acontecimentos em sua forma bruta para o público leitor. Ele definirá os motivos da história a ser escrita, um ponto inicial dos eventos e um ponto final. A história é fundamentalmente diacrônica (passado e futuro dos acontecimentos) e torna-se, por meio da seleção, um recorte sincrônico coerente:

O historiador arranja os eventos da crônica dentro de uma hierarquia de significação ao atribuir aos eventos funções diferentes como elementos da história, de maneira a

revelar a coerência formal de um conjunto completo de eventos como um processo compreensível, com princípio, meio e fim discerníveis. (WHITE, 1992, p. 22).

A partir disso, podemos fazer questionamentos para tentar explicar os acontecimentos históricos. A narrativa não é somente contar o que aconteceu, mas tentar explicar os eventos (Como e por quê?). Michelet utiliza a estrutura de enredo romanesco, enquanto Ranke utiliza uma estrutura cômica, o modo trágico foi utilizado pelo historiador Tocqueville e a sátira por Burckhardt. Vejamos as considerações de White:

Essas quatro formas arquetípicas de estória oferecem-nos um meio de caracterizar as diferentes modalidades de impressões explicativas que um historiador pode buscar no nível de elaboração de enredo narrativo. [...] A tragédia e a sátira são modos de elaboração de enredo concordes com o interesse daqueles historiadores que percebem atrás ou dentro da congêrie de eventos contidos na crônica uma estrutura vigente de relações ou um eterno retorno do Mesmo no Diferente. A estória romanesca e a comédia sublinham a emergência de novas forças ou condições emanadas de processos que parecem à primeira vista ou ser imutáveis em sua essência ou só em suas formas fenomênicas. (WHITE, 1992, p. 26).

A estrutura escolhida demonstra a visão de mundo dos historiadores sobre os eventos históricos. Seja um pessimismo em que nada muda, apenas assume formas diferentes nos quais os homens são fadados a viver numa relação trágica de forças ou uma visão mais positiva, romântica, segundo a qual são necessárias novas forças e conseqüentes mudanças. Leopold Rank, historiador alemão, buscava uma separação da história feita pelos românticos (mitos nacionalistas, construção de identidade) e, ainda sim, tinha uma estrutura de conteúdo literário em seus escritos relacionada com sua ideologia. Para White (1992), por mais que os autores falem em neutralidade e em separação com a literatura, todos utilizavam formas poéticas, mesmo de forma inconsciente, para construir seus textos. Ora, a escrita é delineada pelas referências de leituras.

4.3 Literatura e História

4.3.1 Romance histórico clássico: antecedentes

Sir Walter Scott, historiador e romancista escocês do século XIX, é precursor e criador do que conhecemos na atualidade como romance histórico, devido à originalidade de suas obras ao colocar fatos históricos no centro de suas narrativas (LUKÁCS, 2011). Essa é a principal diferença dos textos antes do romance histórico. Havia obras com um cunho histórico, pois retratavam como eram as sociedades das épocas, os hábitos, e o pensamento

vigente, por meio das personagens (romance social realista). Entretanto, não havia um momento histórico retratado como foco do enredo, ou seja, apenas tratava-se “a história como roupagem; somente importando a exposição da curiosidade e da excentricidade do meio, e não o retrato artístico fiel de uma época histórica concreta” (LUKÁCS, 2011, p. 33).

Um ótimo exemplo disso, na literatura brasileira, são as obras de Machado de Assis. Nos livros do romancista, podemos encontrar um retrato histórico de como era a sociedade carioca, no século XIX, principalmente da elite, por meio da ironia marcante do autor, porém não encontramos um acontecimento histórico daquele período como cerne da narrativa, que a movimenta: “o presente histórico é figurado com extraordinária plasticidade e verossimilhança, mas é ingenuamente aceito como um ente: a partir de onde e como ele se desenvolveu é algo que ainda não se põe no ato da figuração do escritor” (LUKÁCS, 2011, p. 34). Desse modo, temos um presente histórico retratado, mas como chegou-se a esse momento, o passado, ou para onde irá após esse presente, futuro, não é mencionado. Apenas retrata-se um momento estático, sincrônico, historicamente falando. Com o tempo, cada vez mais, os romances realistas, na retração do presente-histórico, traziam eventos importantes, até culminar no romance histórico de Walter Scott. Para compreendermos como ocorreu essa mudança, precisamos voltar no tempo, nos acontecimentos que mudaram a relação das sociedades com o passado e fizeram as pessoas se enxergarem como sujeitos históricos.

Segundo Lukács (2011), o Iluminismo contribuiu para a retratação da história por meio da literatura, em especial, na Alemanha. Devido ao atraso do país, política e economicamente, os alemães inspiraram-se na França e na Inglaterra, lugares nos quais houve uma mudança significativa da sociedade com revoluções ocasionadas pela burguesia - “patriotismo revolucionário burguês” (LUKÁCS, 2011, p. 37). A Alemanha estava desunida, algo agravado pela crise que dificultava o desenvolvimento de um patriotismo revolucionário. A única solução encontrada para unificar o país era retornar ao passado histórico: “A esperança de um renascimento nacional extrai suas forças em parte do reavivamento da grandeza nacional passada. A luta por essa grandeza nacional requer que as causas históricas do declínio e da ruína da Alemanha sejam pesquisadas e apresentadas artisticamente” (LUKÁCS, 2011, p. 38). A literatura é uma das artes que pode retratar os motivos da decadência do momento presente e reavivar o quanto um país foi e pode ser grandioso.

As Revoluções, em destaque a francesa, entre outros eventos, como o imperialismo e guerras napoleônicas, permitiram às pessoas se reconhecessem como sujeitos pertencentes a uma história: “experiência das massas [...], fortalecendo-se extraordinariamente o sentimento de que existe uma história, de que essa história é um processo ininterrupto de mudanças e, por

fim, de que ela interfere na vida dos indivíduos” (LUKÁCS, 2011, p. 38). Antes não se tinha uma noção histórica de causas e conseqüências, de um tempo contínuo e, então, passa-se a notar um passado e um futuro do qual estamos todos inseridos e do qual podemos ser sujeitos atuantes. Dessa forma, na Revolução Francesa, diferentemente de guerras anteriores na história, em que a população era excluída de participação, temos o envolvimento e atuação das massas. O apoio e a defesa da população para a queda do absolutismo era importante e, para isso, uma ostensiva propaganda em defesa da Revolução era necessária. As propagandas deveriam “revelar o conteúdo social, os pressupostos históricos e as circunstâncias da luta, estabelecer a conexão da guerra com a vida em sua totalidade e com as possibilidades de desenvolvimento” (LUKÁCS, 2011, p. 39). Para fazer a população compreender os motivos desencadeadores de um levante, precisava-se apontar aspectos históricos e situar como essa guerra influenciaria em suas vidas. Em outras palavras, para se conquistar a força do povo, eles precisavam estar inseridos historicamente e não mais verem os acontecimentos de forma passiva, pois não estavam alheios a eles: “criam-se possibilidades concretas para que os homens aprendam sua própria existência como algo historicamente condicionado, vejam na história algo que determina profundamente sua existência cotidiana, algo que lhes diz respeito diretamente” LUKÁCS, 2011, p. 40).

Outro movimento importante para provocar a consciência nacional e histórica das massas, na Europa em geral, além da França, foram as guerras napoleônicas. Como sabemos, Napoleão Bonaparte empreendeu uma política de expansão territorial invadindo outros países europeus. Isso ocasiona uma reação de revolta dos povos invadidos inflamando um sentimento nacionalista, com lembranças de um passado glorioso, em busca de emancipação do subjugo francês. Com as invasões, toma-se consciência não apenas do pertencimento à história de uma nação, mas compreende-se também que fazemos parte de uma história bem maior, uma história mundial.

Como toda ação gera uma conseqüência, o período posterior à queda de Napoleão, conhecido como Restauração, traz consigo um pseudo-historicismo, e este nega o caráter revolucionário e desenvolvimentista da história (LUKÁCS, 2011), a luta de forças opostas tratada pela dialética. Esse movimento reacionário, temendo novos levantes pelas massas, tentava retornar ao ponto no qual as sociedades se encontravam antes da Revolução Francesa, ou seja, apagar a consciência de que as pessoas fazem parte da história, de que não somos seres passivos:

A história, segundo essa concepção, é um crescimento calmo, imperceptível, natural, 'orgânico'. Quer dizer: um desenvolvimento da sociedade que em essência é estagnação, que não altera em nada as instituições legítimas e consagradas da sociedade e, sobretudo, não altera nada o modo consciente. A atividade do homem na história deve ser totalmente descartada" (LUKÁCS, 2011, p. 42).

Para Lukács (2011), o movimento reacionário foi um mal necessário, pois obrigava aqueles que defendiam o desenvolvimento humano a agirem. Eles precisavam mostrar a importância da Revolução Francesa, a notoriedade da história, apontando o desenvolvimento para a população, diferente daquilo pregado pelos reacionários. Além disso, os historiadores progressistas precisavam demonstrar ser esse o meio para evoluirmos futuramente. Ora, o desenvolvimento não ocorre de modo pacato, mas sim pelo conflito, por meio da luta de classes, como na Revolução Francesa entre a burguesia contra a nobreza, e para isso, precisamos conhecer as nossas histórias, resultando em uma nova filosofia conhecida como humanismo histórico.

4.3.2 *Waverly*, de Sir Walter Scott

O cenário histórico da Revolução Francesa e suas consequências por toda a Europa, como as diferentes visões ideológicas (pós-revolucionárias), influenciam na criação do romance histórico por Walter Scott. Esse gênero é uma evolução do romance social realista que vinha sendo produzido até então. Scott era um fundo conhecedor do realismo, e isso permitiu-lhe trazer em suas obras algo inventivo, completamente inédito e singular, mudando assim o estilo como era conhecido.

Sir Walter Scott nasceu em Edimburgo, na Escócia, no dia 15 de agosto de 1771 (HOOK, 1985). Foi advogado e membro da baixa nobreza com o título de baronete. Em sua vida, teve contato com a história: as grandes batalhas travadas entre escoceses e ingleses, nascendo, assim, o interesse por acontecimentos do passado e pela herança escocesa, um dos futuros temas de suas obras. Além disso, Scott foi um grande entusiasta da literatura (HOOK, 1985), e isso lhe permitiu um aprofundamento de sua produção literária. Foi também poeta e tradutor para o inglês de obras contemporâneas. Contudo, seu maior destaque veio com a escrita de narrativas em romance. Escrever romances iniciou-se como uma tentativa de salvar da falência uma editora que ele tinha em sociedade com um amigo. *Waverley* (SCOTT, 1985) foi sua primeira obra publicada, em 1814. Mesmo sendo uma publicação anônima, o romance foi um enorme sucesso em sua época, pois retratava um período histórico, o levante Jacobita de 1745, trazendo um tipo de sociedade que não existia mais: o sistema de clãs escocês. Scott

continuou por esse caminho, abordando outros períodos históricos importantes da Inglaterra em obras subsequentes, como na obra *Ivanhoe*, retratando a luta dos saxões contra a invasão normanda, ou seja, a constituição do que a Inglaterra iria se tornar (HOOK, 1985). O profundo conhecimento de história permitiu a Scott retratar diversos setores da sociedade, desde pessoas das classes menos favorecidas até a aristocracia.

Como destaca Lukács (2011), não é uma coincidência que o romance histórico tenha surgido no Reino Unido, pois a Inglaterra havia tido uma revolução burguesa muito antes da França. O olhar da Europa voltava-se para as ilhas britânicas como um exemplo de desenvolvimento pacífico e contínuo pós-revolução, permitindo que as pessoas desenvolvessem uma consciência histórica. Scott, em suas obras, buscava o caminho do meio entre os lados de um conflito:

Na história inglesa, encontra o consolo de a violenta oscilação das lutas de classes ter sempre acabado por apaziguar-se em um glorioso “meio”. Assim como da luta entre os saxões e normandos surgiu a nação inglesa (nem saxã nem normanda) e da sangrenta guerra das duas rosas seguiu-se o regime glorioso da dinastia Tudor (em especial da rainha Elizabeth), as lutas de classe que ganharam expressão na Revolução de Cromwell encontraram equilíbrio – após oscilações e guerras civis – no resultado da “Revolução Gloriosa”: a Inglaterra atual. (LUKÁCS, 2011, p. 48).

Com esses exemplos da história inglesa, Scott acreditava que um produto positivo surgiria como resultado das contendas, como um equilíbrio. Portanto, ele não contestava o desenvolvimento, mas também não era um entusiasta a esse respeito. Sendo um homem paradoxal, ele criticava o crescimento capitalista e a desigualdade ocasionada por esse sistema às pessoas mais pobres. Porém, ele não se opunha diretamente a esse desenvolvimento.

Assim, para responder aos problemas sociais de sua contemporaneidade, o escritor escocês trazia em suas narrativas algum momento decisivo da história inglesa: “ele procura o caminho do meio entre os extremos e esforça-se para demonstrar sua realidade histórica pela figuração ficcional das grandes crises da história” (LUKÁCS, 2011, p. 49), ou seja, criava-se uma ficção com um olhar para o passado para se compreender o momento presente. Como abordamos, Scott busca, na narrativa, o caminho do meio (LUKÁCS, 2011), não se posicionando entre os lados de um conflito histórico. Consequentemente, a personagem principal era algum nobre cavaleiro, uma pessoa honesta, porém não tinha atos heróicos, não abraçava causas e não se envolvia nos conflitos políticos por vontade própria: “ele se força para figurar as lutas e as oposições da história por meio de homens que, em sua psicologia e em seu destino, permanecem sempre como representantes de correntes sociais e potências históricas” (LUKÁCS, 2011, p. 50).

A criação desse tipo de herói pode ter relação a Scott pertencer a baixa nobreza e por seu pensamento acerca do desenvolvimento, além de ser uma resposta ao herói romântico. De fato, as personagens de Scott não são tipos com profundidade psicológica, mas a grandiosidade desse autor está no ato de representar, por meio de suas obras, homens e mulheres de diferentes camadas sociais situados historicamente - tipos sociais históricos.

Poderíamos pensar que o herói de Scott, por ser o protagonista, tem uma grande importância na narrativa, mas, na verdade, os coadjuvantes são tipos mais aprofundados e interessantes em comparação com a personagem principal. O protagonista terá o papel de mediador do conflito entre os extremos no momento de crise social retratado:

em seus romances entram em choque potências sociais inimigas que visam destruir-se mutuamente [...] há o perigo de que a luta se torne apenas uma destruição externa, incapaz de despertar no leitor compaixão e a empatia humanas. [...] Scott escolhe personagens que, por seu caráter e destino, põem em contato os dois lados do conflito. O destino que cabe ao herói mediano, que na grande crise de seu tempo não se alia a nenhuma das partes em conflito [...] (LUKÁCS, 2011, p. 53).

Desse modo, o herói entra em contato com os dois lados da história, permitindo-nos, por meio das personagens coadjuvantes, contracenando com ele, compreender os motivos do conflito. Entretanto, ele não se posiciona declarando um lado ou outro como certo e errado. Esse posicionamento caberá aos leitores. Scott, por sua vez, estará mais interessado em retratar que, independentemente dos lados assumidos, há um caminho do meio, um resultado do enfrentamento, e isso levará a um desenvolvimento pacífico.

Duzentos anos separam as obras de Scott e de Gabaldon. Como mencionamos, ambas as narrativas abordam o último levante jacobita; porém, acreditamos que essa seja a única semelhança entre elas, ainda mais por estarem situadas em períodos históricos de escrita e literário distintos. *Waverley* é um romance histórico, um gênero completamente novo e inventivo na época de seu lançamento. Ele não pôde ser encaixado no romantismo, o protagonista é uma pessoa mediana nada comparada aos heróis românticos, apesar de termos uma tendência nacionalista da Escócia presente na narrativa. Por outro lado, também não podemos encaixá-lo no realismo social, indo além desse gênero ao trazer a história para a frente da coxia.

O protagonista de Scott pertence à nobreza inglesa. Enquanto sua família é favorável à Casa Stuart (reivindicadores do trono), ele não se posiciona, prefere escolher o caminho do meio, ou seja, nenhum dos lados. Essas conexões familiares levam-no a se envolver no combate, mas não o tornam um fanático partidário, como se a luta em que ele se envolveu não

lhe pertencesse. Em outras palavras, era uma pessoa apolítica, desprovido de uma consciência histórica.

Sabemos que houve um despertar somente após a participação das massas no destino de grandes nações como a França, muitos anos após o levante jacobita. Entretanto, essa consciência foi sendo adquirida progressivamente e não de modo repentino. Na atualidade, também encontramos pessoas alheias ao presente, à participação política, como se nada disso as afetasse, como se não sentissem o peso da história. Em parte, isso se deve por falhas propositais na educação, de acordo com o interesse de classes dominantes. Desse modo, nos perguntamos: a quem interessa a falta de conhecimento histórico? Quando não participamos politicamente, quando não escolhemos, alguém escolhe por nós. Em parte, a indecisão de Waverley e a falta de posicionamento pode ser justificada por ele ter conexões com o outro lado do combate, a Casa Hannover, detentora do trono naquela época, permitindo ao leitor também avaliar esse outro lado do conflito.

Para Lukács (2011), a retratação do caminho mediador por Scott é justificável pela própria história da Inglaterra. Sempre houve aqueles cuja as opiniões oscilavam e mudavam constantemente, ora de um lado, ora de outro. Vimos isso com os *Tories*, apoiadores da destituição de James II, por temerem uma reforma da Igreja Anglicana, mas ocorreu o arrependimento com a vinda do protestante William, e a declaração de apoio novamente a James II. Além disso, as pessoas “indecisas” foram aquelas que auxiliaram a sair das crises, pois a vida cotidiana continuava para muitos independentemente da guerra. Se o país parasse de uma vez, com todas as pessoas envolvidas, quem produziria alimentos, quem moveria o país nos setores essenciais?

Grandes personalidades históricas aparecem nos romances de Scott, mas não como no romantismo, tratadas como “heróis decorativos” (LUKÁCS, 2011, p. 55). Elas representam uma corrente histórica e nos são apresentadas, por meio delas, qualidades positivas e negativas desse movimento. Pela narrativa de Scott, não sabemos como essa personalidade é formada, ela surge na história somente no momento decisivo:

depois de nos termos transformado em participantes compassivos e conscientes dessa crise, depois de termos compreendido bem os fundamentos dos quais ela emerge, por que razões a nação se cindiu em dois campos contrários, depois de termos visto como as diferentes camadas da população se comportam em relação a essa crise, somente então o grande herói histórico entra em cena no romance. (LUKÁCS, 2011, p. 55).

Compreendemos, desse modo, a razão pela qual essas personalidades históricas tiveram de surgir, quais motivos as levaram a agir. Em Scott entendemos o herói por meio da época, ou seja, entendemos o surgimento desse herói por meio das circunstâncias que o criaram. Se não houvesse o conflito, essa pessoa não precisaria tornar-se herói: “elas nunca podem ser figuras centrais do ponto de vista do enredo. Pois a própria apresentação ampla e multifacetada do ser da época só pode chegar claramente à superfície mediante a figuração da vida do povo, das alegrias e das tristezas, das crises e das desorientações dos homens medianos” (LUKÁCS, 2011, p. 56). Nem o herói forjado pelo momento e nem os protagonistas são importantes, mas sim, como apontamos, o destaque recai sobre as personagens de apoio, as apresentadas dos dois lados do conflito para nos proporcionar uma visão panorâmica, sejam elas históricas ou criadas ficcionalmente.

A pretensão de Scott era retratar como de fato aconteceu a história e para isso relacionava o homem ao ambiente, no caso, as personagens inseridas no conflito, mudando devido às circunstâncias históricas. Para isso, ele utilizava o drama e diálogos importantes para demonstrar as ideias de ambos os lados (LUKÁCS, 2011). Apesar dos esforços de Scott de tentar trazer uma neutralidade, apresentando causas, consequências, motivações das partes, o fato de não tomar partido já é uma decisão ideológica.

Scott, mesmo buscando uma imparcialidade dos fatos, via o progresso, resultado da guerra, como algo positivo. No caso do levante de 1745, ele via o fim do sistema de clãs como algo necessário para o desenvolvimento da Escócia, levando-a a se tornar capitalista. Desse modo, seria o equivalente a uma revolução que leva ao progresso, nos moldes da Revolução Francesa. Não há qualquer crítica às consequências desse desenvolvimento forçoso, não se leva em consideração as vidas perdidas. A economia acaba sendo colocada acima do humano, acima do cultural e das tradições.

Nosso objetivo principal não é efetuar um estudo comparativo entre as obras *Outlander* e *Waverley*. Consideramos a importância em trazer o precursor do gênero romance histórico para refletirmos se ainda é possível fazer romance histórico na contemporaneidade aos moldes scottianos ou se houve uma evolução e expansão para outros tipos de gêneros. Definitivamente, a saga *Outlander* se distancia desse gênero, pois apesar de retratar o mesmo período histórico, não busca o caminho do meio, não há a apresentação de ambos os lados com a isenção da protagonista; pelo contrário, há uma visão crítica acerca da história. A heroína de Gabaldon participa ativamente da história. Desse modo, para leitura da abordagem histórica na saga *Outlander*, utilizaremos o livro *Poética do Pós-Modernismo*, da crítica literária Linda Hutcheon (1991).

4.4 Metaficção historiográfica em *Outlander* e *Dragonfly in Amber*

Nas seções anteriores, vimos o delineamento da construção do conhecimento histórico. Por um lado, pela participação das massas nos acontecimentos, ou seja, a noção de que somos seres historicamente situados e atuantes, por outro, o papel do historiador no entendimento do passado e conseqüentemente do presente. Vimos também a tentativa de se igualar a história aos moldes das ciências naturais negando a subjetividade do historiador após a separação da literatura. Ao trazer o romance histórico de Scott e nesse momento a “metaficção historiográfica” nas obras pós-modernas, mudamos a ótica a partir da literatura para analisar como toda a discussão da historiografia a transmuta.

Assim como a história, o pós-modernismo também é um conceito polissêmico. Trata-se de um movimento que possui manifestações em diversas áreas artísticas. Na literatura, segundo Hutcheon (1991), há ficções pós-modernas que podem ser chamadas de “metaficções historiográficas”, quando se baseiam em um determinado fato histórico para apresentar múltiplas perspectivas sobre o assunto. Não há o objetivo de enaltecer o passado histórico, mas sim, de subvertê-lo, por meio de uma leitura crítica da história oficial

Como abordamos anteriormente, em *Outlander* e *Dragonfly in Amber* temos uma variedade de temáticas e estas dificultam a classificação das obras. Ao mesmo tempo em que são aventuras românticas, assemelham-se a um romance histórico ao trazer a história para o centro da narrativa como um elemento importante. Entretanto, o enredo não se instala no caminho do meio aos moldes de Scott, devido ao tom crítico adotado por Claire, conforme analisaremos a seguir. Além disso, temos a presença de elementos fantasiosos, como a viagem no tempo. O retorno de Claire ao passado não é proporcionado por tecnologias avançadas, como costumamos ver nas séries de ficção científica, algo convencional no gênero. Na série popular *Doctor Who* (inspiração de Gabaldon para escrever sobre a Escócia do século XVIII), o viajante utiliza uma máquina do tempo de sua civilização desenvolvida. Claire retorna por meio de um monumento megalítico, estruturas de pedra da Era do Bronze que nos fascinam e levantam especulações até a atualidade pelos seus mistérios. A narrativa traz um mix de gêneros os quais não fariam sentido juntos. Ora, viajar no tempo quebra as leis da física conhecidas, mas não há qualquer tentativa de explicação de o porquê é possível retornar ao passado pelo círculo de pedras na colina das fadas:

Houve uma [história] que particularmente chamou minha atenção, sobre o homem que ficava na escuridão da noite em uma colina de fadas e que ouviu o canto “triste e lamurioso” de uma mulher vindo das pedras da colina. [...] A mulher estava cansada,

como se tivesse viajado para longe, mas não sabia dizer onde estivera nem como chegara lá. [...]

“Houve uma época, há duzentos anos...” *São sempre duzentos anos nas histórias das Terras Altas*, disse a voz do reverendo Wakefield em minha memória. *O mesmo que o nosso indefinido “Era uma vez”*. E mulheres presas nas pedras de colinas de fadas, viajando para longe e chegando exaustas, que não sabiam onde haviam estado, nem como haviam chegado lá. Pude sentir os pelos nos meus braços se eriçarem, como se estivesse com frio, e esfreguei-os nervosamente. Duzentos anos. De 1945 a 1743. Sim, bem próximo. E mulheres que viajavam através das rochas. *Seriam sempre mulheres?*, perguntei-me repentinamente. Outra coisa me ocorreu. As mulheres voltavam. Água benta, feitiço ou faca, elas voltavam. Assim, talvez, apenas talvez, fosse possível. Preciso voltar ao monumento de pedras em Craigh na Dun. (GABALDON, 2016, p. 144-145, grifo do autor)⁶¹.

Claire reflete no decorrer da narrativa sobre a natureza da viagem no tempo em busca de explicações. Nesta cena em questão, após ouvir o bardo do castelo Leoch narrar a história de uma mulher que viajou no tempo na colina das fadas, mas retornou, lhe dá esperanças de também conseguir voltar ao futuro. Se o impossível aconteceu com ela, a história narrada poderia não ser apenas uma lenda e, de fato, ter acontecido. O retorno ao passado é um elemento fantasioso criado a partir do folclore e cultura dos círculos de pedras. Poderíamos esperar alguma habilidade especial ou fantástica de Claire, como a própria protagonista se questiona “Seriam sempre mulheres?” (GABALDON, 2016, p. 145), mas a narrativa assume um tom de “realismo”, assim que ela chega no século XVIII, retratando a história da Escócia e da Inglaterra. Portanto, a subversão, feita por Gabaldon, foi reutilizar gêneros textuais tão bem conhecidos pelo público para quebrar nossas expectativas do que esperaríamos deles, demonstrando um conhecimento da tradição. A partir de sua profissão de pesquisadora, ela fez vastas leituras históricas, culturais, para lhe permitir incorporar diversos gêneros e elementos na narrativa.

Gabaldon (c2022), em seu site oficial, expressa a dificuldade das livrarias em classificar *Outlander* quando lançado. Em um primeiro momento, o livro foi colocado na sessão “romance”, no sentido em língua inglesa para uma história romântica. Essa rotulação incomodou Gabaldon demais, pois seu livro não era apenas isso e colocá-lo nessa sessão o limitaria. Quem esperaria um romance nos moldes desse gênero poderia se decepcionar. Já

⁶¹ Do original: *There was one I noticed particularly, about the man out late at night upon a fairy hill, who heard the sound of a woman singing “sad and plaintive” from the very rocks of the hill. [...] The woman was tired, as though she had traveled far, but could not tell where she had been, nor how she had come there. [...] “It was a time, two hundred years ago...” It’s always two hundred years in Highland stories, said the Reverend Wakefield’s voice in memory. The same thing as “Once upon a time,” you know. And women trapped in the rocks of fairy duns, traveling far and arriving exhausted, who knew not where they had been, nor how they had come there. I could feel the hair rising on my forearms, as though with cold, and rubbed them uneasily. Two hundred years. From 1945 to 1743; yes, near enough. And women who traveled through the rocks. Was it always women? I wondered suddenly. Something else occurred to me. The women came back. Holy water; spell, or knife, they came back. So perhaps, just perhaps, it was possible. I must get back to the standing stones on Craigh na Dun.* (GABALDON, 2005, p. 151-152).

quem não gosta de romances não daria chance para *Outlander* para, até mesmo, se surpreender positivamente, uma vez que o livro vai além das convenções dos romances:

Existem grandes diferenças entre o que escrevo e a forma padrão do gênero - como muitos escritores de romances românticos "verdadeiros" estavam ansiosos para me informar. Quando *Outlander* ganhou o prêmio *RWA's RITA* de Melhor Livro do Ano, descobriu-se que esse prêmio não é - ou não era - limitado a romances. [...] logo após ganhar o prêmio, uma autora (bastante conhecida) me mandou um e-mail dizendo que, já tinha várias mensagens dela na caixa de entrada dizendo isso, ela achou errado *Outlander* vencer, pois "não era realmente um romance – "não havia foco suficiente na relação entre o herói e a heroína, ela era mais velha que ele (ei, todo mundo sabe que você não pode fazer isso!). Você quer saber quantas vezes eu ouvi "Você não pode fazer ISSO em um romance!" - de escritores em convenções de romance? "eles não se conheceram até a página 69, você não sabia que ele era o herói até muito mais tarde, era muito longe e tinha toda aquela história, era na primeira pessoa!" Um crime totalmente hediondo nesse gênero, aparentemente, e quanto ao que eu fiz ao Jamie... (DIANAGABALDON, c2022)⁶².

Diana nega veemente que *Outlander* possa ser considerado um romance romântico. De fato, Claire é mais velha que James, 27 anos e 23 anos, respectivamente. Eles não se conhecem no começo da narrativa, somente páginas à frente, começando em uma amizade inesperada e um refúgio do conflito pelo qual ela estava vivendo, para depois ir para o romance de fato. Talvez escandalizasse ser ela casada há quase uma década antes de se entregar a esse novo amor, quebrando qualquer expectativa romântica de um único amor para vida duradoura, além da questão de saber que ele é o herói tardiamente no livro, em detrimento de Frank. Muito menos há finais felizes, há a tortura e estupro inflingido a James pelo vilão e no final de *Dragonfly in Amber*, eles não ficam juntos, são separados durante vinte anos, pois, para Claire, James havia morrido na batalha de Culloden: "O importante debate contemporâneo sobre as margens e as fronteiras das convenções sociais e artísticas é também resultado de uma transgressão tipicamente pós-moderna em relação aos limites aceitos de antemão: os limites de determinadas artes, dos gêneros ou da arte em si." (HUTCHEON, 1991, p. 26). Definitivamente, *Outlander* não se encaixa nos limites aceitos do romance romântico e os transgride, muito menos em qualquer outro gênero, pois as fronteiras

⁶² Do original: *There are major differences between what I write and the standard form of the genre—as a good many “real” romance writers were only too eager to let me know, when Outlander won the RWA’s RITA award for Best Book of the Year when it came out (that award, btw, isn’t—or wasn’t—limited to romances). [...] shortly after winning the award, and one (quite well known) author sent me a private e-mail, saying that she thought she had better come out and tell me, since there were several messages from her on the board saying so, that she felt it was not right for Outlander to have won, since “it wasn’t really a romance—there wasn’t enough concentration on the relationship between the hero and heroine, she was older than him (hey, everybody knows you can’t do that! (You want to know how many times I’ve heard “You can’t do THAT in a romance!”—from romance writers at romance conventions?) they didn’t meet until page 69, you didn’t know he was the hero until much later, it was much too long, and it had all that History, it was in the first person!! (an utterly heinous crime in that genre, apparently), and as for what I did to Jamie...!! (DIANAGABALDON, c2022).*

não são mais delineadas e demarcadas. Gabaldon (c2022) sugere “ficção”. Apesar de ser uma rotulação coringa, esta seria a mais adequada, pois romance histórico também criaria expectativas nos leitores que não poderiam ser cumpridas.

A questão da transgressão das fronteiras não se limita somente a gêneros dentro de um romance, mas também pode ser pensada nos limites entre duas áreas do conhecimento humano como história e literatura. No caso de *Outlander*, temos as fronteiras entre ficção e realidade histórica, entre o fato documentado e a interpretação narrativa do historiador ou do escritor literário, que preenche as lacunas deixadas pela história. Em relação às transgressões, Hutcheon (1991) cita as formas das narrativas que podem ter uma multiplicidade de vozes, e isso ela chama de “desafio às noções tradicionais de perspectivas” (p. 29). Podemos notar essa característica na narração dos dois livros. O primeiro é inerentemente em primeira pessoa focalizado em Claire, já o segundo, *Dragonfly in Amber*, temos uma intercalação da voz de Claire para uma narração em terceira pessoa focalizada em Roger.

No fim de *Outlander*, Claire está grávida e deseja tentar alterar os acontecimentos históricos. Entretanto, quando iniciamos a leitura de *Dragonfly in Amber*, deparamo-nos com uma passagem no tempo. A história se inicia em Inverness em 1968, mais de vinte anos após o início do primeiro livro. O recurso do salto temporal do final da narrativa de *Outlander* para a narrativa de *Dragonfly in Amber* quebra a expectativa inicial da continuidade esperada de Claire e James se infiltrando na corte jacobita do Velho Pretendente. Claire está acompanhada de sua filha Brianna Randall, uma jovem por volta de vinte anos de idade. Não sabemos o que aconteceu nesses vinte anos, se ela viveu todo esse tempo no passado com James e a causa da ida para o futuro. Como leitores, criamos perguntas e possibilidades de leitura. A cada nova fala das personagens, as dúvidas aumentam, como a morte de Frank e a aparência de Brianna, ruiva como James, apesar de ter o sobrenome Randall.

Ela entrega a Roger uma lista de nomes, homens de Lallybroch com participação na Batalha de Culloden, e gostaria de saber quantos deles morreram na batalha. Nesse momento, notamos que o levante jacobita aconteceu, independentemente dos esforços das personagens de tentar alterar o passado, eles não conseguiram impedir o conflito. Para Claire, James havia morrido em Culloden, e ela pretendia contar tudo a respeito de sua vivência para Brianna. Como Culloden seria inevitável, James estava certo de sua morte na batalha, de não ter escolha em não lutar, pois, se fugisse, seria cassado como partidário de Charles. Entretanto, James não queria um destino igual a seus homens. Ele os mandou para casa e pediu para Claire, grávida de Brianna, voltar ao futuro, onde estaria segura para cuidar de uma criança sem ele. A narrativa termina com a revelação da pesquisa de Roger, a afirmação de James

Fraser não ter morrido em Culloden, como ela acreditava: “— Um deles, um Fraser do regimento do senhor de Lovat, escapou... — repetiu Roger em voz baixa. [...] **Ele pretendia morrer no campo de batalha de Culloden** — murmurou Roger. — **Mas não morreu.** (GABALDON, 2018, p. 876, grifo nosso).⁶³

A narração autodiegética de Claire é intercalada. Ela mescla uma narração ulterior, fala-se de um passado mais ou menos distante, com uma narração simultânea e comentários no momento da narração. As ações ocorrem em ordem cronológica, simultaneamente à narração. Portanto, Claire não narra com distanciamento do futuro. Ela não sabe o que acontecerá em seguida, sendo surpreendida com as consequências dos eventos, juntamente ao leitor.

Quando Gabaldon escolhe narrar a história pela perspectiva de Claire traz uma limitação. Sabemos apenas seus pensamentos e sentimentos, diferentemente de um narrador-deus, consciente das motivações de todas as personagens de uma narrativa. Dessa forma, temos apenas conhecimento daquilo testemunhado por Claire, dos eventos nos quais ela está presente. Não temos detalhes de eventos externos, por exemplo, como na primeira batalha que James travou no movimento jacobita - Prestonpans. Por segurança, Claire fica afastada, contribuindo como enfermeira. O leitor fica apreensivo por detalhes, assim como Claire, para saber do ocorrido, se James feriu-se também:

O primeiro barulho de canhão veio na luz que antecede a aurora, uma explosão seca, retumbante, que pareceu ecoar pelas tábuas do assoalho onde eu dormia. [...] Fechei meus olhos e engoli em seco e com força. Manter-me ocupada era o melhor que eu podia fazer por mim mesma. [...] Fiquei observando a porta velha e mal conservada, em geral escancarada, mas não vi Jamie entre os que chegavam para relatar baixas e receber congratulações. Tentei afastar uma incômoda e recorrente preocupação, dizendo a mim mesma que eu também não o vira entre os feridos. (GABALDON, 2018, p. 592-593; 596)⁶⁴.

Em *Dragonfly in Amber*, por sua vez, quebra-se a narração exclusiva em primeira pessoa para uma alternância de vozes. Em 1968, os acontecimentos são narrados em terceira pessoa, pela perspectiva de Roger Wakefield, narrador heterodiegético: “Roger Wakefield

⁶³ Do original: “One man, a Fraser of the Master of Lovat’s regiment, escaped...” Roger repeated softly. [...] “He meant to die on Culloden Field,” Roger whispered. “But he didn’t.” (GABALDON, 2016, p. 947, grifo nosso).

⁶⁴ Do original: The sound of the first cannon came in the lightening predawn, a dull, booming noise that seemed to echo through the plank boards on which I slept. [...] I closed my own eyes and swallowed hard. Keeping busy was the best thing I could do for myself. [...] I kept an eye on the battered door, which hung constantly ajar, but didn’t see Jamie among those arriving to report casualties and receive congratulations. I batted away the recurrent small gnat of worry, telling myself that I didn’t see him among the wounded, either. (GABALDON, 2016, p. 638-639; 642).

parou no meio da sala, sentindo-se cercado. Achou a sensação absolutamente justificável, já que realmente estava cercado de mesas abarrotadas de bibelôs e suvenires” (GABALDON, 2018, p. 11)⁶⁵. Uma surpresa para o leitor, pois Roger já havia aparecido no início da narrativa de *Outlander*, quando era uma criança, adotada pelo tio-avô, o reverendo Wakefield, após os pais terem morrido devido à guerra. A mãe, no Blitz - bombardeios alemães em Londres, e o pai, em batalha. Seguem duas cenas das narrativas. Na primeira, Claire conhece o menino Roger. Já na segunda, deparamos-nos com o salto temporal e um Roger adulto para surpresa da protagonista e do leitor:

A poltrona mais próxima das janelas pareceu-me adequada, mas quando me aproximei para virá-la para a escrivaninha, descobri que já estava ocupada. O ocupante, um garoto com uma surpreendente cabeleira negra e lustrosa, estava enroscado no fundo da poltrona, dormindo profundamente. — Roger! — O vigário, vindo em meu auxílio, estava tão surpreso quanto eu. O garoto, acordado de repente, ficou de pé num salto, os olhos verdes-musgo arregalados. — Ora, o que você está fazendo aqui, moleque? — o vigário repreendeu-o afetuosamente. (GABALDON, 2016, p. 32-33).⁶⁶

Os olhos ergueram-se rapidamente dos tênis tamanho quarenta e dois para o rosto dele, uns trinta centímetros acima do seu. O sorriso enviesado ampliou-se.
— Detesto começar logo com um clichê — disse ela —, mas, Santo Deus, como você cresceu, Roger!
Roger sentiu-se enrubescer. A mulher riu e estendeu a mão.
— Você é o Roger, não é? Meu nome é Claire Randall, uma velha amiga do reverendo. Mas não vejo você desde que tinha cinco anos de idade. (GABALDON, 2018, p. 13)⁶⁷.

Essa mudança de voz narrativa e de foco contribui para a quebra de expectativa da qual falamos. Claire e James iriam para Roma com uma missão e agora nos deparamos com um Roger adulto. Essa nova voz, contribui para o mistério: seria esse um futuro alternativo em que a batalha de Culloden não existiu e a história da Escócia foi drasticamente alterada?

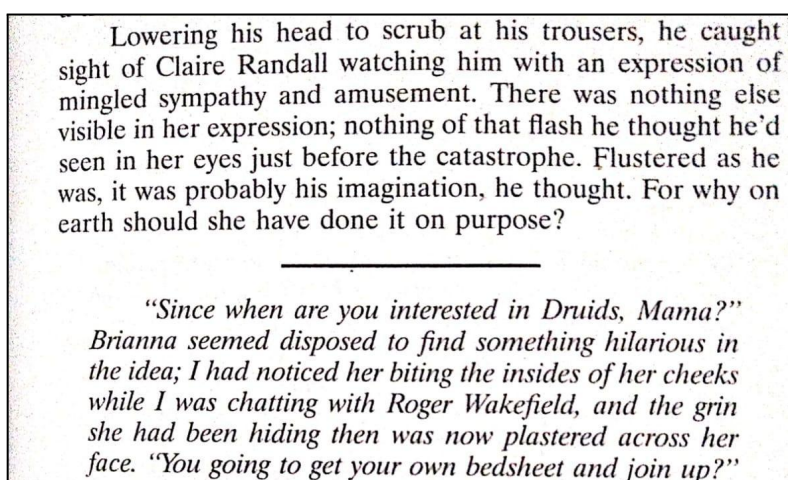
⁶⁵ Do original: “Roger Wakefield stood in the center of the room, feeling surrounded. He thought the feeling largely justified, insofar as he was surrounded: by tables covered with bric-a-brac and mementos” (GABALDON, 2016, p. 3).

⁶⁶ Do original: *The wing chair nearest the windows looked suitable, but as I reached to turn it toward the desk, I discovered that it was already occupied. The inhabitant, a small boy with a shock of glossy black hair, was curled up in the depths of the chair, sound asleep. “Roger!” The vicar, coming to assist me, was as surprised as I. The boy, startled out of sleep, shot bolt upright, wide eyes the color of moss. “Now what are you up to in here, you young scamp?” The vicar was scolding affectionately.* (GABALDON, 2005, p. 29).

⁶⁷ Do original: *The eyes swept up from his size-eleven plimsolls to the face a foot above her. The sidelong smile grew wider. “I hate to start right off with a clichê,” she said, “but my, how you have grown, young Roger!” Roger felt himself flushing. The woman laughed and extended a hand. “You are Roger, aren’t you? My name’s Claire Randall; I was an old friend of the Reverend’s. But I haven’t seen you since you were five years old.”* (GABALDON, 2016, p. 5).

Dessa vez, sabemos os pensamentos e sentimentos de Roger e conseguimos acessar os de Claire somente pela perspectiva dele. Essa mulher, vinte anos mais velha, e também a sua vida, são mistérios para ele bem como para o leitor. Essa nova perspectiva construída por Gabaldon favorece ao nosso acompanhamento da busca de Roger por respostas ao que aconteceu com os homens de Lallybroch e a James, ou seja, ele quer desvendar o enigma com as poucas pistas deixadas por Claire.

FIGURA 5 - ALTERNÂNCIA DE VOZES NARRATIVAS



FONTE: GABALDON, 2005, p. 13

Toda a primeira parte, em 1968, é narrada em terceira pessoa pela perspectiva de Roger, exceto alguns trechos, como o destacado na imagem acima, em que volta para a perspectiva de Claire. Para diferenciar as pequenas intromissões, foi utilizado o recurso de itálico. Claire assume, de vez, a narração autodiegética com ações simultâneas, como vimos em *Outlander*, somente quando decide contar aquilo que Brianna, Roger, e o leitor ainda não sabem: o ocorrido na França e na Escócia de 1744 a 1746.

Portanto, se uma narração em primeira pessoa é limitada, pois sabemos apenas os sentimentos e pensamentos da personagem principal e acessamos os das outras personagens apenas quando elas falam ou por meio do captado por Claire, a terceira pessoa em Roger também é propositalmente limitada para cumprir os objetivos da história: manter o mistério da vinda de Claire para o futuro e o mistério do destino de James na batalha de Culloden. Claire já sabia parte das respostas por ter vivido no passado e uma visão em primeira pessoa não sustentaria o mistério que a visão de Roger sustenta.

Indo além do narrador e retornando à história, problematizar o caráter narrativo do fazer histórico, não pode ser ignorado nessa discussão. O passado não constitui uma verdade

imutável, ele foi construído e pode ser reconstruído, ou seja, damos sentido a ele por meio da linguagem, principalmente, pelas narrativas, sejam elas literárias ou históricas. Desse modo, tanto história quanto literatura são discursos (HUTCHEON, 1991), carregam em si ideologias - crenças, visões de mundo - daqueles que a escreveram. Não existe algo do construto humano sem ideologia, selecionar um tema a ser estudado é ser ideológico, escolher palavras para uma narrativa em detrimento de outras é ser ideológico.

Uma narrativa pós-moderna que se baseia na história, não traz apenas um contexto histórico como ilustrativo de pano de fundo, mas também critica em si a maneira como aquela história foi produzida, exprimindo o caráter inerentemente contraditório desse tipo de gênero. Não só contraditória, mas também irônica, pois o retorno ao passado não é para enaltecer, de maneira nostálgica, mas para subverter, para criticar (HUTCHEON, 1991), assim como ocorre com a tradição de gêneros literários. A história escrita pelos detentores do poder, pelas classes dominantes, pelos vencedores, não será mais consagrada, mas sim questionada, pois agora há o entendimento de que muito da nossa visão do passado foi condicionada pelos historiadores representantes dessas classes.

Há uma tentativa de buscar um outro lado da história, aquilo que foi apagado, ignorado propositalmente, como muitos acontecimentos não elevados ao *status* de fatos históricos por serem considerados irrelevantes. Não é uma negação ao passado, pelo contrário, mas um questionamento de como esse passado chegou até o momento presente: “o referente real de sua linguagem já existiu, mas hoje só nos é acessível em forma textualizada: documentos, relatos de testemunhas oculares, arquivos” (HUTCHEON, 1991, p. 127). As documentações nas quais a história se baseia são tão problemáticas quanto a narrativa histórica, pois, os documentos são apenas um extrato do passado, um recorte, somente aquilo que seus autores almejavam deixar registrado para posteridade. Desse modo, há uma infinidade de acontecimentos perdidos. Segundo Hutcheon (1991),

A metaficção historiográfica nos lembra que, embora os acontecimentos tenham mesmo ocorrido no passado real empírico, nós denominamos e constituímos esses acontecimentos como fatos históricos por meio da seleção e do posicionamento narrativo. E, em termos ainda mais básicos, só conhecemos esses acontecimentos passados por intermédio de seu estabelecimento discursivo, por intermédio de seus vestígios no presente. (HUTCHEON, 1991, p. 131).

Podemos pensar que a Revolta Jacobita já foi extensamente estudada seja por historiadores ingleses ou por historiadores escoceses, cada olhar trazendo novos questionamentos e elucidações sobre esse momento histórico tão impactante para ambas as

nações. Entretanto, tudo foi baseado em fatos históricos (construídos) a partir dos registros sobreviventes. O duque de Cumberland foi extremamente violento e cruel com os perdedores jacobitas, executando a tiros os sobreviventes e queimando os corpos sem verificar se havia pessoas vivas. Muitos foram enterrados em valas coletivas designadas para os clãs sem registrar individualmente quem estava sendo enterrado. Que interesse os ingleses teriam em fazer um registro acurado dos milhares de corpos? Daí vemos o interesse do grupo dominante em queimar e enterrar a história do grupo subjugado. De que interessaria a história do exército rival formado em sua maioria por camponeses?

Era uma lista de nomes, talvez uns trinta, todos homens. No alto da folha, havia um cabeçalho: REVOLUÇÃO JACOBITA, 1745 — CULLODEN.

[...] — O que eu quero descobrir é quantos homens desta lista sobreviveram àquela batalha. Roger esfregou o queixo enquanto lia a lista.

— É uma pergunta simples — disse ele —, mas a resposta pode ser difícil de ser encontrada. A quantidade de homens dos clãs das Terras Altas que seguiam o príncipe Charles mortos no campo de batalha de Culloden foi tão alta que eles não foram enterrados individualmente. Acabaram colocados em sepulturas coletivas, com uma única pedra gravada com o nome do clã como marco. [...]

— Esses são os nomes das esposas, pelo que sei. Achei que isso talvez pudesse ajudar, já que se os maridos tiverem sido mortos em Culloden, provavelmente veríamos essas mulheres se casando de novo ou emigrando para outro lugar mais tarde. Esses registros com toda a certeza devem existir nos livros da paróquia, não? São todos da mesma paróquia. A igreja ficava em Broch Mordha, a uma boa distância ao sul daqui. (GABALDON, 2018, p. 15-16)⁶⁸.

O que a princípio parecera uma tarefa razoavelmente simples de pesquisa histórica, agora estava apresentando algumas reviravoltas certamente muito estranhas. [...] Os registros do exército das Terras Altas, desordenados, para dizer o mínimo, haviam praticamente se desintegrado nos últimos dias da Revolução; afinal, não fazia sentido manter uma folha de pagamentos se não havia como pagar aos homens inscritos. (GABALDON, 2018, p. 26)⁶⁹.

FIGURA 6 - TÚMULO COLETIVO, BATALHA DE CULLODEN

⁶⁸ Do original: *It was a list of names—maybe thirty, all men. At the top of the sheet was a heading: "Jacobite rising, 1745—Culloden" [...] "What I want to find out is—how many of the men on this list survived that battle?" Roger rubbed his chin as he perused the list. "That's a simple question," he said, "but the answer might be hard to find. So many of the Highland clansmen who followed Prince Charles were killed on Culloden Field that they weren't buried individually. They were put into mass graves, with no more than a single stone bearing the clan name as a marker. [...] "These are the names of the wives, so far as I know them. I thought that might help, since if the husbands were killed at Culloden, you'd likely find these women remarrying or emigrating afterward. Those records would surely be in the parish register? They're all from the same parish; the church was in Broch Mordha—it's a good bit south of here." tidily away in the village churchyard, neatly docketed in the* (GABALDON, 2016, p. 8-9).

⁶⁹ Do original: *What had at first seemed a fairly straightforward job of historical research was turning up some odd twists, and no mistake. [...]. The Highland army's record-keeping, haphazard at best, had disintegrated almost completely toward the end; there was little point in keeping a payroll, after all, if you had nothing with which to pay the men on it.* (GABALDON, 2016, p. 20).



FONTE: BBC NEWS, 2019.

Caso um historiador quisesse resgatar teria que primeiramente procurar nos registros do exército jacobita os destacamentos de cada clã em busca de sobreviventes (caso essa documentação tenha sobrevivido ou sequer existido). A partir disso, poderia se supor que aquela pessoa provavelmente lutou em *Culloden*. O segundo passo seria algum registro comprobatório da sua sobrevivência. Caso não o encontrasse, o mais provável era ele ter morrido junto aos seus companheiros no campo de Culloden. Claire sugere procurar pelas possíveis viúvas as quais poderiam ter se casado ou emigrado para as colônias, pois qualquer documento para um historiador pode trazer indícios históricos, um diário com um relato pessoal, um ingresso de uma peça de teatro, um folheto com um menu de um restaurante ou, nesse caso, registros paroquiais e listas de pagamentos dos soldados escoceses.

Ainda assim, o que resta ao presente é escasso e repleto de lacunas, demonstrando a dificuldade da tarefa de Roger em encontrar respostas. O passado necessita de uma interpretação do historiador, o qual junta as peças e dá um significado para os fragmentos e nisso entrará sua visão de mundo. Imaginemos os escoceses sobreviventes no pós-guerra com risco de vida, tentando sobreviver às adversidades causadas por uma nação mais poderosa e tentando reconstruir suas vidas, como registrar seu próprio ponto de vista em meio a tudo isso? Ora, qualquer material jacobita seria um risco de perseguição, pois até quem não era jacobita sofreu consequências nas *Highlands* (saques e vilas queimadas por Cumberland). Relatos orais vão se perdendo com o tempo e, caso não sejam registrados, não conseguiremos distinguir mito da realidade.

Outlander e *Dragonfly in Amber* não retomam a história a fim de enaltecê-la. Pelo contrário, as narrativas fazem uma reavaliação crítica da história (HUTCHEON, 1991). Por meio da protagonista Claire, conhecemos a cultura *highlander* e sabemos que ela terá um fim trágico:

— Jamie, ouça-me! Você precisa me ouvir! [...] É a Conspiração Jacobita. [...] Haverá uma rebelião, Dougal tem razão sobre isso, mas não será vitoriosa. O exército de Charles Edward vai se sair bem por algum tempo, mas tudo terminará num grande **massacre**. Em Culloden, é lá que vai terminar. Os... os clãs...

Mentalmente, via as lápides dos clãs, as pedras cinzas que ficariam espalhadas pelo campo, cada uma ostentando apenas o nome do clã dos homens **massacrados** que jaziam sob ela. [...]

— Os homens das Terras Altas, todos os clãs aliados de Charles, serão **destruídos**. Centenas e centenas morrerão em Culloden; os que sobrarem serão **perseguidos** e assassinados. Os clãs serão massacrados... e não se levantarão mais. Nem em sua época, nem na minha. [...] Jamie, fique fora disso! — supliquei-lhe. — Mantenha sua família fora disso se puder [...]. Não vá para a França — falei, em voz baixa. — Vá para a América, para a Espanha, para a Itália. Mas pelo amor daqueles que o amam, Jamie, não ponha os pés em Culloden. (GABALDON, 2016, p. 524-525, grifo nosso)⁷⁰.

Como abordamos nos capítulos anteriores, Dougal está arrecadando dinheiro para a causa jacobita, um levante irá acontecer como ele almeja, mas não terá sucesso, assim como Colum temia, pois as últimas tentativas nos anos anteriores de tomar o trono foram infrutíferas. Pelo amor a James, Claire o alerta do futuro próximo e lhe implora que se afaste o máximo possível do conflito e vá embora para outro país, pois ele pode ser mais um morto em vão. Notemos as escolhas de palavras para falar sobre esse período histórico - massacre, carnificina, perseguição, centenas de mortos. Destacamos a seguinte fala: fim dos clãs que serão destruídos e não mais se levantarão nem no tempo dele, nem no tempo dela. Essas palavras corroboram a visão crítica desse período histórico. Palavras escolhidas por Gabaldon para dar um tom trágico para o momento histórico, pois não se trata mais de um passado de orgulho. Mesmo Claire sendo inglesa, ela não enxerga qualquer glória na vitória de seus antepassados. Ela retrata de forma crítica, pois aquilo que pode significar uma grande vitória para os ingleses, ao subjugar uma insurreição, foi um massacre para o outro lado. Alguns historiadores defendem a derrota jacobita, pois isso teria levado ao progresso e ao desenvolvimento, mas como discutimos, qual é o custo dessa máquina do progresso? O preço a ser pago pelo progresso, conforme Claire, é o sangue derramado de centenas de mortos.

⁷⁰ Do original: “*Jamie, listen to me! You must!*” [...] “*It’s the Rising,*” [...] *There will be a Rising, Dougal’s right about that, but it won’t succeed. Charlie’s army will do well for a bit, but it will end in slaughter. At Culloden, that’s where it will end. The—the clans ...*” *In my mind’s eye I saw the clanstones, the grey boulders that would lie scattered on the field, each stone bearing the single clan name of the butchered men who lay under it. [...]. “The Highlanders—all the clans that follow Charlie—will be wiped out. Hundreds and hundreds of the clansmen will die at Culloden; those that are left will be hunted and killed. The clans will be crushed ... and they’ll not rise again. Not in your time—not even in mine.”* [...] “*Jamie, stay out of it!*” *I begged him. “Keep your people out of it if you can [...]. “Don’t go to France,” I said, softly. “Go to America, or to Spain, to Italy. But for the sake of the people who love you, Jamie, don’t set foot on Culloden Field.”* (GABALDON, 2005, p. 558-559, grifo nosso).

Ao recuperar as pessoas anônimas de forma ficcional, pessoas que poderiam ter existido, mas não foram documentadas, registradas, nós, leitores, nos afeiçoamos com a cultura *highlander*, assim como Claire: “o Jovem Pretendente iria reivindicar o trono de seu pai. Com ele, viria o **desastre**; **guerra** e **massacres**, a eliminação dos clãs das Terras Altas, o extermínio de tudo que Jamie — e eu — amávamos” (GABALDON, 2016, p. 782, grifo nosso)⁷¹. Charles trará, atravessando o mar, a destruição de tudo que ela e James mais amam. Retratando a vida de pessoas perdidas na história, damos importância para as suas mortes, pois aproximadamente 1.500 pessoas foram mortas pelo exército real, e se tornam pessoas com histórias: Rupert, Angus, Dougal, entre outros. Pais, irmãos, filhos, esposos, de alguém, ou seja, que fazem parte de um clã, uma extensa família, sendo Mackenzie, Fraser, MacDonald, e outras. A narrativa humaniza as personagens, cada qual tinha seus desejos, seus anseios, suas crenças e vidas interrompidas por uma guerra. Compreendemos até mesmo a motivação dos jacobitas de guerrearem contra a Casa Hanover na tentativa de restaurar a Casa Stuart no trono do Reino Unido, pois os Stuarts são uma Casa escocesa e católica enquanto os Hanovers eram protestantes e estrangeiros. Desse modo, poderiam colocar um fim ao subjugo inglês sobre a Escócia, ou seja, os abusos de poder da Coroa, como altas taxações e o número de soldados patrulhando as *highlands* após a construção dos fortes, representados pela perseguição do vilão Jonathan Randall.

Portanto, Claire é o principal elemento pós-moderno da narrativa, não só por ser uma viajante do tempo, mas também pelo fato de reavaliar os acontecimentos e personagens históricos. Claire assume um posicionamento crítico acerca do passado, não há neutralidade de sua parte, diferente do herói de Scott. O fato de Claire ser do futuro e de ter uma noção histórica adquirida pela educação que recebeu, ou seja, daquilo construído ao longo dos séculos, a faz pensar dessa forma, além do contato direto com a cultura *highlander*. Humanizamos o outro e nos colocamos em seu lugar a partir do momento em que podemos conhecê-lo, quebrando qualquer preconceito prévio, como, por exemplo, pensar nos escoceses das *Highlands* como selvagens.

Claramente, precisamos pontuar o quão diferente seria se ela fosse uma mulher do século XVIII, pois, muito provavelmente, ela não teria qualquer participação política. Caso a história fosse retratada apenas nesse período, sem a intromissão da visão do futuro, poderia-se criar uma visão nostálgica representando a coragem dos jacobitas na luta a todo custo por seus

⁷¹ Do original: “*the Young Pretender come to claim his father’s throne. With him would come disaster; war and slaughter, the crushing of the Highland clans, and with them, the butchery of all that Jamie— and I—held dear.*” (GABALDON, 2005, p. 833).

ideais, como aconteceu ao se resgatar as músicas dos bardos dos clãs acerca dos grandes feitos. Contudo, temos ali a consciência de Claire a todo momento falando dos horrores da guerra e de suas consequências, levando-nos à reflexão. Somos seres históricos, desse modo, Claire é fruto de seu tempo histórico, o século XX. Ela cresceu com o tio, um acadêmico que trabalhava em campo viajando pelo mundo, conhecendo diferentes culturas, e atuou como enfermeira em uma das maiores guerras da história. Portanto, Claire sabe os efeitos nocivos das guerras, viu pessoas morrerem em nome de nações e de causas não necessariamente suas. Grandes poderosos fomentadores da guerra não irão para os campos de batalha, estarão por trás das mesas em reuniões dando ordens. Mandarão seus peões, em sua maioria pessoas pobres que lutarão até a morte e serão esquecidas pela história, tratadas apenas como mais um número.

Outra importante característica dos romances pós-modernos na “metaficção historiográfica”, apontada por Hutcheon (1991), é a autorreflexão. O prefixo “meta” nos remete a uma ficção histórica que reflete sobre si mesma e se autocritica. Essa reflexão ocorre no âmbito literário como vimos com a transversalidade dos tipos de textos. Claire é uma mulher subversiva por suas atitudes inesperadas para uma mulher tanto no século XX quanto no século XVIII. Sua subversão ultrapassa as convenções de gênero e vai para a subversão da história. No decorrer das narrativas, Claire traz uma reflexão sobre seu próprio papel na história:

— Se eu soubesse que algum mal seria causado a um grupo de pessoas, deveria me sentir obrigada a tentar evitar isso? [...]

— Em princípio, sim — concordou ele. — Mas iria depender também de inúmeros outros fatores: qual o risco para si mesma e quais são suas outras obrigações? E quais as chances de ser bem-sucedida?

— Não faço a menor ideia. De nada disso. Exceto obrigação, é claro. Quero dizer, há Jamie. Mas ele pertence ao grupo que deverá sofrer reveses. [...] Os dois homens que matei — disse — poderiam, cada um deles, ter tido filhos, se eu não os tivesse matado. Poderiam ter feito... [...] quem sabe o que poderiam ter feito? Eu posso ter afetado o futuro... não, eu realmente afetei o futuro. E não sei de que maneira e isso é o que tanto me assusta. [...]

— Se você tirou a vida, por outro lado também a preservou. Quantos dos doentes de quem tratou teriam morrido sem a sua intervenção? Eles também afetarão o futuro. E se uma das pessoas a quem salvou cometer um ato de extrema crueldade? Seria culpa sua? Deveria, por causa disso, deixar essa pessoa morrer? Claro que não. [...] Você diz que tem medo de realizar uma ação aqui por medo de afetar o futuro. Isso é ilógico. **Todas as ações afetam o futuro.** Se tivesse permanecido em seu próprio lugar e época, suas ações, ainda assim, afetariam o que viesse a acontecer, exatamente como agora. Ainda tem as mesmas responsabilidades que teria lá, que qualquer ser humano tem em qualquer época. A única diferença é que **pode estar em condições de ver**

mais claramente as consequências dos seus atos. E, novamente, talvez não.” (GABALDON, 2016, p. 775-776, grifo nosso)⁷².

A preocupação de Claire era de suas ações no passado levarem a consequências drásticas para o futuro, como matar alguém e quebrar uma linhagem. Entretanto, o Padre Alselm lhe afirma que qualquer ação gera consequências, independente de ser ali no século XVIII ou no século XX, isto é, o futuro é uma incógnita de qualquer forma. Ora, como viver no passado e deixar tudo acontecer sem fazer nada? Ela não pode ser uma mera espectadora, isentar-se, afirmando que esse tempo não lhe pertence, ainda mais sabendo o porvir. A partir de quando ela decidiu viver no passado com James e não voltar para o futuro, o passado tornou-se seu presente. Saber o futuro pode ser um grande fardo e negligenciar também é tomar partido, seria deixar as pessoas com quem conviveu simplesmente morrerem. O propósito que ela encontra para sua presença naquele tempo é se arriscar e tentar mudar o passado.

Geillis Duncan também voltou no tempo pelo círculo de pedras, mas seu objetivo era alterá-lo a favor dos escoceses. Casou-se com Arthur Duncan, procurador de Cranesmuir, para desviar dinheiro para a causa jacobita, e era amante de Dougal Mackenzie, irmão do chefe do clã, devido a seu poder e influência:

— Era Dougal que você queria ou apenas sua posição e dinheiro?
 — Ah, eu tinha bastante dinheiro — disse ela, com um tom de satisfação. [...] — Mas, para quê? — perguntei, completamente perplexa.
 — Pela Escócia. [...]
 — O que quer dizer com Escócia? [...]
 — Sou uma patriota. [...].
 — Uma jacobita — falei. — Santo Deus, você é uma maldita jacobita! E era. O que explicava muita coisa. Por que Dougal, geralmente o espelho das opiniões do irmão, envolvera-se na iniciativa de levantar fundos para a Casa dos Stuart. E por que Geillis Duncan, tão bem dotada para levar qualquer homem que quisesse ao altar, havia escolhido dois espécimes tão diferentes quanto Arthur Duncan e Dougal MacKenzie. Um pelo dinheiro e posição, o outro por seu poder de influência na opinião pública.

⁷² Do original: “If I knew that some harm was going to occur to a group of people, should I feel obliged to try to avert it?” [...] “In principle, yes,” he agreed. “But it would depend also upon a number of other things—what is the risk to yourself, and what are your other obligations? Also what is the chance of your success?” “I haven’t the faintest idea. Of any of those things. Except obligation, of course—I mean, there’s Jamie. But he’s one of the group who might be hurt.” [...] “The two men I killed,” I said, “either of them might have had children, if I hadn’t killed them. They might have done [...] who knows what they might have done? I may have affected the future ... no, I have affected the future. And I don’t know how, and that’s what frightens me so much.” [...] “If you have taken life, you have also preserved it. How many of the sick you have treated would have died without your intervention? They also will affect the future. What if a person you have saved should commit an act of great evil? Is that your fault? Should you on that account have let that person die? Of course not.” [...] “You say that you are afraid to take any actions here for fear of affecting the future. This is illogical, Madame. **Everyone’s actions affect the future.** Had you remained in your own place, your actions would still have affected what was to happen, no less than they will now. You have still the same responsibilities that you would have had then—that any man has at any time. The only difference is that **you may be in a position to see more exactly what affects your actions have—and then again, you may not.**” (GABALDON, 2005, p. 825-826).

— Colum teria sido melhor — continuou ela. — Uma pena. Seu infortúnio é o meu também. Era a ele que eu deveria ter me unido. [...]
 — Então, você ficou com Dougal em vez disso. [...]
 — [...] Consegui fazer muito no tempo que tive; dez mil libras desviadas para a França e a região que apoia o príncipe Charles. Quando houver a Revolução, saberei que dei minha contribuição. Se eu viver até lá. (GABALDON, 2016, p. 490-492)⁷³.

Ambas são viajantes do tempo, Claire voltou por acidente, enquanto Geillis tinha um objetivo. Assim como Randall e James representam seus países, Claire e Geillis também são representantes de suas nações. Uma é escocesa por nascimento, enquanto a outra, nascida inglesa, tornou-se escocesa por casamento. A nativa entende que a história da Escócia poderia ter sido diferente se Charles tivesse ganhado, o país poderia prosperar sem o subjugo inglês. Nacionalista, desejava a independência escocesa. Claire, por outro lado, quer proteger os escoceses, não pensa na questão política de libertação, os Hanover continuariam no poder, mas ao menos os homens dos clãs estariam vivos. Para Geillis, a verdadeira liberdade e mudança na história seria com a queda dos Hanover.

Claire também reflete sobre o papel dos historiadores e dos artistas ao retratarem a história:

— Imagino que você deva sentir uma certa amargura em relação aos historiadores. [...]
 — Não os historiadores. Não, eles não. Seu maior crime é que eles acham que sabem o que aconteceu, como os fatos se sucederam, quando tudo que têm é o que o passado escolheu deixar. A maioria deles acha o que foram condicionados para acreditar e é raro encontrar um historiador que veja o que realmente aconteceu por trás da cortina de fumaça de artefatos e documentos [...]. Não, a culpa é dos artistas — continuou Claire. — Os escritores, os cantores, os contadores de histórias. São eles que tomam o passado e o recriam a seu gosto. São eles que podem pegar um tolo e o devolver como um herói, pegar um beerrão e torná-lo um rei. (GABALDON, 2018, p. 840-841)⁷⁴.

⁷³ Do original: *“Was it Dougal you wanted, or only his position and money?” “Oh, I had plenty of money,” she said, with a note of satisfaction. [...] “But what for?” [...] “For Scotland.” [...] “What do you mean, Scotland?” [...] “I’m a patriot.” [...] “A Jacobite,” I said. “Holy Christ, you’re a bloody Jacobite!” She was. And that explained quite a bit. Why Dougal, generally the mirror of his brother’s opinions, should have shown such initiative in raising money for the House of Stuart. And why Geillis Duncan, so well equipped to lead any man she wanted to the altar, had chosen two such dissimilar specimens as Arthur Duncan and Dougal MacKenzie. The one for his money and position, the other for his power to influence public opinion. “Colum would have been better,” [...] “So you took Dougal, instead.” [...] I’ve managed a good deal in the time I had; ten thousand pounds diverted to France, and the district roused for Prince Charles. Come the Rising, I shall know I helped. If I live so long.” (GABALDON, 2005, p. 523-524).*

⁷⁴ Do original: *“I suppose you must feel some bitterness against the historians” [...] “Not the historians. No, not them. Their greatest crime is that they presume to know what happened, how things come about, when they have only what the past chose to leave behind—for the most part, they think what they were meant to think, and it’s a rare one that sees what really happened, behind the smokescreen of artifacts and paper.” [...] “No, the fault lies with the artists,” Claire went on. “The writers, the singers, the tellers of tales. It’s them that take the past and recreate it to their liking. Them that could take a fool and give you back a hero, take a sot and make him a king.” (GABALDON, 2016, p. 907).*

Como aponta Hutcheon (1991), a protagonista destaca que o passado é significado pelos vestígios deixados e os historiadores nem sempre enxergam o acontecido de fato, são cheios de presunção de verdade baseados em artefatos e papéis escritos por pessoas cuja intenção talvez fosse fazer as futuras gerações acreditarem em uma determinada perspectiva. Lembremos Carr (1982) a respeito da visão construída do homem na Idade Média, segundo a qual os documentos indicam que todos eram religiosos.

Além disso, o mais interessante nesse trecho destacado, é a metaficção, ou seja, a literatura sendo abordada dentro da própria literatura. Uma personagem literária refletindo que o literário também tem seu papel na história em construir heróis. Desse modo, o tema principal da narrativa “E se mudássemos o passado?” também é metaficcional. Claire tenta mudá-lo concretamente. Entretanto, o passado é constantemente alterado pelos historiadores ou pelos escritores. Gabaldon é uma das autoras que propõe uma ressignificação para a história ao trazer o movimento jacobita e a cultura *highlander*. Há registros sobre essa cultura, mas não pelo ponto de vista dos *highlanders* como se eles contassem sua própria história tendo Claire como testemunha ocular.

Segundo Hutcheon (1991), a arte pós-moderna também contesta veementemente a separação entre história e literatura, pois há muitas semelhanças entre as duas áreas. Literatura e história estão em um entre lugar de ficção e realidade, são paradoxais. A começar pelo fato de serem construções linguísticas que utilizam narrativas e a busca pela verossimilhança em seus escritos. A distinção tradicional de o historiador escrever apenas sobre o real, os acontecimentos, enquanto caberia ao escritor literário trabalhar somente com o campo das possibilidades, como vimos, não se sustenta. Cada vez mais tem se trazido acontecimentos e personagens históricos para o centro das narrativas em um entrelaçamento do real com o ficcional. Desse modo, não há uma única verdade absoluta, e a “metaficção historiográfica” apontará múltiplas verdades, tanto para a história quanto para a ficção. Temos, na realidade, diferentes pontos de vista de um mesmo dado, e a interpretação que tirarmos dele será pela forma na qual ele foi construído narrativamente: “a ficção pós-moderna sugere que reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é - em ambos os casos - revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo” (HUTCHEON, 1991, p. 147). Ao retornarmos ao passado de maneira crítica, impedimos o estabelecimento de uma única verdade sobre os acontecimentos, obtemos novas interpretações, levando em consideração a maneira como a história foi escrita e o que foi, de propósito, deixado de lado. Desse modo, podemos resgatar a história pelo ponto de vista das mulheres, dos indígenas, dos negros, dos perdedores, entre outros.

O conhecimento de história, por um lado, mantém Claire viva na Escócia do século XVIII. Entretanto, pelo fato do passado ser lacunar e construído por meio de vestígios, em certos momentos, ela não sabe o suficiente para se manter segura ou não sabe que escolha tomar em seguida para alterar os acontecimentos e evitar a Batalha de Culloden:

[...] era 17 de setembro, e se meu conhecimento superficial da história jacobita estivesse correto, seria mesmo uma guerra, dentro de poucos dias. — Conte-me de novo, Sassenach — dissera Jamie, pela duodécima vez, enquanto avançávamos pelas trilhas sinuosas e estradas poeirentas [...]

— Já lhe disse, eu não sei muita coisa — repeti. — Havia muito pouco escrito sobre isso nos livros de história e, na época, eu não prestei muita atenção. Tudo que posso lhe dizer é que a batalha foi travada... hã, será travada... perto da cidade de Preston. Por isso é chamada de Batalha de Prestonpans [...].

— Sim. E?

Franzi o cenho, tentando me lembrar do menor resquício de informação. Eu podia conjurar a imagem mental de um exemplar marrom, pequeno e enxovalhado, do livro História da Inglaterra para crianças [...]. Folheando mentalmente o livro, só conseguia me lembrar da seção de duas páginas, que era tudo que o autor achara adequado consagrar ao segundo levante jacobita, conhecido pelos historiadores como a Rebelião de 45. E nessa seção de duas páginas havia um único parágrafo que tratava da batalha que estávamos prestes a travar.

— Os escoceses vencem — disse prestativamente.

— Bem, esse é o ponto mais importante — concordou ele, um pouco sarcástico —, mas seria bom saber mais um pouco.

— Se queria uma profecia, devia ter arranjado um adivinho — retruquei, arrependendo-me em seguida. — Desculpe-me. É só que eu não sei quase nada e isso é muito frustrante. (GABALDON, 2018, p. 559-560)⁷⁵.

Claire nunca pensou em, um dia, vivenciar o passado e sentir na pele o quanto a falta de detalhes nos livros de história poderia ser perigosa. Mesmo um historiador vivenciando o passado não saberia o suficiente, quanto mais ela que nunca pensou a respeito de esse conhecimento ser útil para salvar sua própria vida e a de seus amigos. Desse modo, Claire desconhecia que um morador da região ajudaria os jacobitas indicando um caminho pelo pântano para eles poderem atacar o exército real ao amanhecer. Quando o morador a procura,

⁷⁵ Do original: *It was the seventeenth of September, and if my sketchy knowledge of Jacobite history was correct, war it would be, in a matter of days. "Tell it to me again, Sassenach," Jamie had said, for the dozenth time, as we made our way along the winding trail and dirt roads. [...] "I told you before, I don't know that much," I said. "There was very little written about it in the history books, and I didn't pay a great deal of attention at the time. All I can tell you is that the battle was fought—er, will be fought—near the town of Preston, and so it's called the Battle of Prestonpans [...] "Aye. And?" I furrowed my brow, trying to recall every last scrap of information. I could conjure a mental picture of the small, tattered brown copy of A Child's History of England [...] Mentally flicking the pages, I could just recall the two-page section that was all the author had seen fit to devote to the second Jacobite Rising, known to historians as "the '45." And within that two-page section, the single paragraph dealing with the battle we were about to fight. "The Scots win," I said helpfully. "Well, that's the important point," he agreed, a bit sarcastically, "but it would be a bit of help to know a little more." "If you wanted prophecy, you should have gotten a seer," I snapped, then relented. "I'm sorry. It's only that I don't know much, and it's very frustrating. (GABALDON, 2016, p. 603-604).*

ela reflete sobre quais consequências essa ajuda traria, pois poderia impedir a vitória dos jacobitas e colocar a vida de James em risco:

Senti um vazio na boca do estômago diante daquelas palavras. Se os soldados das Terras Altas fossem partir para o ataque com o nascer do sol no dia seguinte, teriam que deixar a região alta da serra durante a vigília noturna. E se um ataque quisesse ser bem-sucedido, obviamente essa vala tinha que ser atravessada ou contornada. Embora eu achasse que sabia o que estava para acontecer, não tinha absolutamente nenhuma certeza a respeito. **Eu fora casada com um historiador** — senti a leve pontada que me atingia sempre que me lembrava de Frank — **e sabia o quanto as fontes históricas em geral eram pouco confiáveis**. Na verdade, eu não tinha nenhuma certeza de que minha presença poderia ou iria mudar alguma coisa. Por um instante, perguntei-me ansiosamente o que poderia acontecer se eu tentasse impedir que Richard Anderson conversasse com lorde George. O resultado da batalha do dia seguinte seria alterado? O exército das Terras Altas — inclusive Jamie e seus homens — seria massacrado conforme se arremessassem pela encosta abaixo sobre o terreno pantanoso e para dentro de uma vala? Lorde George apresentaria outro plano que funcionaria? Ou Richard Anderson simplesmente sairia e encontraria por conta própria um meio de falar com o próprio lorde George, independentemente do que eu fizesse? (GABALDON, 2018, p. 592, grifo nosso)⁷⁶.

Como nem sempre as fontes históricas são confiáveis, viver o passado é tão imprevisível quanto viver o presente. Ela sabe o resultado, mas não sabe o caminho que a história percorrerá até chegar a esse resultado e se deveria ou não contribuir para alterá-lo. Em outras palavras, poderia somente tomar atitudes ao seu alcance, como por exemplo, orientar Jenny a plantar batatas em sua fazenda:

— Jamie disse — prosseguiu ela cautelosamente — que talvez você pudesse... me contar coisas às vezes. E disse que se você o fizesse, eu deveria seguir suas palavras. Há... alguma coisa que queira me dizer? [...]
 — Plante batatas — disse. A boca de Jenny se entreabriu. Em seguida ela firmou o maxilar e meneou a cabeça energicamente. [...]
 — O máximo que puder. Não são cultivadas nas Terras Altas agora, mas serão. É um cultivo de raiz que pode ser guardado por bastante tempo e o rendimento é melhor do que o do trigo. Plante todo o terreno que puder com produtos que podem ser armazenados. Haverá fome, muita fome, dentro de dois anos. Se tiver terras ou propriedades que não são produtivas agora, venda-as por ouro. Haverá uma guerra e um massacre. Os homens serão perseguidos, aqui e em toda a região das Terras Altas. [...] construa um lugar seguro para se esconderem. Espero que Jamie não precise dele

⁷⁶ Do original: *I felt a hollowing of the stomach at these words. If the Highlanders were to charge out of the rising sun next morning, they would have to leave the high ground of the ridge during the night watches. And if a charge was to be successful, plainly that ditch must be crossed or bypassed. While I thought I knew what was to come, I had no certainty at all about it. I had been married to an historian—and the usual faint stab came at the thought of Frank—and knew just how unreliable historical sources often were. For that matter, I had no surety that my own presence couldn't or wouldn't change anything. For the space of a moment, I wondered wildly what might happen if I tried to keep Richard Anderson from speaking to Lord George. Would the outcome of tomorrow's battle be changed? Would the Highland army—including Jamie and his men—be slaughtered as they ran downhill over boggy ground and into a ditch? Would Lord George come up with another plan that would work? Or would Richard Anderson merely go off on his own and find a way of speaking to Lord George himself, regardless of what I did?* (GABALDON, 2016, p. 637-638, grifo nosso).

— engoli em seco diante do pensamento —, mas alguém pode precisar. (GABALDON, 2016, p. 630-631)⁷⁷.

Batatas somente começaram a ser plantadas nas Terras Altas após Culloden, trigo e cevada eram principais plantios antes da batalha. O início do cultivo de batata irá salvar as famílias *highlanders* da fome. Compartilhando o futuro próximo com Jenny, Claire tenta deixar sua nova família segura caso falhem na missão. Eles terão comida o suficiente para se manterem bem quando as consequências nefastas da guerra atingirem as *Highlands*, além de um lugar para esconderem alguém, se necessário, da perseguição e repressão do Governo real. Claire não tinha certeza se suas ações no passado seriam significativas para alterá-lo. Entretanto, as pequenas ações, como salvar a vida de alguém no campo de batalha ou pedir para sua cunhada plantar batatas, fazem toda a diferença. Feitos, ditos menores, não entrarão para a história como grandes atos; contudo, as pequenas ações das pessoas comuns podem mudar a história daqueles ao seu entorno. Outro momento de decisão que fez diferença foi a consulta de Colum a Claire. Colum pergunta se deveria entrar na guerra ao lado de Charles. Um clã com muitos homens, como o Mackenzie, poderia levá-los a uma vitória, mas, a protagonista refletiu que mais vidas estariam em risco por uma causa já perdida. Mesmo que pudessem ganhar, ela prefere manter os homens de Colum seguros, abrindo mão da ajuda.

Apesar de ser casada com um historiador do período jacobita, por muitos momentos, ela não se interessou em conhecer a fundo esse período, em participar das conversas de Frank, pois nunca pensou que iria precisar de fato desse conhecimento. Em suas pesquisas, Frank desconfiava que Jonathan Randall tinha um patrono o qual acobertava suas ações e essa pessoa poderia ser o duque de Sandringham. O objetivo do duque era saber quais clãs tinham inclinações jacobitas. Na seguinte cena, estando em perigo, Claire tenta utilizar as poucas informações sabidas acerca de Jonathan Randall para salvar-se:

Chegara a hora da minha cartada. Agora ou nunca. Ergui minha própria xícara.
— Como quiser — disse calmamente. — O que acha que o duque de Sandringham dirá a respeito?
Entornou o chá quente no colo de pele de veado e emitiu vários ruídos muito gratificantes. [...]
— Não, não é possível.

⁷⁷ Do original: “*Jamie said, she said carefully, “that ye might ... tell me things sometimes. And he said that if ye did, I was to do as ye said. Is there ... anything ye wish to tell me?” [...] “Plant potatoes,” [...] “As many as you can. They’re not planted in the Highlands now, but they will be. They’re a root crop that will keep for a long time, and the yield is better than wheat. Put as much ground as you can into crops that can be stored. There’s going to be a famine, a bad one, in two years. If there’s land or property that’s not productive now, sell it, for gold. There’s going to be war, and slaughter. Men will be hunted, here and everywhere through the Highlands.” [...] “Make [...] some safe place to hide. I hope Jamie won’t need it,” I swallowed hard at the thought, “but someone may.”* (GABALDON, 2005, p. 671-672).

— Por que não? — perguntei, fingindo valentia, imaginando o que não seria possível.
 — Teriam me informado. E se você estivesse trabalhando para Sandringham, por que diabos agiria de maneira tão ridícula?
 — Talvez o duque esteja testando a sua lealdade — sugeri aleatoriamente [...].
 (GABALDON, 2016, p. 352-353)⁷⁸.

Claire não sabia quase nada sobre Sandringham, algo que Randall percebe facilmente. Foi apenas uma má sucedida tática utilizada para tentar se proteger do vilão. Frank desconfiava também de Sandringham ser jacobita de fato. Por falta de provas históricas, ele não conseguiu chegar a uma conclusão, muito menos Claire ao confrontar Sandringham frente a frente:

Sandringham não me parecia um partidário entusiasmado da monarquia Stuart. [...] E por que esperar tanto para dar apoio quando Charles precisava tão desesperadamente de dinheiro agora — na verdade, desde sua chegada à Escócia? Eu só conseguia imaginar duas razões plausíveis para o comportamento do duque [...]. Ele podia de fato ser um jacobita, disposto a patrocinar um intragável rei católico em compensação pelos benefícios futuros que ele pudesse antever como principal patrocinador da monarquia Stuart. [...] Ele poderia querer esperar até que Charles chegasse à Inglaterra, a fim de que o dinheiro não fosse desperdiçado antes do ataque crucial, definitivo, do exército das Terras Altas a Londres. [...] Ou ele pode ter desejado se assegurar de que os Stuart de fato possuíam algum suporte substancial à sua causa antes de se envolver financeiramente; [...]. Por outro lado, eu podia ver uma razão muito mais sinistra para as condições da oferta do duque. Condicionar seu apoio ao exército jacobita à chegada ao solo inglês assegurava que Charles iria continuar lutando contra a crescente oposição de seus próprios líderes [...]. Se o duque podia esperar benefícios dos Stuart pela ajuda em restaurá-los, o que poderia esperar dos Hanover, em troca de atrair Charles Stuart até colocá-lo ao alcance deles — e trair a ele e seus seguidores entregando-os nas mãos do exército inglês? **A história não conseguiu dizer quais eram as verdadeiras inclinações do duque.** (GABALDON, 2018, p. 777-778, grifo nosso)⁷⁹.

⁷⁸ Do original: *The time to play my card had arrived. Now or never. I raised my own cup. “Just as you like,” I said calmly. “What do you suppose the Duke of Sandringham will have to say about it?” He upset the hot tea on his doekin lap and made several very gratifying noises. [...] “No, it isn’t possible.” “Why not?” I asked, affecting nonchalance, wondering what wasn’t possible. “I would have been told. And if you were working for Sandringham, why the devil would you act in such a damned ridiculous manner?” “Perhaps the Duke is testing your loyalty,” I suggested at random [...].* (GABALDON, 2005, p. 376-377).

⁷⁹ Do original: *Still, Sandringham hardly struck me as an enthusiastic supporter of the Stuart monarchy. [...] And why wait so long to provide support, when Charles was in desperate need of money now—and had been, in fact, ever since his arrival in Scotland? I could think of two conceivable reasons for the Duke’s behavior[...]. He could in fact be a Jacobite, willing to countenance an unpalatable Catholic king in return for the future benefits he might anticipate as chief backer of the restored Stuart monarchy. [...] He might wish to wait until Charles reached England, in order that the money not be wasted before the Highland army’s final, crucial push to London. [...] Or, for that matter, he might have wished to ensure that the Stuarts did in fact have some substantial backing for their cause before becoming financially involved himself [...] Contrariwise, I could see a much more sinister reason for the conditions of the Duke’s offer: Making support conditional on the Jacobite army reaching English soil ensured that Charles would struggle on against the increasing opposition of his own leaders [...] If the Duke could expect benefits from the Stuarts for help in restoring them, what might he expect from the Hanovers, in return for luring Charles Stuart within their reach—and betraying him and his followers into the hands of the English army? History had not been able to say what the Duke’s true leanings had been.* (GABALDON, 2016, p. 839-840).

Portanto, a característica lacunar da história é retratada tanto com acontecimentos reais da história que Claire vivencia, como ao falar com o morador da região pantanosa e as batalhas do levante jacobita, quanto por meio das lacunas criadas ficcionalmente, com a história de vida de Randall e seu benfeitor, ambos envolvidos na trama jacobita. As verdadeiras intenções do duque, de que lado ele realmente estava em seu jogo duplo, morreram com ele.

A preocupação de Claire acerca dos efeitos de seus atos para o futuro se estende também em relação à vida de Frank. Jonathan Randall torturou e estuprou James no final de *Outlander*. Não fosse Claire, ele teria sido morto. Ao encontrar seu algoz em Paris, James deseja vingança:

— Jamie! Pelo amor de Deus, Jamie, ouça-me! Você não pode matar Jack Randall porque eu não vou deixar!
Olhou-me fixamente, com absoluta perplexidade.
— Por causa de Frank — expliquei. Soltei sua manga e recuei um passo.
— Frank — repetiu ele, balançando a cabeça ligeiramente como se quisesse clarear os ouvidos de um zumbido. — Frank
— Sim — disse. — Se matar Jack Randall agora, então Frank... ele não existirá. Ele não nascerá. Jamie, não pode matar um homem inocente! [...]
— Por Deus, Claire! Você tentaria me impedir de realizar minha vingança contra o homem que me fez de prostituta para ele? Que me forçou a ficar de joelhos e me obrigou a chupar seu pênis sujo do meu próprio sangue? Meu Deus, Claire! [...]
— Por favor, Jamie! Espere só um ano! O filho de Randall será concebido em dezembro. Depois disso, não tem mais importância. Mas, por favor, por mim, Jamie, espere até lá! (GABALDON, 2018, p. 360)⁸⁰.

O medo de Claire é que ao matar Jonathan, como consequência, Frank deixe de existir. Todo gênero de viagem no tempo traz um paradoxo das consequências causadas para o futuro pelo viajante e *Outlander* não foge à regra. Por isso, Claire sempre reflete sobre o peso de suas ações. A preocupação era sobre a existência de Frank, mas, como leitores, estendemos o paradoxo para a própria vida dela e para a viagem no tempo em si. Se Frank não existisse, Claire não se casaria com ele e, conseqüentemente, ela não voltaria no tempo, pois o motivo para visitar a Escócia é retomar a lua de mel e a pesquisa do historiador. O ciclo se quebraria, pois se ela não voltar no tempo, ela não conhecerá James e não viverá esse amor e todo o

⁸⁰ Do original: "*Jamie! For God's sake, Jamie, listen to me! You can't kill Jack Randall because I won't let you!*" *He stared down at me in utter astonishment. "Because of Frank," I said. I let go of his sleeve and stepped back. "Frank," he repeated, shaking his head slightly as though to clear a buzzing in his ears. "Frank." "Yes," I said. "If you kill Jack Randall now, then Frank ... he won't exist. He won't be born. Jamie, you can't kill an innocent man!" [...] "Jesus God, Claire! You'd try to stop me taking my vengeance on the man who made me play whore to him? Who forced me to my knees and made me suck his cock, smeared with my own blood? Christ, Claire!" [...] "Please, Jamie! Wait, just for a year! The child — Randall's — it will be conceived next December. After that, it won't matter. But please—for my sake, Jamie—wait that long!"* (GABALDON, 2016, p. 385-386).

conflito de tentar mudar o passado. A morte de Frank poderia significar o apagamento de toda a sua história até aquele momento.

Lidar com o tempo é uma empreitada bastante perigosa. Claire não esperava que Mary Hawkins (antepassada de Frank) não estivesse grávida de Jonathan Randall, mas do irmão dele Alexander Randall, morto quando era jovem devido à saúde debilitada. Para ampará-la financeiramente, Jonathan assume o filho do irmão casando-se com Mary. Frank confiava, de forma plena, nos registros históricos e, para ele, Jonathan era seu antepassado direto, mas, na verdade, era Alexander, algo não registrado, pois implicaria na perda do sustento de Mary. Portanto, até mesmo os documentos oficiais podem ser enganosos.

As narrativas trazem figuras históricas interagindo com personagens ficcionais, conforme quadro abaixo:

QUADRO 1 - Personagens de *Outlander* e *Dragonfly in Amber*

Personagens ficcionais	Personagens históricos
Claire Beauchamp	Charles Edward Stuart
James Fraser	Louis XV, da França
Frank Randall	Marie Louise de La Tour de Rohan
Jonathan Randall	Simon Fraser - Lord Lovat
Geillis Duncan	Madre Hildegarde
Duque de Sandringham	Joseph Paris Duverney
Dougal Mackenzie	John Cope
Colum Mackenzie	Lord George Murray
Rupert Mackenzie	Lord Kilmarnock
Angus Mackenzie	Alexander MacDonald, de Keppoch
Jenny Fraser	Donald Cameron, de Lochiel
Ian Murray	John O'Sullivan
Mary Hawkins	Lord Balmerino
Alexander Randall	
Roger Mackenzie	
Brianna Randall	

FONTE: Elaborado pelo autor.

Podemos compreender que as personagens ficcionais se entrelaçam com os fatos históricos, amarrando-os. A narrativa literária preenche as lacunas deixadas pela história oficial. A partir desse pensamento, poderia ter existido, por exemplo, algum Dougal, do clã Mackenzie, mas que não teve registro, conforme abordamos. Com base nas características de um *highlander*, pertencente a um clã e de orientação política jacobita, Gabaldon imagina e constrói como seria esse homem do século XVIII. A liberdade narrativa permite inclusive adicionar uma personagem histórica de outro tempo, a Madre Hildegarde, que, na realidade, viveu no século XII, mas foi inserida na trama de Paris como administradora do *Hôpital des Anges*.

Para Hutcheon (1991), no romance histórico clássico, para legitimar a narrativa, dar-lhe um caráter de verossimilhança, de retratar o real, inseria-se as personagens históricas como mero acessório. Elas não eram os heróis das narrativas, não tinham grande importância, apenas surgiam como necessidade de resolução dos conflitos, ou seja, eram forjadas pelo momento, não tinham nada de especial que lhes conferissem o estatuto heróico. Em *Outlander*, ao promover uma reavaliação crítica da história, as personagens históricas também são secundárias, mero coadjuvantes, mas o objetivo não é conferir realidade em meio à ficção, mas levantar questionamentos, principalmente da forma como o heroísmo dessas personagens foi construído. Há uma subversão das personagens históricas, como o primeiro contato que James tem com o rei Luís XV:

— E como foi o lever do rei? [...]
 — Interessante, Sassenach — disse ele, em resposta à minha pergunta —, ao menos na primeira hora ou um pouco mais. [...] Encerradas as apresentações, os ajudantes do ritual monárquico diário, cerimoniosamente assistidos pelos principais nobres da corte, passaram à toailete do rei. [...]
 — Ah, é? E você foi honrado com a permissão de ajudar Sua Majestade a assoar o nariz? — perguntei. [...]
 — Não, graças a Deus. Afastei-me sorratamente para perto do armário, tentando parecer parte da mobília [...]
 — Bem, ao menos pôde ver tudo com a sua altura?
 — Ah, sim. Isso eu fiz, até quando ele sentou-se na sua chaise percée.
 — Ele fez realmente isso? Diante de todo mundo? [...]
 — Ah, sim, e todo mundo se comportando exatamente como fizeram quando ele lavou o rosto e assoou o nariz. O duque de Neve teve a inacreditável honra — acrescentou ele com ironia — de limpar o traseiro de Sua Majestade. Não notei o que o duque fez com a toalha; levou-a para fora e mandou recobrir de ouro, sem dúvida. [...] (GABALDON, 2018, p. 136-138)⁸¹.

⁸¹ Do original: "And how was the King's lever?" [...] "Interesting, Sassenach," he said, in answer to my question, "at least for the first hour or so." [...] Introductions complete, the gentlemen of the bedchamber, ceremoniously assisted by the chief nobles, had then proceeded to make the King's toilette. [...] "Oh? And were you honored by being allowed to blow His Majesty's nose for him?" I asked. [...] "No, thank God. I skulked about against the wardrobe, [...] "Well, at least you were tall enough to see everything?" "Oh, aye. That I did, even when he eased

A primeira cena pela qual somos apresentados à grandiosa figura histórica do rei Luís XV foi no *lever* real, ou seja, cerimônia matinal de *toilette* que alguns convidados têm o privilégio de presenciar. James e Claire ironizam tal tradição pela qual necessidades básicas como assoar o nariz ou defecar são feitas na frente de outras pessoas. Seria uma honra para alguns limpar as nádegas reais, pois tratavam um mero homem como se fosse um deus. O rebaixamento de Luís não se limita a essa cena. Quando James é preso e enviado para Bastilha por duelar contra Jonathan Randall, Claire busca ajuda do rei para libertar seu marido. Em troca, Luís a obriga a ter relações sexuais com ele:

— Fui ver o rei...
 — Eu sei! — Sua mão apertou a minha com força, e pelo som de sua respiração eu sabia que seus dentes estavam cerrados.
 — Mas Jamie... quando eu fui...
 — Cristo! — disse ele, endireitando-se subitamente e virando o rosto para mim. — Você não sabe o que eu... Claire. — Fechou os olhos por um instante e respirou fundo.
 — Cavalguei até Orvieto, vendo a cena; vendo as mãos dele na sua pele branca, os lábios em seu pescoço, seu... seu pênis... eu vi isso no lever... vi aquela coisa imunda, maldita, deslizando... Meu Deus, Claire! (GABALDON, 2018, p. 471)⁸².

Com esses exemplos, questionamo-nos sobre as personagens históricas sendo retratadas muitas vezes de formas honrosas, acima de outras pessoas, escondendo seus defeitos e falhas. O encontro das protagonistas com a figura histórica central da Revolta Jacobita de 1745, Charles Edward Stuart, o Jovem Pretendente, também ocorreu em Paris. A intenção inicial deles era a infiltração na Corte jacobita em Roma. James foi recomendado ao rei além-mar como tradutor pelo seu tio jacobita, o abade Alexander Fraser. Os planos mudam de direção quando recebem a notícia de que Charles já havia partido para a França em busca de apoio de Luís XV. James melhor serviria seu rei se estivesse à disposição de seu filho em Paris. Uma mudança inesperada, mas com significativas vantagens para os protagonistas, pois, dessa forma, poderiam acompanhar de perto os passos de Charles. Mudar o passado

himself on his chaise percée . " "He really did that? In front of everyone?" [...] "Oh, aye, and everyone behaving just as they did when he washed his face and blew his nose. The Duc de Neve had the unspeakable honor," he added ironically, "of wiping His Majesty's arse for him. I didn't notice what they did with the towel; took it out and had it gilded, no doubt. (GABALDON, 2016, p. 140-142).

⁸² Do original: "I went to see the King..." "I know!" His hand tightened on mine, and from the sound of his breathing, I could tell that his teeth were clenched together. "But Jamie... when I went..." "Christ!" he said, and sat up suddenly, turning to face me. "Do ye not know what I... Claire." He closed his eyes briefly, and took a deep breath. "I rode all the way to Orvieto, seeing it; seeing his hands on the white of your skin, his lips on your neck, his—his cock—I saw it at the lever—I saw the damn filthy, stubby thing sliding up... God, Claire! (GABALDON, 2016, p. 505).

parece algo abstrato, pois como executar mudanças em meio a incerteza da história e falta de detalhes cruciais. Além de se apresentarem como amigos fiéis jacobitas de um lado, do outro, James encontra um meio para sabotar a revolta - dinheiro: “As rebeliões, como a maioria das propostas de negócios, exigem algum capital.” (GABALDON, 2016, p. 201)⁸³.

Eles acreditavam que sem dinheiro suficiente e apoio, Charles desistiria de sua empreitada. Uma guerra demanda muito capital investido e apoios políticos para sustentar seus dispêndios. Desse modo, James se aproxima dos possíveis investidores de Charles, como o ministro da França, Monsieur Duverney, para aconselhar-lhes a não usarem seu dinheiro em uma causa perdida, pois Charles não teria apoio algum na Escócia.

Desse modo, eles não contavam que o Jovem Pretendente embarcaria de qualquer forma, arriscando-se em uma missão suicida, com ou sem dinheiro suficiente, confiando na lealdade dos clãs seguidores de seus pais e acreditando na obtenção de apoio dos jacobitas ingleses. Suas ações que poderiam ser vistas como heróicas, pois demandavam bravura em lutar pelo trono o qual deveria ser de sua família, na verdade, são veementemente criticadas por Claire. Seu heroísmo é subvertido em teimosia, excesso de confiança subvertido em arrogância e prepotência, além de ser tratado como um homem imaturo e mimado.

Por meio dos empregados da casa em que moram em Paris, Claire descobre o caso de Charles com uma mulher casada, Marie Louise de La Tour. Um escândalo poderia minar seus planos porque quem apoiaria um homem desonroso, envolvido com uma pessoa casada. Marie não era qualquer pessoa, era uma princesa de uma Casa nobre, sua família era próxima de Louis, que, por sua vez, poderia negar qualquer auxílio à causa jacobita:

— A arrumadeira diz que Sua Alteza o príncipe Charles tem visitado a princesa Louise de La Tour de Rohan [...] Na ausência do marido da princesa — acrescentei delicadamente.

Jamie parecia se divertir, Jared parecia horrorizado.

— A princesa de Rohan? — perguntou Jared. — Marie-Louise-Henriette-Jeanne de La Tour d’Auvergne? A família do seu marido é muito ligada ao rei [...] — Isso pode ser muito perigoso — murmurou ele, como se falasse consigo mesmo. — Será que o pequeno idiota... não. Certamente ele tem mais juízo. Deve ser apenas inexperiência; ele não tem vivido muito em sociedade e as coisas são diferentes em Roma. Ainda assim... (GABALDON, 2018, p. 130)⁸⁴.

⁸³ Do original: “*Rebellions, like most other business propositions, require capital.*” (GABALDON, 2005, p. 212).

⁸⁴ Do original: “*The parlormaid says that His Highness Prince Charles has been paying calls on the Princesse Louise de La Tour de Rohan, [...] in the absence of the lady's husband,*” I added delicately. Jamie looked amused, Jared horrified. “*The Princesse de Rohan?*” Jared said. Marie-Louise-Henriette-Jeanne de La Tour d’Auvergne? Her husband's family are very close to the King. [...] That could be very dangerous,” he muttered, as though to himself. “*I wonder if the wee fool... but no. Surely he's more sense than that. It must be only inexperience; he's not been so much in society, and things are different in Rome. Still...*” (GABALDON, 2016, p. 133-134)

Realmente, Charles Stuart teve um caso com Marie Louise, porém não antes do levante jacobita como retratado na narrativa, mas depois da derrota e exílio na França. Em ambos os anos não deixaria de ser escandaloso, levando em consideração a posição social de Marie e o fato de Charles ser um perdedor sem dinheiro e trono. Trazer esse acontecimento para a apresentação de Charles na corte francesa antes da partida para a Escócia ajuda a contribuir para a subversão dessa figura histórica. Um homem que não se importa em perder a tão nobre causa de retomada do trono de seu pai para um escândalo amoroso, portanto, não pensava nas consequências de seus atos.

Claire se perguntava como ele seria pessoalmente, pois o conhecia por meio dos livros:

O visitante colocou o pé no parapeito da janela e aterrissou desajeitadamente, estatelando-se no chão. Mas levantou-se logo e aos tropeções, fez uma mesura para mim, arrancando o chapéu desengonçado.

— Madame — disse ele, num francês de sotaque carregado. — Peço-lhe desculpas por chegar assim, sem cerimônia. É uma intrusão, mas é por necessidade que recorro a meu amigo James em hora tão imprópria.

Era um rapaz vigoroso, atraente, com abundantes cabelos castanho-claros cacheados e soltos sobre os ombros. E um rosto bonito, as faces afoqueadas do frio e do esforço físico. Seu nariz escorria um pouco e ele o limpou nas costas da mão envolvida no pano, contraindo-se um pouco ao fazê-lo. [...].

— Minha casa está ao seu dispor, Alteza. — disse ele com um olhar que avaliava a desordem geral dos trajes do visitante. O laço da echarpe de seda do pescoço estava desfeito e as pontas soltas pendiam sobre o peito, metade dos botões estava abotoada de maneira torta e a braguilha de suas calças estava parcialmente aberta. Vi Jamie franzir a testa de leve diante disso e postar-se discretamente em frente ao rapaz para ocultar a indelicada visão de mim.

— Gostaria de apresentar-lhe minha esposa, Vossa Alteza — disse ele. — Claire, lady Broch Tuarach. Claire, este é Sua Alteza o príncipe Charles, filho do rei James da Escócia.

— Ah, sim — disse. — Foi o que imaginei. Hã, boa noite, Alteza. — Meneei a cabeça graciosamente, puxando as cobertas para cima. [...] O príncipe aproveitara a prolixa apresentação de Jamie para ajeitar melhor as calças, e agora olhava para mim, repleto de dignidade real.

— O prazer é meu, madame — disse ele, e fez uma nova reverência, agora de uma forma muito mais elegante [...] (GABALDON, 2018, p. 201-202)⁸⁵.

⁸⁵ Do original: *The visitor caught his foot on the sill and landed clumsily, sprawling on the floor. He scrambled up at once, though, and bowed to me, snatching off his slouch hat. "Madame," he said, in thickly accented French. "I must beg your pardon, I arrive so without ceremony. I intrude, but it is of necessity that I call upon my friend James at such an unsocial hour." He was a sturdy, good-looking lad, with thick, light-brown hair curling loose upon his shoulders, and a fair face, cheeks flushed red with cold and exertion. His nose was running slightly, and he wiped it with the back of his wrapped hand wincing slightly as he did so.[...] "My house is at your service, Your Highness," he said, with a glance that took in the general disorder of the visitor's attire. His stock was undone and hung loosely around his neck, half his buttons were done up awry, and the flies of his breeches flopped partially open. [...]. "If I may present my wife, Your Highness?" he said. "Claire, my lady Broch Tuarach. Claire, this is His Highness, Prince Charles, son of King James of Scotland." "Um, yes," I said. "I'd rather gathered that. Er, good evening, Your Highness." I nodded graciously, pulling the bedclothes up around me. [...] The Prince had taken advantage of Jamie's long-winded introduction to fumble his trousers into better*

Charles por pouco não foi pego pelo marido de Marie Louise e fugiu tarde da noite pelos telhados até chegar à casa de James e Claire. O primeiro encontro não foi de maneira formal em algum evento da alta sociedade parisiense, como sua posição como príncipe demandaria, mas em uma situação nada agradável. Roupas bagunçadas, nariz escorrendo, braguilha aberta. Essa situação não pode confirmar se ele seria um bom líder ou não para comandar um exército. Contudo, essa construção nos faz notar que ele é um homem como qualquer outro e não um herói beirando ao mitológico, conforme retratado nos livros de história ou retratado pelos artistas.

Com a falha da missão na França, eles poderiam se afastar do conflito que iria iniciar-se, não fosse a desonestidade de Charles em falsificar a assinatura de James como apoiador da causa jacobita. Mais uma vez, James tornaria-se injustamente um criminoso, um traidor da Coroa. Não havia alternativa a não ser tentar mudar o curso da história fazendo Charles ganhar. As primeiras vitórias ocorreram como dizia a história documentada mesmo com um número menor de soldados. Edimburgo foi conquistada, a Escócia estava nas mãos dos jacobitas, mas Charles não se contentava com essa vitória, ou seja, não estava satisfeito em apenas governar a terra de seus antepassados, pois sua ganância e tolice almejava dominar os quatro reinos:

[...] eu venci. Marcharemos para a Inglaterra daqui a uma semana, para reclamar todas as terras do meu pai! [...]
 — Hã, Alteza — começou lorde Kilmarnock, cautelosamente. — Não seria mais prudente considerar...?
 Tentaram. Todos eles tentaram. A Escócia, ressaltaram, já pertencia a Charles, com tudo que tinha de melhor. Do norte, continuavam a chegar homens em grandes números, embora do sul parecesse haver pouca esperança de apoio. E os lordes escoceses tinham plena consciência de que os homens das Terras Altas, ainda que guerreiros ferozes e leais partidários, também eram fazendeiros. Os campos tinham que ser trabalhados para o plantio na primavera; o gado precisava de provisões para passar o inverno. Muitos dos homens resistiriam a seguir avançando na direção sul nos meses de inverno (GABALDON, 2018, p. 683-684)⁸⁶.

order, and now nodded back at me, full of Royal dignity. "It is my pleasure, Madame," he said, and bowed once more, making a much more elegant production of it. (GABALDON, 2016, p. 212-213)

⁸⁶ Do original: *"I have prevailed, I say, though. We march into England on this day a week, to reclaim all of my Father's lands!" [...] "Er, Your Highness," Lord Kilmarnock began, carefully. "Would it not be wiser to consider...?" They tried. They all tried. Scotland, they pointed out, already belonged to Charles, lock, stock, and barrel. Men were still pouring in from the North, while from the South there seemed little promise of support. And the Scottish lords were all too aware that the Highlanders, while fierce fighters and loyal followers, were also farmers. Fields needed to be tilled for the spring planting; cattle needed to be provisioned for overwintering. Many of the men would resist going deeply into the South in the winter months.* (GABALDON, 2016, p. 735-736).

Se ele aceitasse ter somente a Escócia, com o apoio de parte do país, poderia tentar impor uma independência. Porém, Charles não pôde ser convencido pelos seus comandantes, muito menos por James, que sabia do futuro, sua ganância cega almejava reconquistar os quatro reinos, mesmo sabendo que sofreria fortes objeções dos protestantes a um rei católico.

O apoio esperado não viera da Inglaterra. Se avançassem para Londres, mesmo que fracassassem, algo diferente na história oficial teria sido feito. Entretanto, as tropas recuaram em direção à Culloden. Charles, em sua arrogância de admitir sua posição errônea, assumiu o comando do exército, devido às discordâncias de seus aliados os quais o alertavam da derrota iminente se lutassem em Culloden, uma charneca plana que daria vantagem aos canhões ingleses, além de ignorar as condições físicas dos soldados, sem alimento suficiente para lhes dar força. Os conselhos de seus generais não eram ouvidos. Dessa forma, restava aos protagonistas uma última e desesperada alternativa, a de matar Charles Stuart:

— Jamie. Resta apenas uma coisa... uma última possibilidade.[...]

— É Charles Stuart — disse, finalmente. — É ele... tudo. A batalha, a guerra... tudo depende dele, não vê? [...].

— Se ele morresse... agora. Hoje. Ou esta noite. Jamie, sem Charles, não há nada pelo qual lutar. Ninguém para ordenar que os homens marchem para Culloden. Não haveria batalha. [...]

— Eu poderia fazê-lo — disse. Meu coração batia com tanta força que eu mal conseguia respirar. — Eu poderia lhe preparar uma poção. Acho que conseguiria persuadi-lo a bebê-la.

— E se ele morresse depois de tomar seu remédio? Santo Deus, Claire! Eles a matariam ali mesmo. [...]

— I-isso importa? [...] Foi Charles quem escolheu lutar em Culloden, Charles, cuja autocracia míope e teimosa desafiara os conselhos de seus próprios generais e levava adiante a invasão da Inglaterra. [...] Não havia nenhum suporte proveniente do sul; os ingleses jacobitas que existissem não acorreram como se esperava ao estandarte de seu rei. [...] Se Charles estivesse morto, a batalha de Culloden não aconteceria. Uma vida, contra duas mil. Uma vida — mas uma vida real, e tirada não em combate, mas a sangue-frio. [...]

— Não posso — sussurrou ele. Sua mão tocou meu rosto de leve, envolvendo minha face. — Quisera Deus que eu pudesse, Sassenach. Não posso fazer isso. (GABALDON, 2018, p. 807-811)⁸⁷.

⁸⁷ Do original: "*Jamie. There's only one thing left—only the one possibility.*" [...] "*It's Charles Stuart,*" I said, at last. "*It's him—everything. The battle, the war— everything depends on him, do you see?*" [...] "*If he were to die... now. Today. Or tonight. Jamie, without Charles, there's nothing to fight for. No one to order the men to Culloden. There wouldn't be a battle.*" [...] "*I could do it,*" I said. *My heart was beating heavily in my chest, making it hard to breathe. "I could mix him a draught. I think I could persuade him to take it."* "*And if he should die upon drinking your medicine? Christ, Claire! They would kill ye on the spot!*" [...] "*D-does that matter?*" [...] *It was Charles who had chosen to fight at Culloden, Charles whose stubborn, shortsighted autocracy had defied the advice of his own generals and gone to invade England.* [...] *There was no support from the South; such English Jacobites as there were did not rally as expected to the banner of their king.* [...] *If Charles Stuart were dead, the battle of Culloden might not take place. One life, against two thousand. One life—but that life a Royal one, and taken not in battle, but in cold blood.* [...] "*I cannot,*" he whispered. *His hand touched my face briefly, cupping my cheek. "Would God that I could, Sassenach. I cannot do it."* (GABALDON, 2016, p. 872-875).

Apesar de ser uma escolha desesperada, a honra de James o impede de matar um homem a sangue frio. A guerra girava em torno dele. Se ele morresse, a luta não teria motivação para ocorrer. Seria uma vida em troca de milhares. Entretanto, até essa decisão era incerta, como foram todas as anteriores. Charles poderia ser morto, mas alguém poderia levar adiante sua ideia.

Claire não trata Charles Stuart como herói da forma pela qual os escoceses viriam a se referir a ele por tentar buscar uma emancipação escocesa do subjugo inglês (um símbolo nacionalista), embora sua intenção não fosse uma separação do reino, mas sim comandar todos eles. Há uma desmistificação do herói ao tratá-lo como um homem qualquer: falho, repleto de arrogância, prepotência, teimosia de fomentar uma guerra infrutífera. Charles leva seus soldados a um massacre sem ao menos lutar ao lado deles e morrer de forma heróica. Vendo a derrota, fugiu da guerra covardemente. Ele não pagou pelos seus atos. Precisou se esconder até ser possível retornar para a França disfarçado, vestido de mulher, para não ser preso pelo exército real. Continuou sua vida no exílio, enquanto milhares foram até o final da luta, como James:

— Ele era um idiota, um bêbado, um homem tolo e fraco — declarou ela apaixonadamente. — Todos eles eram uns tolos [...] Mas sabe o que é realmente engraçado? Aquele pobre, tolo beberrão e seus auxiliares estúpidos e gananciosos; e os homens honrados e tolos que não admitiam recuar...tinham uma única virtude: eles acreditavam. E o engraçado é que isso é tudo que permaneceu deles. Toda a tolice, a incompetência, a covardia e a vaidade, tudo isso desapareceu. Tudo que resta agora de Charles Stuart e seus homens é a glória que eles buscavam e nunca encontraram. (GABALDON, 2018, p. 840)⁸⁸.

Os atos ruins se perdem e a história preserva apenas as virtudes dos jacobitas: a coragem de lutar pelo trono. Claire e James não conseguem mudar o passado concreto, os fatos acontecem, como se as interferências deles, no fim das contas, fizessem parte da história, e Claire já fizesse parte do passado: “Não pude reprimir um pequeno gemido ao ouvir o nome Culloden. Então era ali. Apesar de tudo, iria acontecer, e nós estávamos ali.” (GABALDON, 2018, p. 804)⁸⁹. Eles tinham controle sobre suas próprias ações, tais como ajudar Jenny e as pessoas de Lallybroch, curar os doentes, mas havia outros atores que lhes

⁸⁸ Do original: *"He was a fool, and a drunkard, and a weak, silly man," she declared passionately. "They were all fools" [...] "But do you know what's really funny? That poor, silly sot and his greedy, stupid helpers; and the foolish, honorable men who couldn't bring themselves to turn back... they had the one tiny virtue among them; they believed. And the odd thing is, that that's all that's endured of them—all the silliness, the incompetence, the cowardice and drunken vainglory; that's all gone. All that's left now of Charles Stuart and his men is the glory that they sought for and never found."* (GABALDON, 2016, p. 906-907).

⁸⁹ Do original: *"I couldn't repress a small moan at the name of Culloden. It was here, then. Despite everything, it had come to pass, and we were here."* (GABALDON, 2016, p. 869).

fugiam do controle e levavam a história para seu curso estabelecido. Como agir sobre o desejo do outro, principalmente, de um homem da qualidade de Charles Stuart, cujo temperamento difícil não lhe permitia enxergar a derrota?

Questionamo-nos o que teria acontecido se Claire e James tivessem tido sucesso. O que teria ocorrido se as tropas jacobitas ganhassem das tropas dos Hanover? Seria a Escócia independente do subjugado inglês? O sistema de clãs teria sobrevivido por mais tempo ou estava de qualquer forma fadado à extinção? Não temos essas respostas e as narrativas nos permitem apenas especular. Como bem aponta Mclynn (2020), a especulação sobre o que poderia ter ocorrido é um processo importante para entendermos a história. A pergunta “e se?” é importantíssima, pois permite aos historiadores analisarem diversos outros fatores que poderiam alterar o curso da história e até mesmo permite questionar o status de verdade absoluta dos fatos históricos (GALLAGHER, 2019). Isso não entraria em uma criação de uma ficção por parte dos historiadores, pois é necessário tentar comprovar com dados as hipóteses levantadas. A respeito da especulação, *Outlander* se enquadraria como “fiction-fact” (GALLAGHER, 2019, p. 1131), pois Gabaldon não reimagina todo um universo no qual a Revolução Jacobita de 1745 foi vencida, assim como narrativas contrafactuais o fazem. Pelo contrário, apesar de todos os esforços dos protagonistas, a história não é alterada, tudo acontece como os fatos documentados afirmavam. A narrativa apenas permeia, costura e preenche as lacunas históricas e as personagens são movimentadas pela condicional “e se”, ou seja, um mundo no qual a guerra não acontece ou até mesmo, a vitória deles seja certa. Contudo, devido à falha nessa importante missão, não chegamos a conhecer o que teria acontecido. Nós, como leitores, tínhamos esperança na empreitada de Claire e James e, por conhecer a cultura *highlander* e saber seu destino fatídico, restou-nos apenas a especulação desse universo com perguntas sem respostas concretas. A história mostra o sistema de clãs padecendo. Porém, não haveria um outro meio menos abrupto, sem ceifar tantas vidas? Desse modo, não podemos nos limitar a uma visão fatalista, baseada no predestinado. Se seguissemos essa ideia, não consideraríamos que escolhas diferentes poderiam levar a novas consequências e tudo poderia mudar. Claire, por exemplo, era um fator diferente naquela equação histórica.

Considerações finais

Waverley foi um livro extremamente importante para a história da Escócia, não só por criar um novo gênero literário, mas por levar um novo olhar sobre os escoceses das Terras Altas. A narrativa permitiu mudar a visão que as pessoas tinham, principalmente o próprio governo. *Waverley*, ainda assim, retratou os dois lados do último levante de 1745, o dos Hanover e o dos Stuarts. *Outlander* e *Dragonfly in Amber* retomam o mesmo período histórico; entretanto, não apresentam ambos os lados. Gabaldon traz a perspectiva do homem comum das Terras Altas, apresentando sua rica cultura. A história oficial carece, como analisamos, desses outros olhares. Entretanto, nos perguntamos, quando não há registro suficiente, o que pode ser feito? A resposta a essa pergunta está na literatura e na sua possibilidade de especulação, de criar. Temos informações sobre como era a cultura *highlander*: sistema patriarcal, de clãs, jurisdições próprias, forte vínculo de parentesco, pois acreditavam em um ancestral em comum. Descendentes dos celtas, tinham fortes crenças folclóricas. A partir disso, o homem das Terras Altas pode ser imaginado e construído. Sabemos o período histórico em que ele está e o envolvimento político. Sem informações suficientes, a ficção permeia-se na história e preenche as lacunas.

Inserido no Pós-Modernismo, *Outlander* nos apresenta a protagonista Claire, uma mulher do futuro presa no passado. A narrativa não permite que a história se encerre em si mesma, trazendo apontamos sobre o papel do historiador e das artes na construção do discurso histórico, principalmente, da interpretação das lacuna feita pelos próprios historiadores. O enredo se movimenta a partir de uma única pergunta feita por Claire e James “Conseguimos mudar o passado?”. Pela narrativa, Claire percebe a impossibilidade de se alterar o passado, pois há muitos atores desconhecidos na história, não havendo, portanto, detalhes suficientes para saber se as nossas ações teriam grande importância. Mesmo o assassinato da figura histórica de Charles Stuart poderia não surtir o efeito desejado, pois ideias não morrem com pessoas. Havia muitos outros defensores do movimento. Porém, a importância da presença de Claire não se dá na alteração de grandes acontecimentos, mas na história do dia a dia, nos pequenos fatos corriqueiros que não entram nos livros de história por serem considerados irrelevantes, como orientar Jenny a plantar batatas para se preparar para as consequências do levante ou os homens de Lallybroch salvos a partir de seu conhecimento médico.

Com esse trabalho, tentamos demonstrar o quão intrincado é o estudo de história e literatura. Apesar de olharmos um período histórico de forma sincrônica, no caso, o Movimento Jacobita, mais especificamente, o último levante de 1745, precisamos pontuar a

importância de conhecermos a história a fim de sabermos quem somos, de onde viemos e para onde podemos ir, ou seja, quais são as nossas possibilidades com esse conhecimento. No passado ao último levante, vemos a Escócia e a Inglaterra em uma relação conturbada, com invasão e supressão com Edward I, conhecido como Martelo dos Escoceses. Claramente, esse nome não foi dado por ter tido uma boa relação com seus vizinhos do norte. Nesse período, o país precisou reconquistar sua independência.

Entretanto, na história, houve a união por meio do casamento entre a filha de Henry VII, Margaret Tudor, e o rei escocês, James IV. Foi esse casamento que permitiu a futura União dos países e a consequente perda da sonhada independência. A ideia do casamento era manter uma boa relação entre as nações, relação quebrada com a guerra entre Inglaterra e França. Por ser parceira e aliada da França por muitos anos, a Escócia envolveu-se no conflito. Essa guerra culmina na morte de James IV e no fim de qualquer apaziguamento entre os vizinhos.

Os países já tinham estado em lados contrários. Enquanto a religião foi reformada por Henry VIII na Inglaterra, a Escócia permanecia católica. Após a reforma presbiteriana, o norte nas *Highlands* permaneceu predominante católico. Com a União, vieram outros agravos, tais como um rei estrangeiro, dotado de um direito divino de governar e com uma escondida veneração pela religião católica. Tudo isso levaria à deposição, mudança de dinastia e à tentativa jacobita de restauração.

Sabemos amplamente a história oficial, encontrada em diversos livros. Trouxemos diferentes autores de ambas as nacionalidades, de diferentes gêneros, de diferentes décadas de publicação, buscando múltiplas perspectivas para o entendimento dos fatos. Entretanto, a história oficial, acaba tendo um viés positivista de uma história acabada, encerrada, como se tivesse contado todo o necessário, ou seja, uma história única. Porém essa premissa não é verdadeira. A historiografia tornou-se ciente de que não há uma neutralidade na história, o historiador leva seu viés ideológico em seu texto. Ele escolhe um recorte a ser estudado, seleciona um ponto de vista, um narrador, escolhe as palavras a serem utilizadas e que podem mudar o significado do período histórico. Daí, a primeira relação com o literário, a narrativa. Deixando de lado uma visão utópica do fazer neutro de história, percebemos que há muito ainda a ser contado, como o ponto de vista dos grupos que tiveram suas histórias apagadas e suprimidas. É necessário lançar um outro olhar sobre a história, um olhar crítico para o passado. A história é constantemente reescrita incluindo olhares que podem ser resgatados.

A batalha de Culloden foi o começo do fim. Com a batalha seguiu-se uma terra desolada. Era isso que Claire tanto temia, ao ponto de tentar mudar a sina dos *highlanders*.

Houve o desarmamento e o fim da jurisdição dos chefes. Clãs ficaram sem seus líderes devido às condenações à força ou pela fuga. Restava ao povo perdido emigrar seja para as colônias ou para as cidades industriais do sul, abandonando suas vilas, suas terras e seu meio de vida:

À medida que as terríveis consequências do desastre militar se instalaram como nuvens negras sobre as montanhas, a moral se esvaiu e o espírito independente dos clãs e de seus chefes encolheu até morrer. Depois de Culloden os clãs foram dizimados. As florestas cresceram livremente de novo, as casas no litoral foram abandonadas e tudo que restou foi apenas as altas ondas do mar. (MOFFAT, 2013, p. 108, tradução nossa).⁹⁰

Moffat faz uma analogia da evasão das Terras Altas a partir de um poema escrito por Donald MacIver após visitar, com o tio idoso, a abandonada cidade de Carnish onde crescera. A emoção sentida pelo tio pode ser retratada no poema ao trazer o fato de somente as ondas do mar sobrirem, não havendo mais vida, nem mais cultura, pois a supressão da Coroa continuou para os highlanders que não migraram. O governo apenas olhava para as Terras Altas em busca de jovens para lutar suas guerras, como a Guerra dos Sete Anos. Muitos deles não retornaram, e há uma estimativa de 75.000 recrutamentos após Culloden:

Nunca houve uma mudança de comportamento nacional tão grande, generalizada e rápida como ocorreu nas Terras Altas pela última guerra e as subsequentes leis aprovadas... Os clãs mantinham agora pouco de seu caráter original. Seu comportamento feroz foi abrandado, seu ardor militar foi extinto, seu desprezo pelo governo e sua reverência para os chefes foi reduzida. (MOFFAT, 2013, p. 114, tradução nossa).⁹¹

A fala de Dr. Samuel Johnson após visitar as Terras Altas em 1773, transcrita por Moffat, registra bem como ficou a cultura *highlander* após o último levante jacobita. O plano do governo de curvar os clãs foi sucedido. Não havia como se opor ao governo, pois os chefes não tinham mais poder, eram apenas proprietários agora, iniciando a perda do elo afetivo de ancestral em comum que mantinha o clã unido. Muitos foram expulsos pelos seus chefes das terras em que viviam. Então, como ter propriedades era importante, pessoas foram substituídas por ovelhas. De acordo com a visão dos chefes, pensando no lucro, não

⁹⁰ Do original: *As the fell consequences of military disaster settled like dark clouds over the mountains, morale drained away and the independent spirit of the clans and their chiefs shrivelled and died. After Culloden the clans were broken. The woods of the west grew wild once more, and by the shore houses were left deserted and all that remained was the high surge of the sea.*

⁹¹ Do original: *“There were perhaps never any change of national manners so quick, so great and so general as that which has operated in the Highlands by the late conquest and subsequent laws... The clans retain little now of their character. Their ferocity of temper is softened, their military ardour is extinguished, their contempt for government subdued and their reverence for their chiefs abated.*

compensava manter pessoas apenas plantando para própria alimentação, rebanhos eram mais lucrativos: “Nosso chefe perdeu seus sentimentos de parentesco, ele prefere ovelha nos vales e seus jovens nos regimentos militares das Terras Altas” (MOFFAT, 2013, p. 115, tradução nossa)⁹², afirmava o bardo do clã Chisholm. Pessoas eram expulsas e jovens enviados para a guerra.

A visão do povo *highlander* ser selvagem vivendo em uma terra inóspita começa a mudar quando o poeta escocês James Macpherson resgata essa cultura do esquecimento. Ele reuniu e publicou diversas histórias orais narradas pelos bardos dos clãs, como aquelas presenciadas por Claire no castelo Leoch. Macpherson publicou também *Ossian*, um poema épico descoberto por ele, com a narrativa das bravuras dos habitantes daquelas terras. O livro foi um sucesso, influenciando grandes artistas como Goethe e até mesmo grandes figuras políticas como Napoleão (MOFFAT, 2013). Vemos mais uma vez a importância das artes em contribuir com uma mudança de visão acerca de um povo. Descobriu-se, no futuro, que o poema *Ossian* não era totalmente original como Macpherson afirmava. Ele havia preenchido as lacunas do poema e feito adaptações, como fora feito com versões do fragmentado livro *Satíricon*, de Petrónio. De qualquer forma, não podemos negar a grande influência e contribuição do poema épico.

Como abordamos, uma extraordinária contribuição para a história veio com *Waverley* (1814) de Walter Scott, mudando a visão que as pessoas tinham sobre os insurgentes jacobitas (MOFFAT, 2013). Não é muito claro se o sucesso de *Waverley* influenciou a ida de George IV para as Terras Altas em 1822, porém não duvidemos dessa possibilidade. O último monarca a visitar a Escócia foi Charles II após a Restauração. Desde então, o relacionamento com o governo foi cada vez mais conflituoso, principalmente, após a deposição de James II. William, Anne e os Hanovers apenas enviaram soldados para conter os clãs jacobitas, não havia tentativas de apaziguamento. A visita reuniu diversas pessoas curiosas à sua chegada. O rei compareceu a festas em Holyrood Palace, em Edimburgo, trajado com *kilt* em tartã, roupa típica até então proibida, uma grande mudança de atitude fazendo a popularidade do tartã aumentar. O último nobre a comparecer em Holyrood foi Charles Stuart junto aos clãs para comemorar a conquista de Edimburgo, no último levante jacobita. Se a presença de Charles Stuart nesse palácio foi um divisor de águas para a história da Escócia, a visita de George IV também foi significativa.

⁹² Do original: *Out chief has lost his feeling of kinship, he prefers sheep in the glen an dhis young men in the Highland Regiments.*

Quem de fato visitou a região das *Highlands* foi a sobrinha de George IV, rainha Victoria, entusiasta da poesia escocesa. Ela se hospedou em Balmoral, pertencente a uma antiga família jacobita. A propriedade foi adquirida pela Coroa Britânica e reformada para o formato atual. Na arquitetura e decoração, o estilo escocês foi escolhido e, dentre as opções, o estilo Stuart. Desde então, a rainha fazia visitas anuais, pois amava o clima das Terras Altas (MOFFAT, 2013). O olhar do reino voltava-se para onde a rainha ia, e, portanto, um novo olhar voltava-se para a Escócia. Inverness foi ligada por uma linha férrea até a cidade de Oban, pois, assim, seria mais fácil e rápido o acesso às grandes galerias de vales. Com isso e o aval da rainha, o turismo começou a incrementar na região. O reino não precisava temer os antigos insurgentes, poderiam conhecê-los além do retratado no literário. O whisky, jogos populares escoceses, competições de dança se popularizaram. A cultura *highlander* era reavivada, principalmente, por entidades que surgiam em busca de resgatar e manter sua memória com aprovação da Rainha.

Precisamos destacar que mesmo com as mudanças após as visitas da última representante do clã Hanover, o espírito de independência ainda era vivo. Como somos seres históricos, o passado é presente e o futuro é construído a partir dele. Não surpreende tal sentimento. Dentre as conquistas, está a descentralização do Parlamento (THE SCOTTISH PARLIAMENT, c2023). Recriado em 1998, o Parlamento escocês, após reivindicações que duraram décadas, dissolveu a unificação de parlamentos iniciada em 1707. Ora, a Escócia tinha poucos assentos, insuficientes para representar os interesses do país em Westminster. Seria justo os próprios escoceses legislarem sobre determinadas matérias concernentes a seu país, pois eles sabiam das demandas necessárias e urgentes. Com um Parlamento independente, viria o cargo de primeiro ministro para representar a instituição e ser chefe de governo.

Ter um próprio Parlamento para legislar sobre seus impostos e poder administrar o país é um grande avanço, ainda assim, não é uma total independência. Entretanto, foi um caminho aberto para esse desejo ser discutido. Em 2014, foi realizado um plebiscito com a população escocesa, fomentado pelo Partido Nacionalista. Eles precisaram decidir se seriam favoráveis ou não à saída do Reino Unido. Diferentemente do plebiscito realizado em 1997, com resultado favorável à independência do Parlamento, dessa vez, a maioria dos escoceses votou contra a saída do Reino Unido, com 55,3% dos votos (VILELA, 2014). Os contrários temiam problemas econômicos, pois o país teria de reingressar na União Europeia. O Reino Unido deixou a União em 2020, desejando maior soberania econômica e de imigração, em um movimento que ficou mundialmente conhecido como *Brexit*, em inglês, significando a junção

das palavras *Britain* e *exit*. A saída não foi bem vista por parte dos escoceses. Portanto, para 2023, o Partido Nacional Escocês tenta novamente fazer outro plebiscito para uma possível independência. Não sabemos se os escoceses serão favoráveis. Podemos especular apenas que o *Brexit* e a morte da Rainha Elizabeth II, em 2022, símbolo de uma união do Reino e da *Commonwealth*, podem influenciar a opinião pública.

Por fim, a partir das discussões levantadas pelas narrativas, concluímos que a história não pode ser mudada de forma concreta, não há máquinas do tempo ou círculos de pedras mágicas. Entretanto, a história não está encerrada, pode ser reavaliada e reescrita pelos historiadores e também pelos artistas, como *Waverley* fez e como a saga *Outlander* tem feito nos últimos anos. Esperamos que esse movimento não se encerre, provocando, assim, a construção de novas narrativas de forma crítica, trazendo visões sobre povos outrora silenciados.

Referências

ARPONEN, V. P. J.; RIBEIRO, Artur. Ritual and Landscape. In: Haug, A., Käppel, L. and Müller, J. (org.): *Past Landscapes*, The Dynamics of Interaction between Society, Landscape and Culture. Leiden: Sidestone Press, 2019.

ARRIGUCCI JÚNIOR, Davi. Teoria da narrativa: posições do narrador. *Jornal de Psicanálise do Instituto de Psicanálise - SBPSP*, São Paulo, v. 31, n. 57, p. 9-43, 1998.

BARROS, José D' Assunção. Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes filmicas. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 32, n. 55, p. 175-202, jan./jun., 2011.

BAUMAN, Zigmunt.. *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CAMPSIE, Alison. Outlander author Diana Gabaldon 'very honoured' with honorary degree from Scots university. *The Scotsman*, Edinburgh, 28 jun. 2022. Disponível em: <https://www.scotsman.com/news/national/outlander-author-diana-gabaldon-very-honoured-with-honorary-degree-from-scots-university-3749094>. Acesso em: 11 de ago. 2022.

CARR, Edward Hallet. O historiador e seus fatos. In: CARR, Edward Hallet. *Que é história?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CARROLL, Lewis. *Alice's Adventures in Wonderland And Through the Looking-Glass and What Alice Found There*. London: Penguin Books, 1998.

CLAVA CAIRNS. In: VISIT Scotland, [s. l.], c2022. Disponível em: <https://www.visitscotland.com/info/see-do/clava-cairns-p245611>. Acesso em 30 ago. 2022.

CULLODEN BATTLEFIELD. In: GOOGLE Maps. [s. l.], c2022. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Culloden+Battlefield/@57.4663325,-4.2547445,11z/data=!4m5!3m4!1s0x488f7a1afe782713:0xd87d3475f1f54627!8m2!3d57.4777898!4d-4.095711>. Acesso em: 30 ago. 2022.

DE BARROS LARAIA, Roque. *Cultura: um conceito antropológico*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1986.

GABALDON, Diana. *Book Ten – Outlander Series of Novels*. Disponível em: <http://www.dianagabaldon.com/books/outlander-series/book-ten-no-title-yet/>. Acesso em: 10 de ago. 2022.

GABALDON, Diana. *Dragonfly in Amber*. New York: Dell, 2016.

GABALDON, Diana. *FAQ: About Diana*. Disponível em: <http://www.dianagabaldon.com/about-diana/bio/>. Acesso em: 9 ago. 2022.

GABALDON, Diana. *FAQ: About the Books*. Disponível em: <http://www.dianagabaldon.com/resources/faq/faq-about-the-books/>. Acesso em: 9 de ago.

2022.

GABALDON, Diana. *Lord John Grey Series*. Disponível em: <http://www.dianagabaldon.com/books/lord-john-grey/>. Acesso em: 11 de ago. 2022.

GABALDON, Diana. *Outlander*. New York: Bantam Dell, 2005.

GABALDON, Diana. *Outlander: A Libélula no Âmbar*. Tradução de Geni Hirata. São Paulo: Arqueiro, 2018.

GABALDON, Diana. *Outlander: A Viajante do Tempo*. Tradução de Geni Hirata. São Paulo: Arqueiro, 2016.

GABALDON, Diana. *Seven Stones To Stand or Fall*. Disponível em <http://www.dianagabaldon.com/books/novellas-and-short-fiction/seven-stones-to-stand-or-fall-2/>. Acesso em: 11 de ago. 2022.

GABALDON, Diana. *The Exile: An Outlander Graphic Novel*. Disponível em: <http://www.dianagabaldon.com/books/outlander-series/the-exile-graphic-novel/>. Acesso em 11 de ago. 2022.

GABALDON, Diana. *Voyager*. [s. l.]: Random House, 2002.

GALLAGHER, Catherine. Facts, Fictions, Counterfactuals. *PMLA*, New York, v. 134, n. 5, p. 1129-1135, Out. 2019.

GOSSMAN, Lionel. *Between History and Literature*. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

HISTORY of the Scottish Parliament. *In: The Scottish Parliament*. Edinburgh, c2023. Disponível em: <https://www.parliament.scot/about/history-of-the-scottish-parliament/the-path-to-devolution#topOfNav>. Acesso em: 18 fev. 2023.

HOOKE, Andrew. Introduction. *In: SCOTT, Walter. Waverley*. London: Penguin Classics, 1985.

HOUSTON, Rab. *Scotland: a very short introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

HUME, David. *História da Inglaterra: Da invasão de Júlio César à Revolução de 1688*. Tradução de Pedro Paulo Pimenta. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HUME, David; *The History of England*. Indianapolis: Liberty Fund, Inc, 1983. v. 3.

HUME, David; *The History of England*. Indianapolis: Liberty Fund, Inc, 1983. v. 5.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo: História, Teoria, Ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KELTIE, John Scott (Ed.). *A history of the Scottish Highlands, Highland clans and Highland regiments*. Salt Lake City: Project Gutenberg, 2019. v. 1.

KELTIE, John Scott (Ed.). *A history of the Scottish Highlands, Highland clans and Highland regiments*. Salt Lake City: Project Gutenberg, 2019. v. 2.

LEVINE, Mortimer. A Parliamentary Title to the Crown in Tudor England. *Huntington Library Quarterly*, [Oakland], v. 25, n. 2, p. 121-127, 1962.

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MACLEAN, Fitzroy. *Scotland: a concise history*. London: Thames & Hudson, 2019.

MACPHERSON, Alan Gibson. *An old Highland genealogy and the evolution of a Scottish clan*. [s. l.]: Oliver and Boyd Limited, 1966.

MARTLEW, Roger; RUGGLES, Clive. Ritual and landscape on the west coast of Scotland: an investigation of the stone rows of northern Mull. In: *Proceedings of the Prehistoric Society*. Cambridge, v. 62, p. 117-131, 1996.

MASON, Roger. Renaissance and Reformation: The Sixteenth Century. In: WORMALD, Jenny (ed.). *Scotland: A history*. New York: Oxford University Press, 2005.

MAUROIS, André. *História da Inglaterra*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1959

MCLYNN, Frank. *The Jacobites*. [s. l.]: Sharpe Books, 2020.

MOFFAT, Alistair. *The Highland clans*. London: Thames & Hudson, 2013.

OMMER, Rosemary. Primitive accumulation and the Scottish clann in the Old World and the New. *Journal of Historical Geograph*, New Foundland, v. 12, n. 2, p. 121-141, 1986.

OUTLANDER Tv series faq. In: Diana Gabaldon. [s. l.], c2022. Disponível em: <http://www.dianagabaldon.com/other-projects/movies-mini-series-and-musicals/minifaq/>. Acesso em: 11 de ago. 2022.

PETRÔNIO. *Satíricon*. Tradução de Cláudio Aquati. São Paulo: Editora 34, 2021.

PITTOCK, Murray. *Great Battles - Culloden*. New York: Oxford University Press, 2016.

RUSSELL, Conrad. *The Crisis of Parliament: English history 1509-1660*. New York: Oxford University Press, 1971.

SCOTT, Walter. *Waverley*. London: Penguin Classics, 1985.

SGROI, Rosemary. 1563. *History of Parliament: British Political, Social & Local History*, London, c2020. Disponível em: <https://www.historyofparliamentonline.org/volume/1558-1603/parliament/1563>. Acesso em 27 ago. 2022.

SZECHI, Daniel. *The Jacobites: Britain and Europe, 1688-1788*. Manchester: Manchester University Press, 2019.

TREVELYAN, George Macaulay. *England under the Stuarts*. Abingdon: Routledge, 2013.

TREVELYAN, George Macaulay. *História Concisa de Inglaterra I*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1942.

TREVELYAN, George Macaulay. *História Concisa de Inglaterra II*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1942.

UNESCO status “would better protect” Battle of Culloden. *In*: BBC News. London, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-scotland-highlands-islands-50331459>. Acesso em: 17 out. 2022.

VILELA, Gustavo. Escócia fez três plebiscitos para decidir a sua relação com o Reino Unido. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 set. 2014. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/escocia-fez-tres-plebiscitos-para-decidir-sua-relacao-com-reino-unido-13991078>. Acesso em: 18 de fev. 2023.

WHITE, Hayden. *Meta-história: A imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

WORMALD, Jenny. Confidence and Perplexity: The Seventeenth Century. *In*: WORMALD, Jenny (ed.). *Scotland: A history*. New York: Oxford University Press, 2005. p. 123-149.